



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas
Programa de Pós-Graduação Territórios e Expressões Culturais No Cerrado
(TECCER)

SIRLENE ALVES DA SILVA

SOB A LUZ DO LUAR:

Natureza e religiosidade na Festa do Morro dos Pireneus/Pirenópolis-Go (1927-2019)

Anápolis

2020

SIRLENE ALVES DA SILVA

SOB A LUZ DO LUAR:

Natureza e religiosidade na Festa do Morro dos Pireneus/Pirenópolis-Go (1927-2019)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais e Humanidades, Linha de Pesquisa: Saberes e Expressões Culturais do Cerrado.

Orientadora: Dra. Maria de Fátima Oliveira
Coorientador: Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira

Anápolis

2020



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA n.1087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do autor / autora.

Dados do autor (a)

Nome Completo: Sirlene Alves da Silva

E-mail: sirlepiri@hotmail.com

Dados do trabalho

Título: SOB A LUZ DO LUAR: Natureza e religiosidade na Festa do Morro dos Pireneus/Pirenópolis-Go (1927-2019)

(X) Dissertação


Curso/Programa: Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Territórios e Expressões Culturais no Cerrado- TECCER


Concorda com a liberação documento?

[X] SIM [] NÃO

Obs: Período de embargo é de um ano a partir da data de defesa

Pirenópolis 20/10/2020
Local Data


Assinatura do autor / autora


Assinatura do orientador / orientadora

Ficha catalográfica

S586s

Silva, Sirlene Alves da.

Sob a luz do luar [manuscrito]: natureza e religiosidade na Festa do Morro dos Pireneus / Pirenópolis/Go (1927- 2019) / Sirlene Alves da Silva – 2020.

150 f. : il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Oliveira.

Coorientador: Prof. Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira.

(Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no

Cerrado). Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Anápolis, 2020.

1. Religião – Ritualidades - Goiás(Estado). 2. Festas religiosas – Cerrado goiano. 3. Festas religiosas – Representação simbólica - Goiás(Estado). 4. Dissertações – TECCER - UEG/UnuCSEH. I. Oliveira, Maria de Fátima. II. Oliveira, Eliézer Cardoso de. III. Título.

Elaborada por Aparecida Marta de Jesus Fernandes
Bibliotecária/UEG/UnuCSEH
CRB1/2385

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos vinte e seis dias do mês de março do ano de dois mil e vinte, a partir das nove horas, realizou-se a sessão de julgamento da dissertação, por meio de videoconferência entre os componentes da banca, da discente **SIRLENE ALVES DA SILVA**, intitulada “**SOB A LUZ DO LUAR: NATUREZA E RELIGIOSIDADE NA FESTA DO MORRO DOS PIRENEUS/PIRENÓPOLIS-GO (1927-2019)**”. A Banca Examinadora foi composta pelos seguintes Professores: Dra. Maria de Fátima Oliveira (Orientadora), Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira (Coorientador), Dra. Giuliana Muniz Vila Verde (Examinadora Interna), Dra. Maria Idelma Vieira D’abadia (Suplente interna) e o Dr. João Guilherme da Trindade Curado (Examinador Externo). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pela discente e sua orientadora. Em seguida a Banca Examinadora reuniu-se, em sessão secreta, atribuindo à discente os seguintes resultados.

Dra. Maria de Fátima Oliveira (Orientadora)

aprovado(a) reprovado(a).

*Assinatura _____

Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira (Coorientador)

aprovado(a) reprovado(a).

*Assinatura _____

Dra. Giuliana Muniz Vila Verde (Examinadora Interna)

aprovado(a) reprovado(a).

*Assinatura _____

Dra. Maria Idelma Vieira D’abadia (Suplente interna)

aprovado(a) reprovado(a).

*Assinatura _____

Dr. João Guilherme da Trindade Curado (Examinador Externo)

aprovado(a) reprovado(a).

*Assinatura _____

AtadedefesaSIRLENEALVESDASILVA.pdf

Código do documento: DM25-YAMP-GED4-EH4J

**Autenticação Eletrônica**Valide em <https://app-sign.efcaz.com.br/efcaz-clm-pub/#/validar-documento/DM25-YAMP-GED4-EH4J>

Ou digite o código: DM25-YAMP-GED4-EH4J

Assinado em conformidade à Medida Provisória nº 2.200-2/2001: artigo 10 § 2º - 'O disposto nesta Medida Provisória não obsta a utilização de outro meio de comprovação da autoria e integridade de documentos forma eletrônica, inclusive os que utilizem certificados não emitidos pela ICP-Brasil, desde que admitido pelas em partes como válido ou aceito pela pessoa a quem for oposto o documento.'

Assinaturas:

Eletrônica

JOÃO GUILHERME DA TRINDADE CURADO

joaojgguilherme@gmail.com

Parte



Eletrônica

MARIA DE FÁTIMA OLIVEIRA

proffatima@hotmail.com

Parte



Eletrônica

ELIÉZER CARDOSO DE OLIVEIRA

ezi@uol.com.br

Parte



Eletrônica

Sirlene Alves da Silva

sirlepiri@hotmail.com

Parte



Eletrônica

Giuliana Muniz Vila Verde Safadi

giulianavilaverde@gmail.com

Parte

*Assinatura eletrônica

Resultado Final: (x) aprovado(a) () reprovado(a).

Reaberta a sessão pública, a Orientadora proclamou o resultado e encerrou a sessão às 11 horas, da qual foi lavrada a presente ata que vai ser assinada por mim secretário, discente e pelos membros da banca examinadora supracitada.

Secretário _____

Discente _____

SIRLENE ALVES DA SILVA

SOB A LUZ DO LUAR:

Natureza e religiosidade na Festa do Morro dos Pireneus/Pirenópolis-Go (1927-2019)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais e Humanidades, linha de pesquisa: Saberes e Expressões Culturais do Cerrado.

Orientadora: Dra. Maria de Fátima Oliveira

Coorientador: Dr. Eliézer Cardoso de Oliveira

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria de Fátima Oliveira
Presidente/UEG-TECCER

Profa. Dra. Giuliana Muniz Vila Verde
Examinador interno/UEG-TECCER

Prof. Dr. João Guilherme da Trindade Curado
Examinador Externo/SEDUC-GO

Profa. Dra. Maria Idelma Vieira D'Abadia
Suplente/UEG-TECCER

Anápolis, 26 de março de 2020

À minha família,

Aos amigos leais e companheiros,

Às festeiras: Helena, Maria Cláudia, Oona e

Rosana, que muito contribuíram com a realização desta.

AGRADECIMENTOS

A Montanha
(*Roberto Carlos*)

Eu vou seguir uma luz lá no alto eu vou ouvir
Uma voz que me chama eu vou subir
A montanha e ficar bem mais perto de Deus e rezar

Eu vou gritar para o mundo me ouvir e acompanhar
Toda minha escalada e ajudar
A mostrar como é o meu grito de amor e de fé

Eu vou pedir que as estrelas não parem de brilhar
E as crianças não deixem de sorrir
E que os homens jamais se esqueçam de agradecer

Por isso eu digo:
Obrigado Senhor por mais um dia
Obrigado senhor que eu posso ver
Que seria de mim sem a fé que eu tenho em Você

Por mais que eu sofra,
Obrigado Senhor mesmo que eu chore
Obrigado Senhor por eu saber
Que tudo isso me mostra o caminho que leva a Você

Mais uma vez
Obrigado Senhor por outro dia
Obrigado Senhor que o sol nasceu
Obrigado Senhor agradeço
Obrigado Senhor

Por isso eu digo:
Obrigado Senhor pelas estrelas
Obrigado Senhor pelo sorriso
Obrigado Senhor agradeço
Obrigado Senhor

Mais uma vez
Obrigado Senhor por um novo dia
Obrigado Senhor pela esperança
Obrigado Senhor agradeço
Obrigado Senhor

Por isso eu digo:
Obrigado Senhor pelo sorriso
Obrigado Senhor pelo perdão
Obrigado Senhor agradeço
Obrigado Senhor

Mais uma vez
Obrigado Senhor Pela natureza!
Obrigado Senhor Por tudo isso!



Fonte: Siqueira, 2016¹.

¹ Desenho elaborado pela filha da autora, Maria Manuela Alves de Siqueira, como presente ao amigo Alexandre Francisco de Oliveira. Maria Manuela tem 10 anos e frequentou a Festa do Morro dos Pireneus pela primeira vez, quando tinha 6 meses.

RESUMO

Esta pesquisa visa analisar a Festa do Morro em Louvor a Santíssima Trindade que é realizada todos os anos, no período da lua cheia do mês julho. O evento acontece na região do Morro dos Pirineus, na área de preservação ambiental que pertence ao Parque Estadual dos Pirineus criado em 1987, situado aproximadamente a 20 km da cidade de Pirenópolis (GO). A Festa do Morro, iniciada no ano de 1927, sob o comando de Christóvam José de Oliveira, consiste numa manifestação de fé e de apreciação da natureza, estabelecida pela paisagem do Cerrado que junto à vegetação e as elevações de morros, tem o pôr do sol e a lua cheia como elementos atrativos no período da festividade. O acontecimento festivo tornou-se uma tradição seguida pelos familiares do fundador, por outras famílias pirenopolinas e da região, além de visitantes de outras cidades. A festa aqui analisada é interpretada pelas relações nela estabelecidas e pela relevância simbólica dos rituais que definem a paisagem festiva e identificam seus partícipes com a vivência dos fatos que decorrem no espaço e se eternizam na memória. A pesquisa objetiva analisar a Festa do Morro dos Pirineus, com foco nos aspectos ecológicos, sagrados e estéticos que são manifestados, buscando compreender a sequência ritualística, sob o contexto do sagrado e do profano e a representação simbólica dos acontecimentos festivos para seus frequentadores ao longo das 9 décadas da tradição, que complementa a cultura e a história do povo pirenopolino.

Palavras-chave: Festa do Morro; Manifestação; Ritualidades; Cerrado; Representação simbólica.

ABSTRACT

This research aims to analyze the Hill Festival in Praise of the Holy Trinity, which takes place every year during the period of the full moon of July. The event takes place in the Pireneus Hill region, in the environmental preservation area that belongs to the Pirineus State Park created in 1987 and it is located approximately 20 km away from the city of Pirenópolis (GO). The Hill Festival, which began in 1927, under the command of Christóvam José de Oliveira, consists of a manifestation of faith and appreciation of the nature established by the landscape of the Cerrado that, together with the vegetation and the hills, has the sunset and full moon as attractive elements during the festivity. The festive event has become a tradition followed not only by the founder's, but it is followed by family and families from Pirenópolis and its region as well as by visitors from other cities. The festival analyzed here is interpreted by the relationships established in it, and by the symbolic relevance of the rituals that define the festive landscape and gives identity to its participants with the experience of the events that take place in space and are eternalized in memory. The research aims to analyze the Pireneus Hill Festival by focusing on the ecological, sacred, and aesthetic aspects that are manifested. It is seeking to understand the ritualistic sequence under the context of the sacred and the profane and the symbolic representation of the festive events for its regulars throughout from nine decades of tradition, which complements the culture and history of the people from Pirenópolis.

Keywords: Hill Festival; Manifestations; Rituality; Brazilian Cerrado; Symbolic Representation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1	Eras geológicas.....	27
Ilustração 2	Localização do Parque Estadual da Serra dos Pirineus	28
Ilustração 3	Delimitação do Parque Estadual da Serra dos Pirineus	29
Ilustração 4	Tipos de fitofisionomias do Cerrado	31
Ilustração 5	Bacupari (Aspecto do ramo)	32
Ilustração 6	Cajuzinho-do-campo (Aspecto do ramo).....	32
Ilustração 7	Mangaba (Aspecto do ramo).....	32
Ilustração 8	Marmelada (Aspecto do ramo).....	32
Ilustração 9	Cagaita (Aspecto do ramo).....	33
Ilustração 10	Jatobá-do-Cerrado (Aspecto do ramo).....	33
Ilustração 11	Besouro	33
Ilustração 12	Borboleta.....	33
Ilustração 13	Urubu-rei.....	34
Ilustração 14	Seriema	34
Ilustração 15	Teiú	34
Ilustração 16	Veado campeiro.....	34
Ilustração 17	Ipê em floração (Aspecto do ramo)	35
Ilustração 18	Apohliana	36
Ilustração 19	Canela-de-ema.....	36
Ilustração 20	Arnica.....	36
Ilustração 21	Congonha	36
Ilustração 22	Mimosa	37
Ilustração 23	Pimenta-de-macaco.....	37
Ilustração 24	Sempre-viva	37
Ilustração 25	Lobeira	37
Ilustração 26	Pirineus da França.....	40
Ilustração 27	Pirineus do Planalto Central	40
Ilustração 28	Morro dos Pirineus e proximidades - Vista aérea.....	41
Ilustração 29	Vista panorâmica dos Pirineus.....	42
Ilustração 30	Morro dos Pirineus durante a Festa em Louvor a Santíssima Trindade	44

Ilustração 31	Queimada nos Pireneus.....	45
Ilustração 32	Rebrota da vegetação.....	45
Ilustração 33	Terço - outubro de 2018.....	47
Ilustração 34	Terço - maio de 2019.....	47
Ilustração 35	Paisagem no período da Festa	48
Ilustração 36	Pôr do sol	48
Ilustração 37	Nascer da lua	48
Ilustração 38	Cruz da Via Sacra.....	52
Ilustração 39	Delimitação das Capelas	52
Ilustração 40	Morro demarcado com cruzeiro, ponto de apreciação da natureza	53
Ilustração 41	Espaço dos acampamentos.....	53
Ilustração 42	Setores dos acampamentos.....	54
Ilustração 43	Documento da Comissão Cruls	58
Ilustração 44	Primeira missa rezada nos Pireneus.....	59
Ilustração 45	Edificação do cruzeiro no Pico dos Pireneus	61
Ilustração 46	Imagem da Santíssima Trindade esculpida da raiz da umbela.....	62
Ilustração 47	Demarcação do segundo pico por Pompeu, neto de Christóvam	62
Ilustração 48	Pico “Pai” e Pico “Filho”	63
Ilustração 49	Pico “Espírito Santo”	63
Ilustração 50	Pedra com a frase esculpida por Christóvam	64
Ilustração 51	Construção da 1ª Capela	64
Ilustração 52	Visita do padre Santiago Uchoa	64
Ilustração 53	Inauguração da primeira capela	65
Ilustração 54	Segunda Capela construída nos Pireneus.....	66
Ilustração 55	Imagem esculpida em cedro.....	67
Ilustração 56	Imagem após restauro	67
Ilustração 57	Imagem esculpida por Clemente Maciel em 2011	68
Ilustração 58	Primeira imagem de Nossa Senhora D’Abadia.....	68
Ilustração 59	Altar atual da Capela de Nossa Senhora da D’Abadia	70
Ilustração 60	Última participação de Christóvam de Oliveira na romaria.....	72
Ilustração 61	Fragmentos genealógicos, filhos de Christóvam José de Oliveira	73
Ilustração 62	Casa construída por Christóvam, onde eram recebidas as autoridades	74
Ilustração 63	Monumento Nacional para o alto dos Pireneus.....	76

Ilustração 64	Imagem do Divino Pai Eterno recebida em outubro de 2019	78
Ilustração 65	Espaço reservado para a construção da Capela do Divino Pai Eterno	79
Ilustração 66	Corumbaenses participando da missa, seguida de confraternização	81
Ilustração 67	Batismos realizados na Festa em Louvor a Santíssima Trindade	82
Ilustração 68	Registro de batismo.....	82
Ilustração 69	Construção da estrada	85
Ilustração 70	Estrada na atualidade	85
Ilustração 71	O terço.....	86
Ilustração 72	Confraternização com distribuição de acepipes	87
Ilustração 73	A subida para a Festa no início da romaria	88
Ilustração 74	Cozinha organizada com tenda.....	89
Ilustração 75	Cozinha organizada com plástico	89
Ilustração 76	Cozinhas organizadas ao ar livre	89
Ilustração 77	Banheiro de luxo no morro	90
Ilustração 78	Banheiro organizado com lona.....	90
Ilustração 79	Banheiros químicos	90
Ilustração 80	Saída da procissão da porta da Igreja do Bonfim	91
Ilustração 81	O andor e o fiel.....	92
Ilustração 82	Subida da procissão no caminho asfaltado	93
Ilustração 83	A procissão no caminho de terra	93
Ilustração 84	Revezamento do andor.....	93
Ilustração 85	Chegada da procissão na barraca do(a) festeiro(a).....	94
Ilustração 86	Missa de sábado na Capela do pico	95
Ilustração 87	Tríduo no sábado - Hasteamento do mastro.....	95
Ilustração 88	Missa de domingo.....	96
Ilustração 89	Almoço na barraca do festeiro(a) após a missa de domingo.....	96
Ilustração 90	Preparação para a descida do morro... ..	97
Ilustração 91	Momentos de realização da Festa do Morro dos Pireneus.....	98
Ilustração 92	Dona Dione, romeira assídua da Festa do Morro	100
Ilustração 93	Transferência da imagem	101
Ilustração 94	Levantamento de dados das entrevistas com os partícipes da festa	105
Ilustração 95	Dom Aquino Corrêa	111
Ilustração 96	“Festa do Morro dos Pireneus”	116

Ilustração 97	Segunda missa rezada nos Pireneus.....	118
Ilustração 98	Conclusão da Primeira Capela	118
Ilustração 99	Base construída para a obra do Monumento Nacional	119
Ilustração 100	Christóvam se empenha junto às obras das Capelas.....	119
Ilustração 101	Acampamento em tolda	120
Ilustração 102	Christóvam recebe visitas nas terras dos Pireneus	120
Ilustração 103	Comunicado da Festa do Morro do ano de 1991.....	121
Ilustração 104	Senhor Jakson Basílio de Oliveira e filhos	122
Ilustração 105	Teodorico Pereira: um conhecedor das plantas dos Pireneus	122
Ilustração 106	Altar atual da Capela da Santíssima Trindade	124
Ilustração 107	Histórico com a programação e com a descrição da romaria.....	124
Ilustração 108	Histórico com a cronologia dos festeiros.....	125
Ilustração 109	Reparo da Capela de Nossa Senhora D'Abadia	126
Ilustração 110	Geraldo Herculano, sineiro no momento dos terços.....	127
Ilustração 111	Senhor Sabino Barbosa	127
Ilustração 112	Eclipse total da lua - Julho de 2019.....	128
Ilustração 113	Restituindo as forças na procissão.....	129
Ilustração 114	A fogueira.....	129
Ilustração 115	Acampamento da Malvinas	130
Ilustração 116	Hotel de Cocalzinho que recebe romeiros	130
Ilustração 117	A Banda Phoenix no Festa do Morro - No início década de 1980.....	131
Ilustração 118	Banda Phoenix na Festa do Morro - No ano de 2018.....	131
Ilustração 119	Bandeira e Brasão de Pirenópolis.....	132
Ilustração 120	Samba: Pireneus a beleza feita por Deus	133
Ilustração 121	O Morro na tatuagem: a expressão do gosto	134
Ilustração 122	Festeiras dos anos de 2018, 2019 e 2020, da direita para a esquerda.....	135
Ilustração 123	Programação da reza dos terços da festa de 2020	136
Ilustração 124	Falta de rede hídrica.....	136
Ilustração 125	A iminência de queimadas	136
Ilustração 126	Som o automotivo.....	137
Ilustração 127	Falta de cuidado com de lixo.....	137
Ilustração 128	Faixas de alertas	137

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1 PIRENEUS DE GOIÁS: RELEVO ATRAENTE E INSPIRADOR	26
1.1 SERRA DOS PIRENEUS: O ESPAÇO DA FESTA	26
1.2 O CERRADO COMO CENÁRIO: SOL QUE AQUECE, LUA QUE LUMIA E VENTO QUE ESFRIA	45
1.3 A FESTA NO ESPAÇO: O SAGRADO E O PROFANO EM MEIO À NATUREZA.....	50
2 FESTA EM LOUVOR A SANTÍSSIMA TRINDADE: FESTA DOS PIRENEUS, FESTA DO MORRO, FESTA DA LUA. E A FESTA CONTINUA	57
2.1 A SIMBOLOGIA SAGRADA NAS ALTURAS: HONRA A TRINDADE E HONRA A MARIA	57
2.2 A FESTA COMO DEVOÇÃO: O FUNDADOR E O LEGADO.....	71
2.3 A DINÂMICA DA FESTA: O CICLO FESTIVO, O(S) RITO(S) E A (RES)SIGNIFICAÇÃO.....	84
3 SIMBOLOGIA QUE TRANSCENDE A IMAGINAÇÃO: A REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA E SOCIAL DA FESTA DO MORRO...	103
3.1 A ROMARIA E O PARTÍCIPE: AS MÚLTIPLAS REPRESENTAÇÕES DA FESTA.	103
3.2 CANTOS DE ENCANTOS: A SIMBOLOGIA DOS PIRENEUS EXPRESSADA NA MÚSICA	109
3.3 MANIFESTAÇÃO FESTIVA NO CERRADO GOIANO: INVENTARIANDO OUTROS FATOS E CURIOSIDADES DE UMA FESTA QUE ENTRE DESAFIOS RESISTE NO TEMPO	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS	142
ANEXOS	154

INTRODUÇÃO

Considerando a temática Ritualidades Festivas no Cerrado Goiano, o estudo que aqui apresentamos, trata-se de uma pesquisa sobre a Festa do Morro dos Pireneus em louvor a Santíssima Trindade que acontece desde 1927 na região do Serra dos Pireneus, cerca de 20 km da cidade de Pirenópolis. A romaria do Morro, também conhecida como Festa do Morro ou Festa da Lua, foi criada pelo pirenopolino e então proprietário das terras da região, o Senhor Christóvam José de Oliveira². O evento ritualístico do catolicismo popular faz parte do calendário festivo da histórica Pirenópolis, cidade oriunda do período da mineração. Conforme as descrições de Jayme³ (1971), o Núcleo Urbano foi fundado em 1727, passando posteriormente a Arraial e depois Vila. Em 1890 foi elevada a categoria de cidade com o nome alterado para Pirenópolis. “Pirenópolis é um município histórico”, enaltece a página da Prefeitura, que destaca ainda: “Em 1890, a cidade teve seu nome mudado para Pirenópolis, o município dos Pireneus, nome dado à [sic] serra que a circunda” (PREFEITURA DE PIRENÓPOLIS, 2017).

Destacamos no decorrer deste, o ciclo festivo, a sequência dos ritos e o fator de resignificação ao longo de quase um século da existência da Festa do Morro e, como enfoque principal, apresentamos o significado da manifestação e de seus partícipes, enquanto evento que se manifesta sob o aspecto sagrado, estético e ecológico da localidade. Nosso recorte temporal de estudo da Festa Morro Pireneus em Louvor a Santíssima trindade se estabelece a partir do ano de sua criação, 1927 até o ano de 2019, período de encerramento das entrevistas fechadas e dos trabalhos de campos para a fundamentação desta pesquisa.

Enfatizamos a importância e a relevância desta pesquisa em relação aos aspectos pertinentes à proposta apresentada, destacando entre eles:

- A afinidade do tema Ritualidades Festivas no Cerrado Goiano com a Linha de Pesquisa 2 do Programa Territórios e Expressões Culturais no Cerrado que oferece e possibilita a realização deste Mestrado;

² Influente religioso e político em sua época. A ligação com a Igreja Católica, Christóvam estabelece a partir de um período em sua juventude que foi seminarista na cidade de Goiás e nos anos de 1940 sendo fabricante (pessoa responsável pelas finanças da igreja) da Paróquia em Pirenópolis. Já a influência política parte do período (1915 a 1919) em que foi intendente do município e desempenhando o papel de prefeito. Informações disponíveis no Livro de tombo da Matriz de N^a Senhora do Rosário e na Revista Cruzeiro, 1949.

³ Nasceu na fazenda Água Limpa, município de Pirenópolis, no dia 19 de dezembro de 1895, e faleceu em Anápolis, no dia 21 de julho de 1968. Sua obra, Famílias Pirenopolinas, em seis (sic) substanciosos volumes, edição póstuma, mostra o fôlego e o amor à história desse notável meia-pontense (TELLES, 2000, p. 31-32) A obra Famílias Pirenopolinas, é composta por cinco volumes.

- A escassez de registros bibliográficos sobre a Romaria escolhida para estudo — Romaria da Santíssima Trindade ou do Morro dos Pireneus —, um evento da tradição local que acontece desde 1927, com características específicas que vêm se resignificando ao longo do tempo, fator este que permite investigar as alterações das festas religiosas, como afirma D’Abadia (2014);
- A percepção da necessidade da pesquisa científica com enfoque na peculiaridade da manifestação religiosa, da apreciação pela natureza e nos significados desta festividade para os romeiros, incluindo a minha própria participação enquanto pesquisadora há quatro anos e romeira por mais de 25 anos;
- A elaboração do trabalho dissertativo, visto que sobre a festa em estudo são encontradas algumas informações relevantes, com grandes limitações de registros bibliográficos;
- A possibilidade, em relacionar o tema desta pesquisa com a área de formação pessoal, Licenciatura Plena em Biologia, bem como a atuação enquanto educadora da rede pública com o atendimento a estudantes do Ensino Médio permite ainda, a sensibilização de uma juventude que carece do saber dinâmico com condições de articular a teoria e a prática de uma forma interdisciplinar, visto que a festa aqui descrita se encena em uma Área de Proteção Ambiental pertencente ao Cerrado, com uma riqueza de fatores bióticos e abióticos. Desta forma, a vivência desta tradição favorece o contato com elementos históricos, geográficos, culturais, ambientais e biológicos, podendo ser estudados com consistência e proximidade, facultando o conhecimento, o sentimento de pertencimento e a preservação do meio.

Assim, o objetivo geral deste estudo é analisar a Festa do Morro dos Pireneus, com foco nos aspectos ecológicos, sagrados e estéticos que estão presentes na festa e na representação da festa para seus frequentadores. Como uma festividade que complementa o quadro representativo da cultura pirenopolina e se institui em seus partícipes como referencial simbólico e pertencimento, objetiva-se especificamente:

- Realizar uma descrição da Serra dos Pireneus, destacando o Cerrado enquanto cenário do acontecimento da festa, propondo por meio da abordagem histórica, geográfica e ambiental, um resgate da historicidade da festa relacionando a presença do homem no espaço em seu contexto paisagístico, sociocultural e religioso evidenciados;
- Descrever a festa do Morro dos Pireneus, bem como a devoção e veneração manifestadas, as sacralidades envolvidas e o “ciclo festivo”, realçando as dinâmicas das/nas transformações ocorridas ao longo dos anos de sua realização;

- Inventariar os possíveis fatos e curiosidades da Festa, transcorridos desde a sua criação, propondo uma análise dos acontecimentos antes e depois da implantação do Parque Estadual dos Pireneus, relacionando-os com algumas das mudanças (ou não) de comportamentos dos seguidores da romaria.

Metodologicamente, para o desenvolvimento da pesquisa e a sustentação desta dissertação, contamos com a pesquisa de campo associada a consultas documentais e bibliográficas, além de entrevistas com questionário formulado⁴ e direcionado a 30 partícipes da festa, incluído romeiros que frequentam ou frequentaram a romaria desde o seu início, romeiros novatos e pessoas que frequentam como visitantes o momento festivo. Embora, a divisão em 3 categorias, constituiu um critério para a aplicação do questionário, entre os entrevistados, sobressaíram em quantidade, a categoria dos romeiros mais tradicionais que frequentam anualmente a romaria. Tal fato ocorreu, pela quantidade maior de pessoas encontradas, deduzindo assim, ser a categoria de maior proporção que frequenta a festa. As entrevistas com pessoas que vivenciaram momentos ao longo da tradição, possibilitaram resgatar memórias referentes a fatos decorridos ao longo das 9 décadas já passadas da Festa do Morro. O resultado das entrevistas será utilizado, também, para a tabulação de dados, desta forma faremos a referência de cada entrevistado.

Para a melhor compreensão da problemática apresentada, foi importante também ouvir outros depoimentos, desta forma, por meio de questionário aberto, visando a complementação dos estudos, até as proximidades da conclusão da nossa pesquisa em 2020, colhemos e analisamos informações de outras pessoas que apresentam envolvimento ou conhecimentos sobre os assuntos aqui discorridos.

A observação em campo teve início em 2016, como aluna ouvinte do Mestrado e integrante do grupo de estudos para a realização da festa de 2016, seguindo em 2017 a partir da aprovação como aluna especial dando sequência em 2018 e 2019 já como aluna regular. Com a submissão do projeto ao Conselho de Ética conforme os requisitos da Resolução CNS n.º 466/12 e/ou da Resolução CNS nº 510/16, sob o parecer de aprovação nº 3.334.911, foi possível realizar a pesquisa de campo por meio das entrevistas, registros fotográficos, audiovisuais e escritos, além da troca de experiências com outros pesquisadores. As entrevistas com os romeiros ocorreram tanto em campo, ou seja, durante a festa, quanto nas residências dos que, por algum motivo, já não participam mais da festa. Durante a pesquisa de campo, foi possível ainda, analisar e refletir sobre as relações estabelecidas no espaço da

⁴ Foi elaborado logo no início da pesquisa para a submissão ao Conselho de Ética junto aos demais documentos. Este se encontra anexo.

festa, buscando compreender os significados dos eventos ritualísticos que a constitui e a interação do partícipe no meio social, religioso e com a natureza da localidade. Para elaboração e tratamento das entrevistas, observações e coleta de dados, contamos com a contribuição de Marconi e Lakatos (2010), e ainda com apoio da disciplina “Vivências, interações e metodologia da pesquisa de campo sobre culturas populares”, ministrada pelo professor Carlos Rodrigues Brandão.

O Projeto *Festa do Morro: Inventário da Festa em Louvor a Santíssima Trindade (2018)*, financiado pelo Fundo de Arte e Cultura de Pirenópolis, possibilitou realizar por meio de pesquisas direcionadas e com mais afinco uma investigação em materiais referenciais tanto em locais distintos de Pirenópolis como a Paróquia Nossa Senhora do Rosário, Museu Das Cavalhadas e Centro de Cultura Ita e Alaor, quanto na cidade vizinha de Corumbá de Goiás nos arquivos pessoais do Professor e Historiador Ramir Curado⁵.

Deste modo, encontramos informações relevantes acerca dos fatos decorridos na romaria da Santíssima Trindade em registros dos acervos paroquiais, jornais da época e sobre a festa, cartazes, folders, fotos, pinturas artísticas, letras musicais e outros documentos de romeiros veteranos e dos festeiros anteriores da Festa do Morro. Graças ao projeto, foi possível também trocar experiências em eventos com temáticas afins a esta pesquisa.

No sentido intencional, utilizamos do acervo fotográfico pessoal, de outros pesquisadores, de amadores e da família do criador da romaria. A disposição das figuras no decorrer desta pesquisa, visa complementar a compreensão dos fatos, bem como dos conteúdos discorridos em cada capítulo.

Utilizamos os relatos dos viajantes europeus que passaram pela região dos Pireneus em diversos momentos do século XIX e apresentaram significativas descrições publicadas posteriormente, dentre eles: Saint-Hilaire (1975), Pohl (1976) e Oscar Leal (1980). Foram importantes também os relatórios de Cunha Mattos e da Comissão Cruis; o Plano de Manejo da vida silvestre do Morro Cabeludo, o projeto do Geoparque dos Pireneus e Relatório (EIA — RIMA) da estrada dos Pireneus. Nestes analisamos as descrições pertinentes ao local de acontecimento da festa, englobando o Cerrado, sua composição da fauna e flora, bem como

⁵ Historiador, natural de Corumbá de Goiás. Ramir Curado é mestre em história pela Universidade Federal de Goiás com a pesquisa intitulada: História, Memória e Identidade nos Arraiais de Corumbá e Meia Ponte, estudo comparados de núcleos urbanos (1730-1850).

toda área de preservação do parque. Consultamos ainda, o livro de Jaime Sautchuk (2014)⁶ que descreve as histórias e andanças da Comissão exploradora do Planalto Central.

A festa aqui analisada é interpretada pelas relações nela estabelecidas, pelo espaço vivido e pela relevância simbólica dos rituais que definem o momento festivo e identificam seus partícipes naquele instante, no lugar vivenciado. Neste sentido, utilizamos como problema o seguinte questionamento: enquanto manifestação que envolve religiosidade e apreciação da natureza, qual é a representação da Festa do Morro dos Pirineus em Pirenópolis (GO) para os seus frequentadores no decorrer de nove décadas de sua realização?

Sabemos que as respostas não estão prontas, e que para um determinado questionamento em se falando de festa como um evento dinâmico que se altera no tempo e no espaço, seguindo também a alternância das gerações, podemos deparar com uma infinidade de respostas que permeiam o partícipe ao longo da história da festa; mas num consenso geral, ousamos, por meio da sequência metodológica e da busca empírica a qual esta pesquisa foi embasada, atribuir uma resposta como mais assertiva. Por meio do alcance dos objetivos propostos, sobre a problemática apresentada, as possibilidades de respostas consistem em evidências de que a Festa do Morro estabelece para seus frequentadores como um evento de múltiplas representações, aonde a(s) religiosidade(s) perpassa(m) as esferas da simbologia, sendo perceptível um refúgio para o morro, que com sua geografia atrativa e simbólica, conciliam os frequentadores que vão em busca da confraternização, do encontro, da farra, da devoção, da meditação, da reflexão, da exaltação, do agradecimento, da paz e sossego possíveis de serem estabelecidos no local.

Considerando a pertinência do tema em evidência nesta pesquisa, muitos pesquisadores apresentaram obras que dialogaram com a mesma, possibilitando a ampliação e a conexão das ideias, dentre eles destacamos os mais relevantes para esse fim. Para um mapeamento das unidades fitofisiológicas na área do Parque Estadual dos Pirineus com a complementação de estudos da flora, o apontamento das peculiaridades vegetais, a integração com a população local e a sua influência no meio, a pesquisa de Bosquetti (2008) foi fundamental. Em Silva Junior (2005), encontramos um importante guia de campo com a caracterização de espécies arbórea constituintes do Cerrado, no qual, algumas que são encontradas na local de estudo, foram então descritas. As características geológicas, históricas e ambientais da localidade foram encontradas em Siqueira (2004), o autor apresenta ainda, um

⁶ A obra destaca o trabalho relevante da Comissão Cruls, chefiada por Luiz Cruls, que realizou o importante relatório sobre a caracterização da região dos Pirineus, como destaque de suas andanças. Tal relatório contribuiu com o conteúdo desta pesquisa.

levantamento da flora local e caracteriza a romaria em questão como evento cultural e social, sendo assim, foi uma obra indispensável para o estudo da região onde a festa acontece.

Jayme (1971 e 1973) e Jayme e Jaime (2002), forneceram relevantes informações históricas sobre a região dos Pireneus e sobre a Festa em Louvor a Santíssima Trindade, apresentando em suas obras, inclusive, imagens da Comissão do Planalto Central do Brasil nos Pireneus, talvez o primeiro registro fotográfico dos Pireneus. Outro pioneirismo dos autores pirenopolinos foram os registros das primeiras festas que aconteceram em devoção à Santíssima Trindade, que contou com a presença e incentivo inicial do bispo goiano de então, Dom Emanuel Gomes de Oliveira.

Para uma melhor compreensão da Romaria dos Pireneus, enquanto festa do catolicismo popular com devoção ao santo padroeiro, de tradição cultural que se ressignifica no transcorrer do tempo e que engloba o rito, o fenômeno religioso e a simbologia da festa para seus partícipes, dialogamos com os trabalhos de autores como Brandão (2004), que enfatiza sobre os rituais de santo padroeiro e D'Abadia (2014), que faz referências pertinentes sobre os padroeiros e seus festejos.

Considerações importantes ainda a respeito de nossa pesquisa foram encontradas em Curado (2011) e Lôbo (2011), pesquisadores sobre festas, que apresentam importantes trabalhos com destaques significativos em povoados do município de Pirenópolis e região. Lôbo (2017), além da abordagem sobre música, faz referência também ao conceito de paisagem, o qual foi relevante na vigente pesquisa. No mesmo sentido, ainda algumas tímidas iniciativas, no campo descritivo sobre as festividades que acontecem nos Pireneus foram observadas em Silva e Curado (2018) e ainda em Oliveira, Silva e Oliveira (2020).

No que concerne ao estudo das romarias no Brasil, de modo geral, dialogamos com: Oliveira (2011), que propõe em sua pesquisa um estudo enfatizando as romarias de Aparecida, Juazeiro do Norte e Bom Jesus da Lapa, um trabalho em que destaca a relação dos romeiros na romaria e a interação entre a tradição e a modernidade; Mota (2008), aborda os aspectos históricos da origem da romaria e a dimensão que a mesma ocupa na religiosidade dos romeiros de Bom Jesus da Lapa, descrevendo o fenômeno religioso da romaria como uma prática característica da religiosidade popular; Steil (2003), atribui oportunas considerações sobre a relação de romeiros e turistas no Santuário de Bom Jesus da Lapa; e ainda Souza (2012), que possibilita uma análise da relação entre geografia e peregrinação através e por meio do seu estudo de caso em que são apresentadas considerações relevantes sobre a Romaria do Senhor do Bonfim que ocorre no município de Natividade (TO), proporcionando a possibilidade de enriquecimento da pesquisa aqui apresentada.

Os conceitos de paisagem e simbologia propostos por Eliade (1991), Luchiani (2001), Melo (2001) Corrêa e Rosendahl (2004), Cosgrove (2004), Dardel (2015) e Rosendahl (2018) no que se refere ao aspecto religioso e profano da festa, foram importantes para a análise das entrevistas e observações em campo. Por intermédio destas leituras, podemos melhor compreender a festa em seu contexto espacial e relacionar seus acontecimentos ritualísticos junto à paisagem que ali se integra.

Numa visão direcionada à preservação deste ecossistema, onde os seres estão em constante relação, a obra “Fronteira Cerrado: Sociedade e Natureza no Oeste do Brasil” sob a organização de Silva *et al* (2013), também foi importante. No livro “História da Terra e do Homem no Planalto Central” de Betran (2000), encontramos ainda expressivas abordagens sobre a caracterização do Cerrado e a presença do homem neste ecossistema. Sobre composição fitogeográfica predominante na área de estudo, contamos com a contribuição da obra: “O piar da juriti Pepena: Narrativa Ecológica da Ocupação Humana do Cerrado”, organizada por Barbosa *et al* (2014), que possibilitou uma análise contextualizada sobre conceitos pertinentes ao Cerrado. E de modo mais geral, Thomas (2010), com seu livro “O homem e o Mundo Natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)”, contribui para o entendimento da relação do homem com a natureza, a alteração de comportamento com a concepção de cuidado e preservação dos seres vivos do reino animal e vegetal, adquiridos a partir do início do período moderno.

Para a abordagem sobre festas ou manifestações do catolicismo popular, recorreremos a autores que as estudam como Brandão (2004 e 2009) e D’Abadia (2014), que analisam a ressignificação das festas religiosas. Foram também importantes para a compreensão das festas de romaria e a relação doromeiro no santuário, os estudos de Rosendahl (2009). Embasamos também em Maia (2002), onde comparamos o ciclo festivo da Festa do Morro com os estudos propostos pelo autor. A sequência ritualística da festa, embasamos nos estudos em Terrin (2004).

Tratamos da(s) religiosidade(s) e da apreciação da natureza como fenômenos ocorrentes e percebidos separadamente, mas que se fundem no instante da festa, evidenciando o conceito de simbologia religiosa como destaque nesta pesquisa. Desta forma, contamos com clássicos da sociologia, da história, da antropologia e da geografia cultural, como a sociologia comportamental de Durkheim (1996), com a contribuição para uma melhor compreensão da natureza da experiência espacial e a concepção paradoxal dos ritos. Com os conceitos de sagrado, profano e mito abordados por Eliade (1991 e 1992), que também são basilares na perspectiva da pesquisa apresentada. Visto que a temática desta pesquisa direciona para a

esfera cultural e a processos de interação do homem no grupo social com o desenvolvimento de atividades em comum, para compreender a relação de simbologia, religiosidade, representação e cultura enfocando a temática em abordagem, os estudos de Eliade (1991), Claval (2012), Durkheim (1996), Cosgrove (2004), Pesavento (2005) e Turner (2013) também nos foram úteis.

Como forma de demonstrar a proximidade de autores, entrevistados ou a relação de alguma pesquisa com o objeto aqui em abordagem, utilizamos de notas de rodapés como forma de explicações.

Como estrutura da pesquisa, iniciamos o primeiro capítulo com uma descrição da Serra dos Pireneus, local onde ocorre a Festa do Morro em Louvor a Santíssima Trindade complementando com o cenário formado por características peculiares entre morros e a vegetação de Cerrado, o que repercute a paisagem atrativa do espaço da festa, no qual, no momento festivo, em meio à natureza, o sagrado e o profano junto às relações antropológicas ali estabelecidas se mantêm em interação.

No segundo capítulo continuamos com nossa descrição, desenvolvemos o estudo sobre a Festa do Morro, ressaltando a simbologia dos Pireneus com a remota visão humana sobre sagrado e sua conexão com lugares elevados e a relação estabelecida com as divindades ou santidades de devoção na festa. Ousamos também a tentativa de historiar a festa iniciada a partir da devoção do seu fundador e repassada como legado, por meio dos fatos presentes na memória escrita e relatada, tendo em vista, a apresentação de forma sequencial e não cronológica destes fatos. Apresentamos ainda, a dinâmica da festa, o ciclo festivo, as ritualidades e a ressignificação dos acontecimentos no tempo transcorrido.

Finalizando os conteúdos propostos nesta pesquisa, no terceiro capítulo tratamos das múltiplas representações da festa por meio da vivência dos acontecimentos, com foco, a representação simbólica e social manifestadas pelo(s) partícipe(s), que são então apresentadas com distintos significados no imaginário dos que vivem ou revivem tais acontecimentos e os expressam também de variadas formas. Propomos também um inventário dos fatos e das curiosidades da Festa do Morro como uma manifestação festiva do Cerrado goiano que entre desafios, resiste ao tempo.

1 PIRENEUS DE GOIÁS: RELEVO ATRAENTE E INSPIRADOR

Procuramos aqui apresentar a Serra dos Pireneus enquanto formação e localização geográfica. Discorremos sobre as características históricas, geográficas, biológicas e ambientais, associando-as com os registros dos viajantes e de outros pesquisadores que ali estiveram. Apresentamos também o morro e a sua representação simbólica para aqueles que o frequentam habitualmente durante o período da romaria e ainda, o espaço de realização da festa como domínio pertencente atualmente, ao Parque Estadual dos Pirineus, com as atividades da festa jurisdicionadas a Paróquia Santa Bárbara pertencente à Diocese de Anápolis. Como Área de Proteção Ambiental, abordamos o Cerrado enquanto sistema biogeográfico que abarca o espaço do objeto do nosso estudo e, sob o aspecto da paisagem, apontamos a caracterização do cenário formado no local de realização da festa, que atrai frequentadores antes, durante e depois do acontecimento festivo.

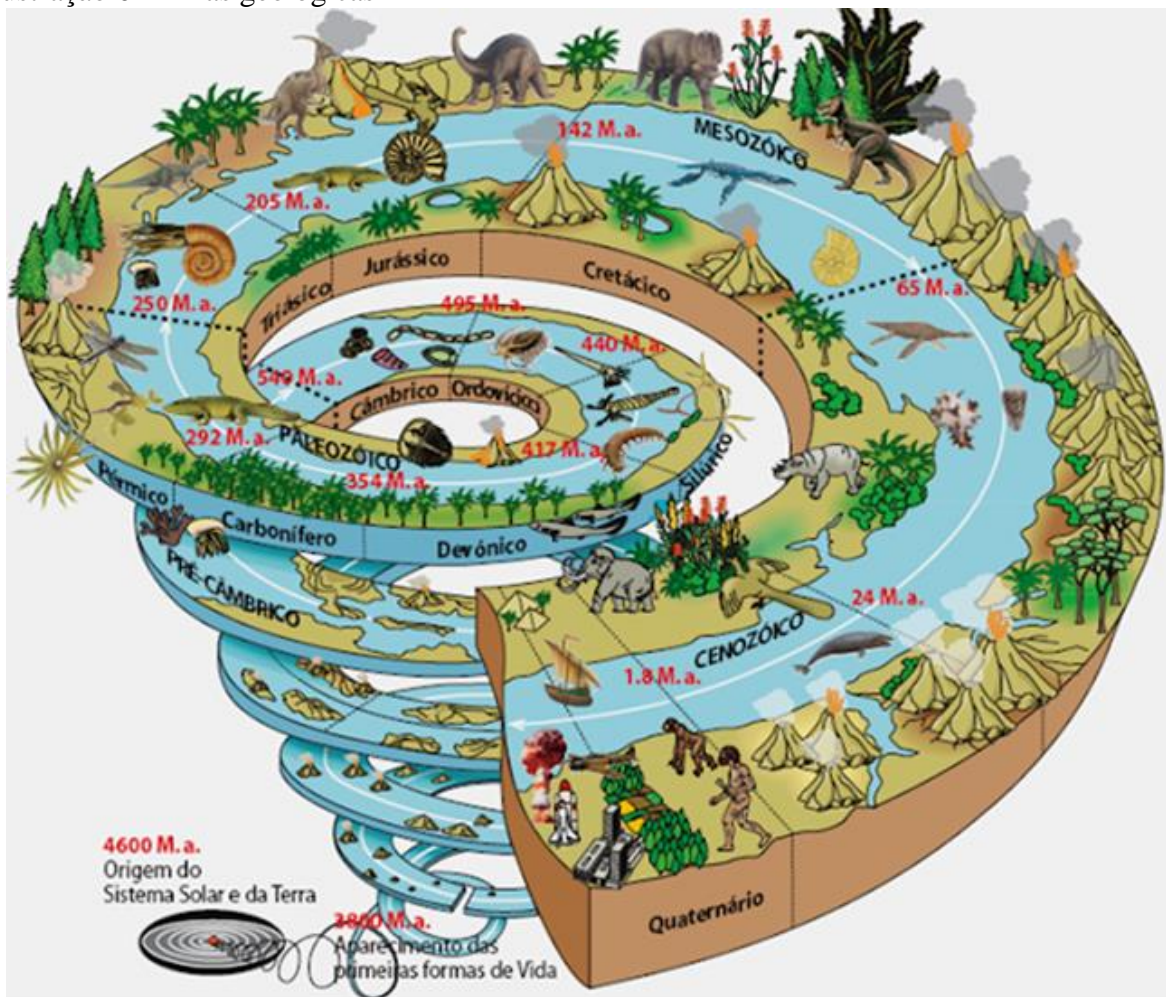
1.1 SERRA DOS PIRENEUS: O ESPAÇO DA FESTA

A Serra dos Pireneus constitui-se em relevante referência para o Planalto Central Brasileiro. Possui uma história importante pela remota presença de povos indígenas pioneiros, pois “[...] no Planalto Central, essa raça indígena forte, aguerrida e, desde muito antigamente, senhora dos cerrados brasileiros: os grupos Jê, vulgarizados na literatura do século XIX como os Ubirajara, os Timbira. Os famosos Tapuia, em contraposição aos Tupi do litoral” (BERTRAN, 2000, p. 32). A Serra dos Pireneus possui uma geografia marcante, rica em recursos hídricos, geológicos e um relevo acentuado, além da significativa composição fitogeográfica que compõe o Cerrado local, bem como as espécies faunísticas que o complementa. Sobre a formação geológica da Serra dos Pireneus, constatamos na proposta do Projeto Geoparque dos Pireneus (2010), que

O relevo na região limítrofe entre os municípios de Cocalzinho de Goiás, Corumbá de Goiás e Pirenópolis, é caracterizado por um conjunto quase paralelo de serras alinhadas na direção aproximada E-W, com altitudes variando em mais de 500m e alto declividade. [...], com profundos vales encaixados e encostas côncavas [...]. Em termos de gênese do relevo, essas serras seriam remanescentes da superfície de erosão que afetou o Continente Sul Americano durante o Cretáceo Superior (THOMÉ FILHO; MORAES; PAULA, 2010, p. 3-6).

Podemos compreender melhor o período de formação geológica da Serra dos Pireneus através da figura a seguir:

Ilustração 01 - Eras geológicas



Fonte: BLOG DE GEOGRAFIA, 2015.

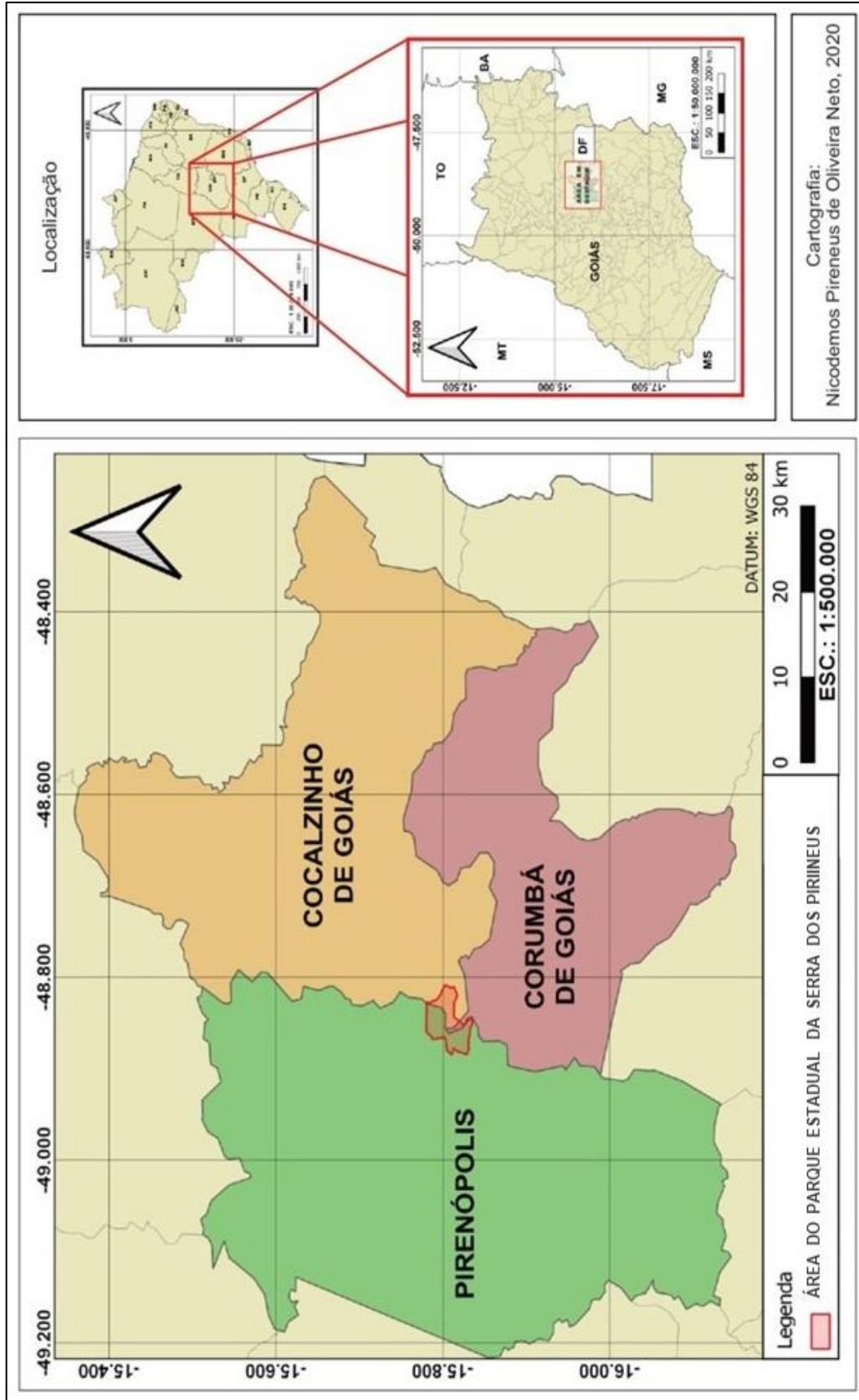
Seguindo a nossa compreensão, o relevo da Serra dos Pireneus teria geologicamente o seu ponto inicial a partir do choque entre os continentes numa bacia oceânica, e por meio de uma transformação lenta, de mais de um bilhão de anos, ocorreu a metamorfação das rochas. As formações de rochas sedimentares que se encontram no local, demonstram que provavelmente, no período Cretáceo, tenha ocorrido um processo erosivo intensificado, no qual, teve origem o relevo mais próximo do que o existente hoje. Sobre as características e a localidade, a pesquisadora Lorryne de Barros Bosquetti acrescenta que

A Serra dos Pireneus é uma localidade de forte atração turística, belezas paisagísticas, com montanhas quartzíticas, formações rupestres, e muitas nascentes que dão origem a rochas e cachoeiras. A área é também visitada devido a rituais religiosos/folclóricos realizados na base dos Três Picos durante o solstício de verão (BOSQUETTI, 2008, p. 20-21).

Como referência, a Serra dos Pireneus está localizada entre os municípios goianos de Pirenópolis, Corumbá de Goiás e Cocalzinho de Goiás, com distância aproximada de 130 km

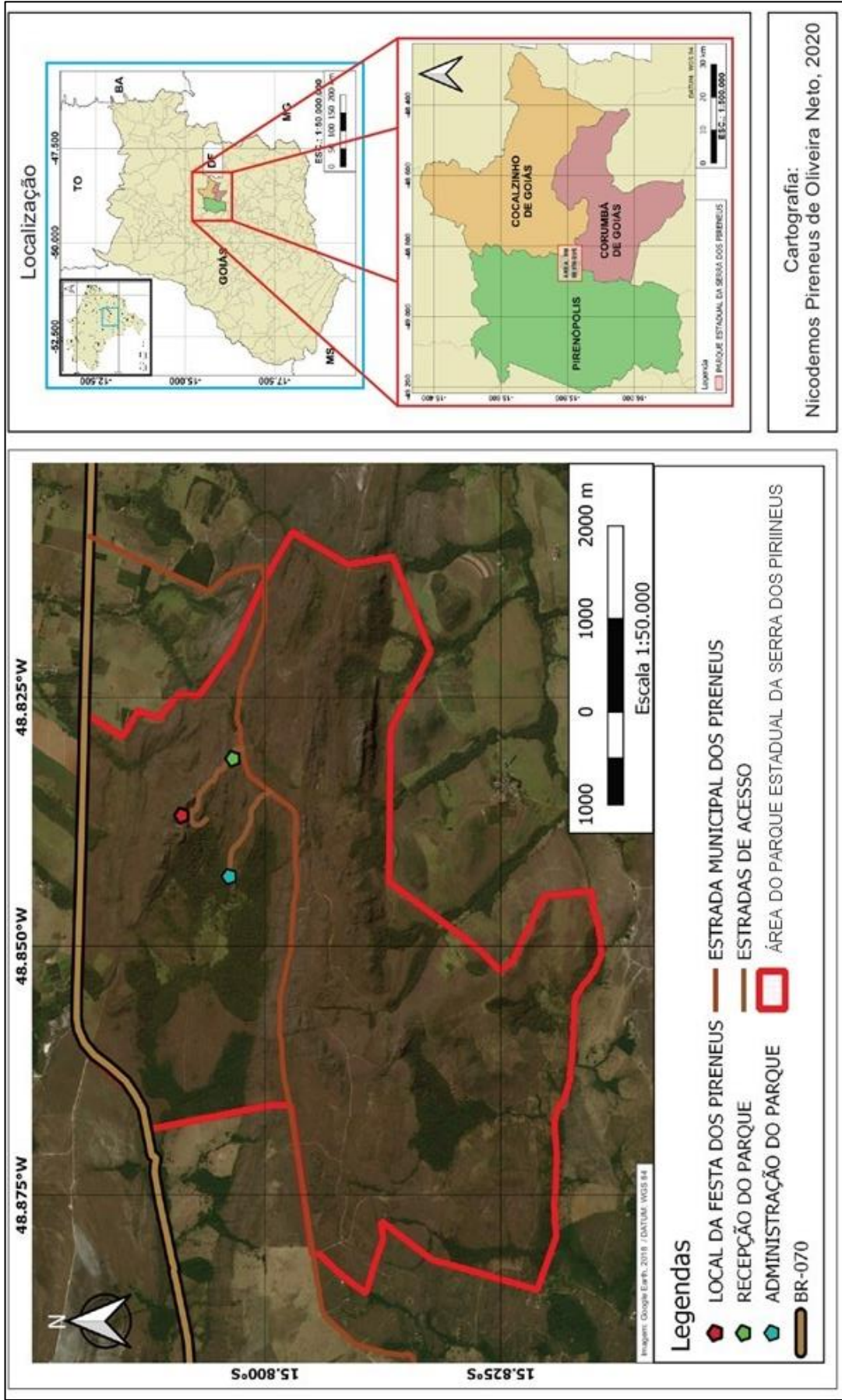
da Capital Goiânia e a 150 km de Brasília. Está distante da cidade de Pirenópolis aproximadamente 20 km, constituindo-se em um ponto turístico importante deste município.

Ilustração 02 - Localização do Parque Estadual da Serra dos Pirineus



Fonte: OLIVEIRA NETO, 2020.

Ilustração 03 - Delimitações do Parque Estadual da Serra dos Pirineus



Deste modo, o espaço de acontecimento da Festa em louvor a Santíssima Trindade, ou simplesmente Festa do Morro, objeto principal desta pesquisa, está localizado na área do Parque Estadual dos Pirineus⁷, que foi criado em 1987, sob a Lei nº 10.321 de 20 de novembro de 1987, e alterada pela Lei nº 13.121 de 16 de julho de 1997, como apontam as pesquisadoras Edna de Araújo Andrade e Genilda D'Arca Bernardes (2013, p.197). Pela riqueza e importância, o Parque possui uma extensão de 2.833,26 hectares, sendo considerado atualmente como Área de Proteção Ambiental, conforme o Decreto do Governo do Estado de Goiás de nº 4.830 de 15 de outubro de 1997 e Decreto nº 5.174, de 17 de fevereiro de 2000. O espaço⁸ de acontecimento da festa é visitado o ano todo, com maior intensificação de visitantes em julho, mês de acontecimentos da romaria e das férias escolares.

A Festa do Morro trata-se de um evento quase centenário e o Parque tem pouco mais de 30 anos. Em nossas observações, percebemos uma divergência entre parte dos romeiros com relação à gestão do Parque. Conflitos entre as questões ambientais, turísticas e culturais são iminentes. A Secretaria Estadual do Meio Ambiente, como proteção do meio, limitou as atividades dos romeiros no espaço da festa, com a imposição de uma série de condicionantes baseadas nas diretrizes do Parque. Muitos romeiros questionam tais regras, por perceberem que as mesmas são impostas com mais rigor no período da festa para os frequentadores e, nos demais dias do ano, quando todo o espaço é constantemente frequentado, não são notadas com afincamento as imposições ou vistorias das atividades aos visitantes.

Recentemente, a direção do Parque, iniciou a articulação para composição do Conselho Consultivo do Parque Estadual dos Pirineus, conforme o Edital de Convocação nº 07/2019, no qual todas as instâncias interessadas foram convidadas para o cadastramento. “Neste Conselho, será muito importante que a Igreja e a Associação dos Romeiros⁹ sejam

⁷ Embora a grafia do nome da Serra outrora fora muito questionada, inclusive por Saint-Hilaire que sugere escrever conforme as pronúncias da região: “seria melhor escrever Pirineus [...], ou Perineus” (1975, p. 33). O viajante ainda emite uma crítica à forma da escrita de Pirineus, dada pelos antigos paulistas ao assemelhar as montanhas de Goiás com as montanhas da Europa, e critica também a forma Pyrenaeos, escrita por Pohl. Em meio às possibilidades, erroneamente, a Área de Preservação foi denominada Parque Estadual dos Pirineus, conforme o Decreto nº 4.830 de 15/10/1987.

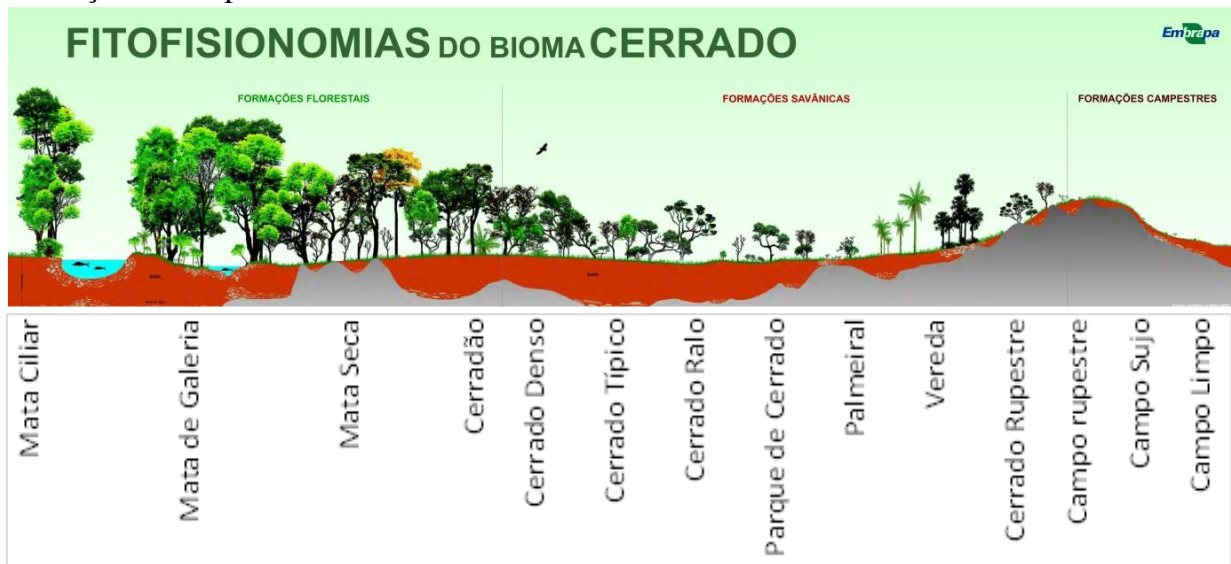
⁸ Este é jurisdicionado a Diocese de Anápolis e até o ano de 2015 fez parte do território pastoral da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário. Com a divisão dos territórios entre a Paróquia Santa Bárbara, que foi criada no mesmo ano no município, os acontecimentos religiosos nos Pirineus passam para a responsabilidade da nova Paróquia.

⁹ A romaria possui uma Associação desde 2015 - Associação dos Romeiros da Santíssima Trindade dos Pirineus, cujo estatuto se encontra anexo. Além do Estatuto da Associação, a Festa é citada na Certidão de Escritura Pública de Desapropriação, registrada no Cartório do 2º Ofício, no Livro de Notas nº 155 às folhas 142 verso a 149 em 30 de setembro de 2015 e em outros documentos.

representadas, pois assim podemos discutir os assuntos pertinentes à Festa do Morro” Enfatizou Antônio Augusto Müller de Oliveira¹⁰.

Toda a área do Parque Estadual dos Pirineus está localizada no sistema biogeográfico¹¹ Cerrado, o qual é constituído por tipos de vegetação “enquadrados em formações florestais (Mata Ciliar, Mata de Galeria, Mata Seca e Cerradão), savânicas (Cerrado sentido restrito, Parque de Cerrado, Palmeiral e Vereda) e campestres (Campo Sujo, Campo Limpo e Campo Rupestre)” (EMBRAPA, 2008), com predominância o campo rupestre. Considerando as características do Cerrado, sabe-se que as mudanças de temperatura e as ações antrópicas interferem diretamente na paisagem espacial deste sistema. Abaixo, segue a figura representativa:

Ilustração 04 - Tipos de fitofisionomias do Cerrado



Fonte: EMBRAPA, 2008. Adaptação: SILVA, 2020.

Em relação às espécies da flora e fauna do sistema biogeográfico Cerrado, sabemos que muitas espécies já foram estudadas e diversas outras ainda têm a se conhecer. Em referência a este assunto, pesquisador Altair Sales Barbosa afirma que: “[...] há uma grande variedade de paisagens geomorfológicas e fitofisionomias diferentes, responsáveis por uma diversidade no que se refere à oferta de frutos comestíveis encontrados desde ambientes

¹⁰ Gestor de Recursos Naturais e Chefe do Parque Estadual e Áreas de Proteção Ambiental dos Pirineus, sob a Portaria 208/2019, conforme entrevista.

¹¹ Conceito sugerido desde 2002, pelo pesquisador Altair Sales Barbosa em substituição ao termo bioma que tende a enfatizar somente um clímax vegetal de uma matriz ambiental. Segundo Barbosa, um sistema biogeográfico envolve um conjunto de fatores atmosféricos, hidrosféricos, litosféricos e biosféricos, incluindo as populações humanas. Um sistema biogeográfico ainda engloba diversos subsistemas destacando os microambientes específicos. (BARBOSA, 2017, p. 22-23)

abertos até os ambientes fechados” (BARBOSA, 2014, p. 30). Sobre a fauna, muitas espécies constituem também o sistema em descrição. Barbosa inteira que: “Esse conjunto faunístico envolve mamíferos de grande porte [...] também animais de médio e pequeno porte [...], há aves [...], também grupos de répteis” (2014, p. 59).

Nas proximidades dos Pireneus podemos encontrar entre a diversidade florísticas, espécies frutíferas bem comuns como: o araticum (*Annona crassiflora*), o Bacupari (*Salacia crassifolia*), o baru (*Dipteryx alata*), a cagaita (*Eugenia dysintherica*), o cajuzinho-do-campo (*Anacardium humile*), o jatobá-do-cerrado (*Hymenaea stigonocarpa*), a mangaba (*Hancornia speciosa*), a marmelada (*Cordia sessilis*) o murici (*Byrsonima verbascifolia*), o pequi (*Caryocar brasiliense*) e outros. Sem considerar a sequência alfabética dos nomes, segue algumas imagens:

Ilustração 05 - Bacupari (Aspecto do ramo)



Fonte: SILVA, 2019

Ilustração 06 Cajuzinho-do-campo (Aspecto do ramo)



Fonte: SILVA, 2019

Ilustração 07 - Mangaba (Aspecto do ramo)



Fonte: SILVA, 2019

Ilustração 08 - Marmelada (Aspecto do ramo)



Fonte: SILVA, 2019

Ilustração 09 - Cagaita (Aspecto geral)



Fonte: SILVA, 2019

Ilustração 10 - Jatobá-do-Cerrado (Aspecto geral)



Fonte: SILVA, 2019

Da diversidade faunística, os animais mais comuns, encontrados também nas proximidades do local onde ocorre a Festa dos Pireneus, são espécies pertencentes à classe insecta, como, besouros (*Coleoptera sp.*), borboletas (*Lepidoptera sp.*) e gafanhotos (*Orthoptera sp.*) Encontramos espécies também da classe das aves, como o urubu-rei (*Sarcoramphus papa*), a codorna (*Eudromias elegans*) e a seriema (*Cariama cristata*). Da classe dos répteis, é comum espécie como o teiú (*Tupinambis teguixin*) e da classe dos mamíferos, são vistos espécies como o tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*), o veado campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*) e a raposa (*Lycalopex vetulus*). O lobo Guará (*Chrysocyon brachyurus*), embora seja uma espécie de ocorrência na região, pelas ameaças ao Cerrado e também por sua esperteza, é raramente visto na área de estudo. Segue fotos de espécies registradas:

Ilustração 11 - Besouro



Fonte: COSTA, 2018.

Ilustração 12 - Borboleta



Fonte: COSTA, 2018.

Ilustração 13 - Urubu-rei



Fonte: COSTA, 2018.

Ilustração 14 - Seriema



Fonte: OLIVEIRA, 2019.

Ilustração 15 - Teiú



Fonte: OLIVEIRA, 2019.

Ilustração 16 - Veado campeiro



Fonte: COSTA, 2018.

Em relação ao espaço onde acontece a Festa do Morro dos Pireneus, por meio de depoimentos de antigos romeiros, foi possível verificar a relação dos acampados com o Cerrado local, quanto ao aproveitamento principalmente de espécies vegetais. Em entrevista durante a festa de 2018 com o Senhor Valdemísio Pereira da Veiga¹², revelou o seguinte:

Comecei a frequentar a festa com cinco anos, nesta época, meu pai colocava eu e meus irmãos para subir o morro a pé e minha mãe vinha a com a gente. Ele vinha a cavalo para trazer a tralha, a gente tinha que vir a pé para carregar a palha do buriti que ele cortava para fazer o rancho no morro (VEIGA, 2018).

Em outra entrevista realizada em junho de 2019 com o senhor Benedito da Luz Sobrinho¹³, expôs: “a gente sempre pegou no Cerrado, o catolé [palmeira típica na região]

¹² O popular Miso, romeiro desde a infância, começou a frequentar a Festa do Morro com seu pai, sua mãe e sete irmãos. Miso sempre ajudou a fazer a festa e no ano de 2009, com a ajuda dos romeiros, foi o festeiro.

¹³ Simplesmente chamado de Dito Jaci, de oitenta e um anos, neto do criador da romaria que começou a frequentar a festa por volta dos seis anos de idade com a sua mãe. Seu Dito, com problemas de saúde, frequentou somente alguns terços da festa de 2018, não conseguiu ir em 2019 e veio a falecer dois meses depois da entrevista.

para comer na festa, pegava o que tava no tamanho certo. No campo, a gente pegava folha de muitas plantas para fazer chá também”.

As folhas das palmeiras do buriti (*Mauritia flexuosa*) e do indaiá (*Attalea brasiliensis*) eram constantemente utilizadas para construir os ranchos nos acampamentos. Sabe-se que estas espécies já eram utilizadas pelos povos cerratenses desde os primeiros habitantes, sendo de muita “utilidade para o indígena e para o colonizador. [...] Buriti, de que se faz o doce; Indaiá de que se faz cobertura para ranchos” (BERTRAN, 2000, p. 21). Já plantas como o catolé (*Attalea exigua*), a arnica (*Lychnophora ericoides*) e a douradinha (*Palicourea coriacea*), eram utilizadas respectivamente na alimentação e para fazer chá. O sabor amargo apreciado pelo goiano tem também origem nos costumes indígenas do uso da guariroba (*Syagrus oleracea*) na alimentação, “no Século XVIII, considerava-se como de grande valor medicinal” (BERTRAN, 2000, p. 21). Notamos assim, pela experiência de viver a festa, que o sabor amargo junto à carne, como ingredientes do caldo ou do arroz, oferece sustento para continuar as farras, e os chás ajudam no aquecimento do frio ou no reequilíbrio do organismo após as comilanças e o excesso de bebidas.

Como características das árvores do Cerrado, estas perdem as folhas durante o inverno, período da seca estabelecido neste sistema, desta forma em muitos vegetais a floração ocorre ainda na estação de inverno como mecanismo de atração para a polinização. Assim, é comum encontrar no Cerrado no período em referência, muitas árvores em floração, o que favorece em meio à vegetação ressequida, vários pontos coloridos enfeitando o ambiente e alegrando os olhares de quem vive ou visita a região de Cerrado nesta época do ano. Como exemplos destes vegetais, o pesquisador Silva Junior (2005) destaca as seguintes: “*Tabebuia aurea* — Caraiba” (p. 182), “*Tabebuia ichracea* — Ipê-amarelo-do-cerrado” (p. 184), “*Plathymenia ridiculata* — Vinhatico-do-campo” (p. 218), “*Bowdichia virglioides* — Sucupira-preta” (p. 226), “*Pterodon emarginatus* — Sucupira-branca” (p. 236).

Ilustração 17 - Ipê em floração (Aspecto do ramo)



Fonte: COSTA, 2019.

Na área do Parque Estadual dos Pirineus, encontramos uma variedade de espécies do Reino Vegetal, muitas já estudadas e outras ainda desconhecidas. Dentre a importância e as numerosas formas de utilidades, algumas espécies enfeitam o ambiente no período de floração, enquanto outras apresentam propriedades medicinais, e existem aquelas que apresentam ambas as características. Para exemplificar, citamos algumas espécies catalogadas pelo biólogo e pesquisador pirenopolino que estuda a região, Carlos Josafá de Siqueira (2004): a apohliana (*Allamanda angustifolia*), o assa-peixe (*Vernonia ferruginea*), o araçá (*Psidium firmum*), o barbatimão (*Stryphnodendron adstringens*), a canela-de-ema (*Vellozia spp*), a congonha (*Rudgea viburnioides*), a esponjinha-rosa (*Mimosa spp*), a esponjinha-vermelha (*Calliandra dysantha*), a lobeira (*Solanum lycocarpum*) a lixeira (*Curatella americana*) o pau-santo (*Kielmeyera coriácea*), a pimenta-de-macaco (*Xilopia aromática*) e a sempre-viva (*Paepalantus spp*). As imagens seguintes apresentam os aspectos do ramo e do vegetal de algumas espécies encontradas próximo ao local de realização da Festa do Morro.

Ilustração 18 - Apohliana



Fonte: SILVA, 2019.

Ilustração 19 - Canela-de-ema



Fonte: SILVA, 2019.

Ilustração 20 - Arnica



Fonte: COSTA, 2019.

Ilustração 21 - Congonha



Fonte: SILVA, 2019.

Ilustração 22 - Mimosa



Fonte: OLIVEIRA, 2019.

Ilustração 23 - Pimenta-de-Macaco



Fonte: SILVA, 2019.

Ilustração 24 - Sempre-viva



Fonte: OLIVEIRA, 2019.

Ilustração 25 - Lobeira



Fonte: SILVA, 2019.

Como uma Área de Proteção Ambiental, a delimitação do Parque Estadual dos Pirineus, objetiva a proteção de todos os recursos naturais que constitui o meio, embora, seja percebido que “A área ainda é vulnerável a condições externas e internas, em razão de haver somente os requisitos mínimos necessários à gestão” (ANDRADE; BERNARDES, 2013, p.198). No que tange a preservação das espécies, o historiador inglês Keith Thomas afirma que: “No século XVII, tornou-se cada vez mais comum defender que a natureza existia para a glória divina e que Deus se preocupava tanto com o bem-estar das plantas e dos animais tanto com o do homem” (THOMAS, 2010, p. 236).

Os primeiros dados sobre a Serra dos Pirineus remontam às informações documentais das Sesmarias, conforme destacado pelo pesquisador Paulo Bertran (2000, p. 100): “[...] verdejante encanto de veredas de buritis, [...] era a sesmaria também, de 1739, do padre Manoel de Souza Soares. O padre Soares confrontava no Morro Alto – que, todavia não era denominado de Pirineus - com João Rodrigues Abade, o qual emprestou seu nome à famosa mina do Abade”.

Com a preocupação de conhecer e registrar, os estudos da diversidade na região da serra dos Pireneus tiveram início a partir das visitas dos viajantes europeus. Como destaque da flora do Cerrado nos caminhos rumo aos Pireneus, Saint-Hilaire descreve que:

[...] em vários trechos descampados ainda se encontra a *Vellozia* arborescente, que já assinalai como sendo característica das regiões elevadas. Assim, os campos ora apresentam grandes extensões cobertas exclusivamente de capim, ora exibem aqui também algumas árvores raquíticas surgindo no meio daquela singular monocotiledônea. [...] Nas matas muitas árvores ainda conservavam suas folhas, enquanto outras se mostravam inteiramente nuas. O chão estava juncado dos delicados folíolos de vários exemplares de *Mimosas* (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 31- 35).

Sobre as características da localidade, encontramos também informações importantes nos relatos de Johann Emanuel Pohl, outro naturalista europeu que percorreu Goiás no século XIX. Tanto o austríaco Pohl quanto o francês Saint-Hilaire, passaram pelos Pireneus no ano de 1819, tendo como divergente, os meses e o período de estação de suas estadias na antiga Meia Ponte. Johann Emanuel Pohl, que era mineralogista, botânico e médico, teve como missão, observar e anotar os fatos relevantes de sua área de conhecimento. Ao aproximar dos Pireneus em meados do mês de janeiro, período de chuva na região, o viajante descreve: “Um caminho pedregoso, agreste e íngreme, coberto de plantas sem flores (na maioria Citamíneias), nos levava através da floresta para o vale e, logo no sopé da serra deparamos com uma estrada larga pela qual, através de campos onde crescem árvores altas, e transpondo uma bela colina” (1976, p. 116). Posteriormente, no mês de junho, período já de escassez de chuva, o botânico Saint-Hilaire numa expedição para estudar a flora da Província de Goiás, também passa pelas terras dos Pireneus e faz o seguinte registro:

[...] a parte dos Montes Pireneus que percorri apresenta um terreno bastante regular. Ora vêem-se campos arenosos cobertos de capim, ora pequenas capoeiras, e nas grotas, que são sempre pantanosas, o esbelto buriti. [...] Alcançamos finalmente a base dos picos mais elevados. Os principais são dois [...]. De altura quase igual, eles formam dois cones cuja aresta é bastante oblíqua, e são inteiramente eriçados de pedras pontudas e irregulares, no meio das quais cresce uma grande quantidade de arbustos e árvores raquíticas. [...] Rochas estreitas formam a ponta do pico, e de suas fendas brotam canelas-de-ema (*Vellozia*) semi-ressequidas e coberta de líquens (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 34).

Contrapondo os relatos de Pohl e de Saint-Hilaire, é percebida a diferenciação do aspecto da vegetação da região dos Pireneus que é modificada de acordo com a mudança dos períodos das águas e/ou da seca, o que confirma ainda os diferentes períodos de itinerância dos pesquisadores. Pohl, que visitou os Pireneus no mês de janeiro, na época das águas, pode observar o Cerrado na sua cor e forma mais vicejante. Já Saint-Hilaire o expõe como uma

região com característica ressequida, evidenciando o tempo da seca de junho no Centro Oeste goiano, mês de sua estada na localidade.

Raymundo José da Cunha Mattos, militar português que viveu no Brasil de 1817 a 1839, servidor do Império como governador das armas e deputado pela Província de Goiás, escreveu muitas memórias, dentre elas, tem destaque a obra “Chorographia Histórica da Província de Goyaz”, na qual faz referência aos Pireneus, deixando dados relevantes, que mais tarde, foram necessárias algumas correções. “Serra dos Pireneos, a mais alta de Goiás: nascem nela o rio Corumbá, o das Almas e outros: as suas ramificações vão para todos os lados; tem picos mui elevados” (CUNHA MATTOS, 1874, p. 61). Analisando o registro de Cunha Mattos, sabe-se que a falha não está na grafia do nome da Serra, já que neste período a forma da escrita não possuía assertiva preocupação, mas a informação sobre a Serra dos Pireneus ser a mais alta de Goiás é o que configura uma curiosidade interessante, sendo sanada mais tarde com as informações precisas dos registros da Comissão Cruls, com a atribuição dos seguintes dados:

Entre o valle do Paranan e o do Tocantinsinho existe uma chapada designada nos mappas pelo nome de Chapada dos Veadeiros.[...] Deduz-se d'ahi para a altitude d'este ponto que parecia o culminante da chapada dos Veadeiros : 1.555 metros.[...] a chapada excede de 170 metros a do cume dos Pyreneus (MISSÃO CRULS, 1995, p. 89-90).

No final daquele mesmo século, também descreve a região o português Oscar Leal em sua obra “Viagens as Terras Goyanas”, que é editada com os Pireneus ilustrando a capa. Oscar Leal descreve: “O cume do pico, formado por enorme pedra apresenta uma plataforma de sessenta pés em quadrado¹⁴. A vista que se frue d’aquella enorme altura dous mil metros (?) sobre o nivel do mar, causa uma commoção inexplicavel em nossa alma” (LEAL, 1980, p.108). O viajante descreve os Pireneus, expressando o sentimento de emoção de se estar no local com significante altitude, mas deixa registrado anteriormente, suas críticas quanto a comparação dos Pireneus brasileiro com os Pireneus da Europa e ao nome da cidade de Pirenópolis, enquanto derivado: “Os picos de Goyaz, nada tem em comum com os Pyrêneus da Europa. A par de uma bôa etymologia como deriva do tupy - de Pery - Perypolis ou eufonicamente – Pery-nópolis. O nosso leitor compreenderá sem dúvida a nossa intenção, fundada no patriotismo” (LEAL, 1980, p. 80).

¹⁴ Local onde tem início a romaria em honra a Santíssima Trindade por meio da primeira missa em 1927 e onde foi construída logo depois, a Capela com a mesma finalidade.

As imagens a seguir, demonstram as características das elevações em evidência. Entre as peculiaridades, ambas apresentam expressividades em suas paisagens panorâmicas. A diferença de altitude entre os picos mais elevados, talvez seja o fator de maior destaque, seguindo as discussões e análise dos remotos pesquisadores. Enquanto o pico mais alto das montanhas dos Pireneus na Europa, o monte Aneto, somam mais de 3400 metros, o pico de maior proeminência na Serra dos Pireneus, no Estado goiano, chega a 1385 metros.

Ilustração 26 - Pireneus da França



Fonte: BUCHOT, 2019.

Ilustração 27 - Pireneus do Planalto Central



Fonte: OLIVEIRA, 2019.

As anotações realizadas pela Comissão do Planalto Central do Brasil, chefiada pelo belga Luiz Cruls, que estabeleceu nos Pireneus pela primeira vez em agosto de 1892, conforme Jayme (1971, p. 312), foram importantes no que tange as perspectivas das pesquisas na região. Objetivada a descobrir o lugar ideal para a futura capital do Brasil, a Comissão que elaborou vários estudos e registros fotográficos, contribuiu com a composição do relatório de toda a viagem, sendo este de grande valia para a continuidade e expansão dos conhecimentos inerentes aos aspectos evidenciados.

Ainda como definição das características da Serra em abordagem, Siqueira (2004), afirma que: “A história geológica dos Pireneus tem mostrado a importância que este local exerce como ponto de referência para Planalto Central Brasileiro” (2004, p. 40). O pesquisador faz menção aos vários aspectos que inclui o ambiente da localidade e no que se refere ainda à composição geológica e hidrológica e a importância da Serra dos Pireneus, completa:

[...] pela tríplice ramificação do relevo goiano: uma primeira em direção à Bahia; uma segunda em direção ao norte, entre os rios Tocantins e Araguaia e uma terceira em direção ao sudeste até os limites com o estado do Mato Grosso. Do ponto de vista Hidrológico, este espaço desempenha um papel fundamental no que diz respeito aos recursos hídricos, o Rio das Almas e o Rio Corumbá nascem nesta região (SIQUEIRA, 2004, p.41- 42).

Ilustração 28 - Morro dos Pireneus e proximidades - Vista aérea



Fonte: OLIVEIRA, 2018.

A condição geológica e hidrológica da Serra dos Pireneus se justifica pela definição das estações de chuva e de seca, uma vez que o tipo de solo do Cerrado formado por rochas sedimentares tem propriedade de acumular água, realizando então a captação e encharcando o substrato terrestre, o que explica a riqueza dos veios subterrâneos e a alimentação dos cursos d'água. Esta condição caracteriza o local como: “[...] um divisor de águas continentais entre as bacias hidrográficas do Paraná/Prata e do Tocantins. [...] isso se deve às características hidrogeológicas dos quartzitos que são carregados no período chuvoso, descarregando lentamente na estação da seca” (THOMÉ FILHO; MORAES; PAULA, 2010, p. 7).

Os diversos fatores que constituem a Serra dos Pireneus tornam a localidade com características bem peculiares e, no que tange a paisagem, a vista estabelecida pelo conjunto de elevações junto à vegetação predominante, denota um panorama que reflete uma unicidade.

Com o registro fotográfico abaixo é possível distinguir a Serra dos Pireneus, localizando os três picos preeminentes fixados no sistema Cerrado e com a vegetação em destaque, o buriti, planta nativa com características próprias de lugares ricos em mananciais, indicando que a Serra é cercada por nascentes.

Ilustração 29 - Vista panorâmica dos Pireneus



Fonte: OLIVEIRA, s/d.

O aspecto principal no panorama da paisagem da Serra dos Pireneus é sem dúvida a imagem repercutida pelas elevações de morros, visto que o local atrai as pessoas para visitas durante todo o ano. Especificamente o Morro dos Pireneus, o de maior altitude, que parece estabelecer-se como um ponto de aproximação e contatos, durante a romaria tem o fluxo de pessoas intensificado. A procura por lugares montanhosos, antropologicamente, sempre teve um significado, não divergindo dos propósitos daquele que vai a procura dos Pireneus durante o acontecimento da Festa do Morro. O assunto evidenciado apresenta-se em consonância com os estudos dos pesquisadores Valdir Adilson Steinke e Everaldo Batista da Costa, ao afirmarem que

O relevo aparece em várias manifestações e passagens religiosas, nas diferentes crenças, por meio de escritos sagrados, de imagens em forma de pinturas, gravuras, iconografias e fotografias. Variavelmente, remetem o leitor a referências das condições de relevo, como morros, colinas, montanhas, planícies, todas relacionadas às questões de devoção (STEINKE; COSTA, 2012, p. 61).

Neste sentido, podemos dizer que o Morro dos Pireneus atua como um “ponto fixo” como define Eliade (1992, p. 26) de constante frequência durante a festa, onde os fiéis parecem buscar uma conexão que transcende o plano terrestre. No encontro com o meio real de natureza explícita, o sagrado se manifesta face ao profano na conexão que se estabelece.

Sobre a fundação ontológica do mundo na perspectiva da manifestação do sagrado, Eliade prossegue:

Na extensão homogênea e infinita onde não é possível nenhum ponto de referência, e onde, portanto, nenhuma *orientação* pode efetuar-se, a hierofania revela um “ponto fixo”, absoluto, um “Centro”. [...] a revelação – do espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso; porque nada pode começar, nada se pode *fazer* sem a orientação prévia – e toda orientação implica a aquisição de um ponto fixo (ELIADE, 1992, p. 26).

Talvez pela complexidade dos conceitos, no que se estabelece a um santuário, não podemos fazer uma comparação do Morro dos Pireneus com grandes centros de peregrinação, visto não há uma clareza da linguagem estabelecida, pois no que define Rosendahl (2018, p. 153), “A linguagem dos santuários é bem clara, a verdade social do país está ali traduzida, e o devoto concentra seus pedidos em três necessidades: saúde, trabalho e amor”. Mas para uma analogia do morro, enquanto local da romaria da Santíssima Trindade, como “Ponto fixo”, como lugar que atrai e com variação de fluxo, utilizamos também das ideias da autora para a complementação do conceito de Eliade:

Trata-se de uma demonstração de fé que adquire padrões distintos no espaço e no tempo. Envolve assim, espaço e tempo fixos – os lugares sagrados – e os fluxos – a peregrinação. [...] A intensidade dos fluxos pode variar, dentro de um mesmo santuário, em muito intenso e pouco intenso. [...]. Qualifica-se, também, pelo poder de atração que o sagrado impõe ao lugar (ROSENDAHL, 2018, p. 167).

Sobre a simbologia da montanha, Dardel destaca que “O homem demanda à montanha um simbolismo da altura moral, ao mesmo tempo que a satisfação de uma vontade de escalar e ascender” (2015, p. 17). As crenças religiosas sempre tiveram uma relação estreita com os lugares altos: o Monte Olimpo, com seus 2.917 metros de altura, era a morada dos deuses da Grécia Antiga; o Monte Arunachala, com 814 metros de altura, é considerado sagrado pela crença hinduísta porque seria formado por uma coluna de luz pelo deus Shiva; a montanha que forma o vulcão Mauna Kea, com 4.205 metros, é considerada sagrada pelos aborígenes havaianos. A existência de tantas montanhas desempenhando um papel simbólico importante em tão diferentes religiões indica uma antropologia que vincula o sagrado às grandes alturas. Para Eliade,

[...] a montanha figura entre as imagens que exprimem a ligação entre o Céu e a Terra; considera-se, portanto, que a montanha se encontra no Centro do Mundo. Com efeito, numerosas culturas falam-nos dessas montanhas – míticas ou reais – situadas no Centro do Mundo: é o caso do Meru, na Índia, de Haraberezaiti, no Irã, da montanha mítica “Monte dos Países”, na Mesopotâmia, de Gerizim, na Palestina, que se chamava aliás “Umbigo da Terra”. Visto que a montanha sagrada é um *Axis mundi* que liga a Terra ao Céu, ela toca de algum modo o Céu e marca o ponto mais alto do mundo; daí resulta, pois, que o território que a cerca, e que constitui o “nosso mundo”, é considerado como a região mais alta (ELIADE, 1992, p. 39).

Ao remeter as passagens bíblicas, notificamos também a simbologia das elevações montanhosas com manifestação do sagrado tanto no Antigo, quanto no Novo Testamento. No Monte Sinai, Moisés recebe diretamente de Deus as Tábuas da Lei, com os 10 mandamentos (ÊXODO, 31:18). Para Elias, no monte Carmelo, foi anunciado o milagre da chuva (REIS, 18:42-44). Ainda no Antigo Testamento, elevações rochosas como o monte Horeb, onde

Moisés viu a sarça ardente (ÊXODO 3:1); o monte Moriá, onde Abraão oferece seu filho ao sacrifício (GÊNESES 22:2) e o monte Hor, onde acontece a morte de Aarão (NÚMEROS 20:27-28), são apontadas muitas vezes como ponto de ligação com Deus ou de sacrifício ao próprio Deus.

Já no Novo Testamento, as mensagens bíblicas sobre a vida de Jesus relacionada a formações montanhosas, são ricas em elementos simbólicos. A partir de passagens como o Sermão da Montanha (MATEUS, 5:1); a transfiguração de Jesus (MATEUS 17:1) e a crucificação (MATEUS, 27.32-44), a simbologia das alturas é expressivamente manifestada. Além de passagens de Jesus em montes já referidos no Antigo Testamento, o Monte das Oliveiras aparece muitas vezes no Novo Testamento complementando o quadro simbólico dos acontecimentos ligados ao Cristianismo.

Na Festa do Morro, a proximidade com a natureza local, o encontro de amigos e familiares e a tradição dos ritos, são fatores de conexão entre as pessoas e o morro. O próprio ato de subir o morro e percorrer o caminho atribui um sentido de ligação ou elo entre os espaços ou dimensões. O percurso de 420 metros de trilha conforme afirma Oliveira (2009), com um caminho estreito e pedregoso e uma descontínua escada de acesso ao pico, completa a simbologia para os romeiros da Festa do Morro e visitantes da localidade. “A escalada ou ascensão simbolizam *o caminho rumo à realidade absoluta*; e, na consciência profana, a compreensão desta realidade provoca um sentimento ambíguo de medo e felicidade, de atração e repulsa etc.” (ELIADE, 1991, p. 47). Utilizamos a figura seguinte para expressar as definições aqui alocadas.

Ilustração 30 - Morro dos Pireneus durante a Festa em Louvor a Santíssima Trindade



Fonte: CURADO, 2016.

Compreendemos então que a aproximação e busca do homem por lugares elevados tem significado simbólico e representativo e no caso dos Pireneus, a Festa do Morro é

idealizada a partir da relação imaginária dos três picos mais próximos com a imagem das três pessoas da Santíssima Trindade, quando a paisagem repercute no período festivo uma simbologia que aproxima as pessoas para o encontro anual. Assim, para o frequentador da festa, a procura por aquele espaço denota uma representação simbólica.

1.2 O CERRADO COMO CENÁRIO: SOL QUE AQUECE, LUA QUE LUMIA E VENTO QUE ESFRIA

Para os que permanecem o ano todo no município de Pirenópolis, pode perceber a mudança do tempo e a alternância das características do Cerrado, principalmente no aspecto da vegetação. O sol intenso dos meses de abril a setembro deixa o ar seco, o que reflete diretamente no aspecto de coloração da flora, provocando uma aparência mirrada nas árvores e um tom amarelado que se mistura à poeira e a fumaça do ambiente. No período de seca, a poeira constante é proveniente do fluxo de automóveis sobre a antiga estrada de terra que corta o Parque Estadual dos Pirineus e a fumaça é oriunda das queimadas que ocorrem facilmente na vegetação suscetível do Cerrado naquela época do ano. A propagação do fogo na vegetação fragilizada pode ocorrer de forma natural com as descargas elétricas, ou por meio da interferência humana.

No Cerrado, assim como em outros sistemas biogeográficos, seguindo o quadro evolutivo, as espécies nativas criam seus mecanismos de defesa para sobreviver às queimadas. Sobre os debates acerca do fogo no ambiente de Cerrado, destacamos a visão do professor Altair Sales Barbosa, que aponta o fogo como um elemento em associação a este sistema.

Não se pode levar adiante qualquer estudo sobre o Cerrado, se não tomar em consideração o fogo, elemento intimamente associado a essa paisagem. Apesar da sua importância para o entendimento da ecologia desse ambiente enquanto sistema biogeográfico, a ação do fogo no Cerrado é ainda mal conhecida e geralmente marcada por questões mais ideológicas que científicas. Também não se pode conduzir seu estudo com base apenas nas comunidades vegetais. O estudo do fogo como agente ecológico será mais completo, se também se observarem a comunidade faunística e os hábitos que certos animais desenvolveram que estão intimamente associados à sua ação, cuja assimilação, sem dúvida, necessita de arranjos evolutivos caracterizados por um tempo relativamente longo (BARBOSA, 2014, p. 24).

Podemos constatar por meio das figuras abaixo, a resistência da vegetação do Cerrado e a regeneração deste sistema após a ocorrência do fogo. Na observação de Saint-Hilaire, constatamos a condição de adaptação da flora na hostilidade deste ambiente. “Durante a seca – época em que se ateia fogo aos campos – o desenvolvimento da maioria das plantas fica de

certa forma interrompido, e suas hastes apresentam-se com aparência ressequida. [...] Nas queimadas, as hastes calcinadas favorecem o desenvolvimento das gemas” (1975, p. 30).

Ilustração 31 - Queimada nos Pireneus



Fonte: SILVA, 2019.

Ilustração 32 - Rebrotada da vegetação



Fonte: AQUINO, 2017.

Com o início e permanência das chuvas, de outubro a maio, a terra árida, torna-se umedecida, a poeira é abrandada e a vegetação alterna para os tons de verde, demonstrando a sua capacidade de resiliência. A alteração de temperatura na região do “*Homo cerratensis*”, termo designado pelo pesquisador Bertran (2000, p.18), e a divisão “do tempo da seca e do tempo das águas”, como define o goiano, caracteriza o momento transitório no Cerrado.

A definição da estação de chuva e seca no Cerrado com a referida alternância no aspecto da vegetação caracteriza também a paisagem dos Pireneus, sobre a definição da paisagem, Sauer (2004, p. 51) afirma que, “Na estrutura da paisagem, o clima é de importância primordial”. O local de realização da Festa do Morro em Louvor a Santíssima Trindade, tem sua paisagem também modificada gradativamente no decorrer do ciclo festivo¹⁵: o ciclo da Festa do Morro tem início no mês de novembro com os terços mensais¹⁶ rezados no espaço festivo, ainda no período da chuva; o momento ápice das atividades festivas ocorre com a culminância da Festa do Morro, já no mês de julho no instante de estiagem das chuvas, quando o tempo seco sobressai.

¹⁵ Na concepção de Maia (2002), pesquisador de festa, o ciclo festivo é composto por uma série de ações que podem ser classificadas em três fases distintas: preparação, realização e desativação.

¹⁶ A reza mensal do terço corresponde a uma sequência de nove encontros na lua cheia de cada mês, que vai de novembro a julho, como momentos de preparação para a festa. O terço mensal teve início no ano de 2009 por iniciativa de Wellygton Rodrigues como promessa do restabelecimento de sua saúde, após um acidente. Naquele ano, Wellygton desempenhou a função de festeiro e contou com o apoio de Geraldo Herculano de Oliveira (25/09/1951 - 16/11/2019) para a realização dos terços. Herculano se empenhou na continuidade destes terços.

Desta forma, o Cerrado como cenário do acontecimento festivo e cultural com sua paisagem constituída pelos morros e a vegetação de árvores e arbustos retorcidos, é complementado pelos espaços sagrados fixos, que no Morro dos Pireneus, são delimitados pela Capela da Santíssima Trindade, no alto do pico de maior elevação e pela Capela de Nossa Senhora D'Abadia no sopé do morro.

Sobre a paisagem, em relação ao contexto que aqui apresentamos, podemos melhor compreender a definição do conceito, nas palavras dos pesquisadores Roberto Lobato Corrêa e Zeni Rosendahl,

Produto da ação humana ao longo do tempo, a paisagem apresenta uma dimensão histórica. Na medida em que uma mesma paisagem ocorre em certa área da superfície terrestre, apresenta uma dimensão espacial. Mas a paisagem é portadora de significados, expressando valores, crenças, mitos e utopias: tem assim uma dimensão simbólica (CORRÊA; ROSENDAHL, 2004, p.8).

Levando em conta as ações dos romeiros nas atividades que institui a festa, por meio das imagens seguintes podemos verificar a alternância da paisagem no espaço da realização da Festa do Morro dos Pireneus nos períodos do ano caracterizados. Registramos a realização do segundo terço no mês de outubro de 2018 e do antepenúltimo no mês maio de 2019, como preparação para a festa.

Ilustração 33 - Terço - outubro de 2018



Fonte: SILVA, 2018.

Ilustração 34 - Terço - maio de 2019



Fonte: OLIVEIRA, 2019.

Podemos perceber respectivamente, a alternância da paisagem com a presença de neblina no espaço, a coloração verde da vegetação e a percepção do tempo chuvoso refletindo o início dos festejos. Com a outra imagem, pelo tom mais escurecido da vegetação e a claridade do céu, é possível percebermos que se manifesta o início da seca e a aproximação do ápice da festa.

A imagem abaixo registra o espaço já durante a realização da festa no mês de julho, aonde podemos verificar com a coloração da paisagem em que a seca predomina no Cerrado Goiano.

Ilustração 35 - Paisagem no período da Festa



Fonte: CURADO, 2016.

Além da paisagem que cerca as atividades da festa, da vegetação característica e definida, outros elementos da natureza também integram a sua composição, como por exemplo, o sol quente e reluzente, que aquece os romeiros em meio às intempéries; a lua na fase da cheia, que clareia o espaço e a festa, resplandece com o seu brilho e envolve a todos; o vento intenso que assovia, é constante, junto com ele vem o frio que paira em todo o ambiente.

Por meio das imagens seguintes, podemos perceber a intensidade do pôr do sol e do nascer da lua como complementos da paisagem estabelecida no local da festa. No mês de julho, período de culminância dos festejos no morro, a nitidez do céu estabelece também como fator que emoldura a paisagem. Durante o dia, o sol repercute com intensidade e ao final, com um pôr exuberante, limita a localidade com perfeição e destaque.

Ilustração 36 - Pôr do sol



Fonte: CURADO, 2016.

Ilustração 37 - Nascer da lua



Fonte: CURADO, 2016.

Já à noite, a lua, astro que define o calendário e convida os romeiros para a festa, aparece toda imponente e reflete como característica marcante do momento. Dona de toda beleza e atração, permanece no espaço iluminando os acontecimentos.

Embora a lua cheia, representa importância e significado para os partícipes desde o início da realização da Festa do Morro, sabendo que este astro designa o calendário festivo, é percebido ainda que no local, o sol é também apreciado no momento do seu poente. Desta forma, como componentes da paisagem que também representam uma simbologia no espaço, o pôr do sol e a lua cheia são fenômenos contemplados antes, durante e depois da festa. A procura pelo Morro dos Pireneus para a apreciação dos fenômenos naturais se estendem além do momento festivo, visto que a altitude facilita visualização.

Os rituais de adoração do sol e da lua têm origem remota e uma simbologia que perpassa o universo religioso e cultural. Diferentes etnias em períodos distintos marcaram a história através dos rituais sagrados ligados à natureza; nestes, a adoração pelo sol e pela lua compreende como afirma Eliade (1992), em “hierofanias cósmicas”. Sobre a sacralidade da lua e do sol como hierofanias cósmicas, Eliade complementa que:

Graças ao simbolismo lunar, foi possível relacionar e estabelecer correspondências entre fatos tão heterogêneos como o nascimento, o devir, a morte, a ressurreição. [...] A lua valoriza religiosamente o devir cósmico e reconcilia o homem com a Morte. O sol, ao contrário, revela um outro modo de existência: não participa do devir; embora em constante movimento, o Sol permanece imutável, sua forma é sempre a mesma (ELIADE, 1992, p. 130-131).

Por meio da colocação de Eliade, reforçamos a nossa percepção da forte influência que a lua manifesta nas ações humanas. Na Festa dos Pireneus, o ato de apreciar o pôr do sol e o nascer da lua parece constituir um ritual ligado ao momento festivo, os romeiros esperam ansiosos todos os anos, a chegada do mês de julho para subir o morro, participar da festa e admirar de forma atônita o imponente astro. A lua atua como um referencial, acompanhando os partícipes da romaria desde a primeira missa celebrada naquela localidade.

Segundo o historiador Ramir Curado, numa entrevista em março de 2019, a apreciação pela natureza do Morro dos Pireneus, ganhou mais força com a chegada das comunidades alternativas a Pirenópolis no início da década de 1980. Podemos confirmar as palavras do historiador, com o texto de Iraldo Jayme¹⁷, descrito no jornal pirenopolino “Mensageiro”, de junho de 1976. No texto, segue a afirmativa: “Profecias e mais profecias indicam o Planalto Central como nascedouro de uma nova civilização. Nele, sobressaem-se altaneiros os Picos

¹⁷ Foi jornalista, escritor e historiador pirenopolino. Informações disponíveis em: <http://cidadedepirenopolis.blogspot.com>. Acesso em: 30 jan. 2020.

dos Pireneus” (MENSAGEIRO, 1976, p. 5). Tal afirmativa se embasa na profecia de Dom Bosco¹⁸ do início de uma nova civilização, com a saída dos sofrimentos e a busca pela felicidade suprema. Desta forma, Pirenópolis com sua cultura diversificada e suas riquezas naturais, passa a ser muito procurada. Observa-se que a expansão turística no município ocorreu a partir da construção da nova capital do país, Brasília e da chegada das comunidades alternativas a procura de um lugar tranquilo para se viver, descobrindo então os Pireneus e também a Festa do Morro.

Percebemos então, que o Cerrado com suas características únicas, independente do período do ano, a paisagem estabelecida pelo conjunto de fatores que o forma, emoldura os acontecimentos que decorrem junto a ele, como exemplo, as tradicionais festividades religiosas. Assim, a festa do Morro em louvor a Santíssima Trindade tem o seu ciclo do início ao fim, acontecendo em meio a um cenário favorecido pela a paisagem do Cerrado, que parte do caminho até o local de realização da festa.

1.3 A FESTA NO ESPAÇO: O SAGRADO E O PROFANO EM MEIO À NATUREZA

O acontecimento festivo proporciona a percepção do espaço e identifica o partícipe como integrante do mesmo, em interação com as dimensões da própria festa. Na Festa do Morro, os romeiros se interagem nas dimensões do sagrado e do profano em meio ao espaço festivo circundado pela natureza, que estabelece a paisagem festiva, pois “A festa é um momento que nos faz perceber no espaço”, como afirma a pesquisadora, Tereza Caroline Lôbo¹⁹.

Ao analisar a tradição, a fé e a devoção da Festa do Santo Senhor dos Pobres em Mumbaça, no estado de Alagoas, os geógrafos Silva e Menezes (2018, p. 185), afirmam que: “As festas religiosas são fenômenos marcantes ao longo da construção da história humana.

¹⁸ Em agosto de 1883, Dom Bosco, como é mais conhecido, sonhou que fazia uma viagem à América do Sul – continente que jamais visitou. No sonho, ele passou por várias terras entre a Colômbia e o sul da Argentina, vislumbrando povos e riquezas. Ao chegar à região entre os paralelos 15° e 20°, viu um local especial, onde, nas palavras de um anjo que o acompanhava em sua visão, apareceria “a terra prometida” e que seria “uma riqueza inconcebível”. Setenta e sete anos depois do sonho, era inaugurada no Planalto Central brasileiro a cidade de Brasília, exatamente dentro do intervalo de coordenadas geográficas mencionado na visão de Dom Bosco e emoldurada pelo Lago Paranoá. Informações disponíveis em: <http://www.senado.gov.br>. Acesso em 20 jan. 2020.

¹⁹ Tereza Caroline Lôbo é pirenopolina e enquanto pesquisadora das festividades da região participou da entrevista para esta pesquisa. Tereza Caroline é doutora em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (2011) e desenvolve pesquisas com ênfase em Festas Populares.

Elas estão marcadas por meio de crenças que envolvem elementos materiais e imateriais, permeadas pelo simbolismo evidenciado no cotidiano das pessoas”.

Observando a romaria em Louvor a Santíssima Trindade em Pirenópolis Goiás, percebemos hoje, que em meio aos seus elementos materiais e imateriais, esta tem sua continuidade com foco em três relevantes aspectos: o religioso, o profano e a apreciação pela natureza. O religioso é estabelecido pelos rituais que constituem e definem a festa como os terços, a procissão e as missas, rituais que serão especificados no segundo capítulo com a descrição do ciclo festivo.

A festa profana se estabelece pelo encontro nos acampamentos, nas pedras e nos espaços próximos ao caminho de acesso ao pico mais elevado e próximo a Capela de Nossa Senhora D’Abadia. Os grupos se juntam para fazer a festa com música instrumental, som mecânico ou simplesmente, vocal. Nestes espaços além de se alegrarem com cantorias, acampados e visitantes, bebem e se fartam de comida. É perceptível e comum ainda, o consumo de álcool e drogas ilícitas. Sobre estes abarracados, Jayme e Jaime (2002, p. 79) afirmam que: “A festa deles era outra: apreciar o luar, farrear, beber, dançar e comer a tripa forra, não falando nas libertinagens e na droga”.

Já o aspecto de apreciação da natureza, é confirmado pelo momento de admiração da paisagem local, onde a natureza se revela com o belo panorama composto pelo pôr do sol e pelo nascer da lua nos picos dos Pireneus. “Para o homem religioso, a natureza não é exclusivamente natural, está sempre carregada de um valor sagrado” (ROSENDAHL, 1996, p. 64). Nesta concepção, revelam-se os aspectos religioso e profano, na hierópolis²⁰ em meio ao espaço natural. Sobre a organização nos locais de romaria, Zeni Rosendahl define que:

A organização espacial nos locais de romaria possui um centro, onde fica a igreja, que representa o centro cósmico, qualificadamente forte, definido e consagrado, e uma parte contínua, periférica ao centro cósmico, não sagrada, onde vivem as pessoas que rendem louvor ao santo. Existe uma inter-relação entre o espaço sagrado e espaço profano [...] (ROSENDAHL, 2009, p. 49).

Junto aos elementos naturais da Serra dos Pireneus, o sagrado se manifesta de forma materializada delimitando os espaços que conectam o partícipe à festividade. A partir do caminho até chegar ao espaço de alocação dos acampamentos, o sagrado se revela numa expressão simbólica em meio à natureza também expressiva. Podemos identificar a afirmativa nas imagens a seguir.

²⁰ Lugar sagrado, com foco na peregrinação. Definição atribuída por Rosendahl (2009, p. 94), a partir de Eliade.

Os cruzeiros que demarcam o caminho do Morro constituem numa Via Sacra construída no início dos anos de 1990, pelo Joel Alves de Oliveira²¹, como percurso de procissões.

Ilustração 38 - Cruz da Via Sacra



Fonte: SILVA, 2018

Ilustração 39 - Delimitação das Capelas



Fonte: SILVA, 2018.

O cruzeiro fixado no alto do morro delimita o local e o intitula sagrado. Aos pés da cruz, pessoas se reúnem para assistirem ao pôr do sol, um espetáculo da natureza, ali visualizado.

²¹ Padre que comandou a Paróquia Nossa Senhora do Rosário de 1994 a 2000. Era muito polêmico e tornou-se conhecido por suas ideias conservadoras e radicais. Informações disponíveis em: <http://www.filhosdapaixao.org.br>. Acesso em: 10 out. 2019.

Ilustração 40 - Morro demarcado com cruzeiro, ponto de apreciação da natureza



Fonte: OLIVEIRA, 2018.

Podemos afirmar que o sagrado e o profano estão nitidamente estabelecidos no espaço de realização da festa, mas em constante interação, pois de acordo com Rosendahl (1996, p. 32) “O espaço sagrado e o espaço profano estão sempre vinculado a um só espaço social”.

O espaço de acontecimento da romaria é completamente alterado no período da festa. Se antes este, que é constituído apenas de natureza e dos templos sagrados, por ocasião da festa, tem a paisagem alterada pela distribuição dos acampamentos, no instante festivo, “O sagrado e o profano se opõem e, ao mesmo tempo se atraem. Jamais, porém, se misturam” (ROSENDAHL, 1996, p. 31).

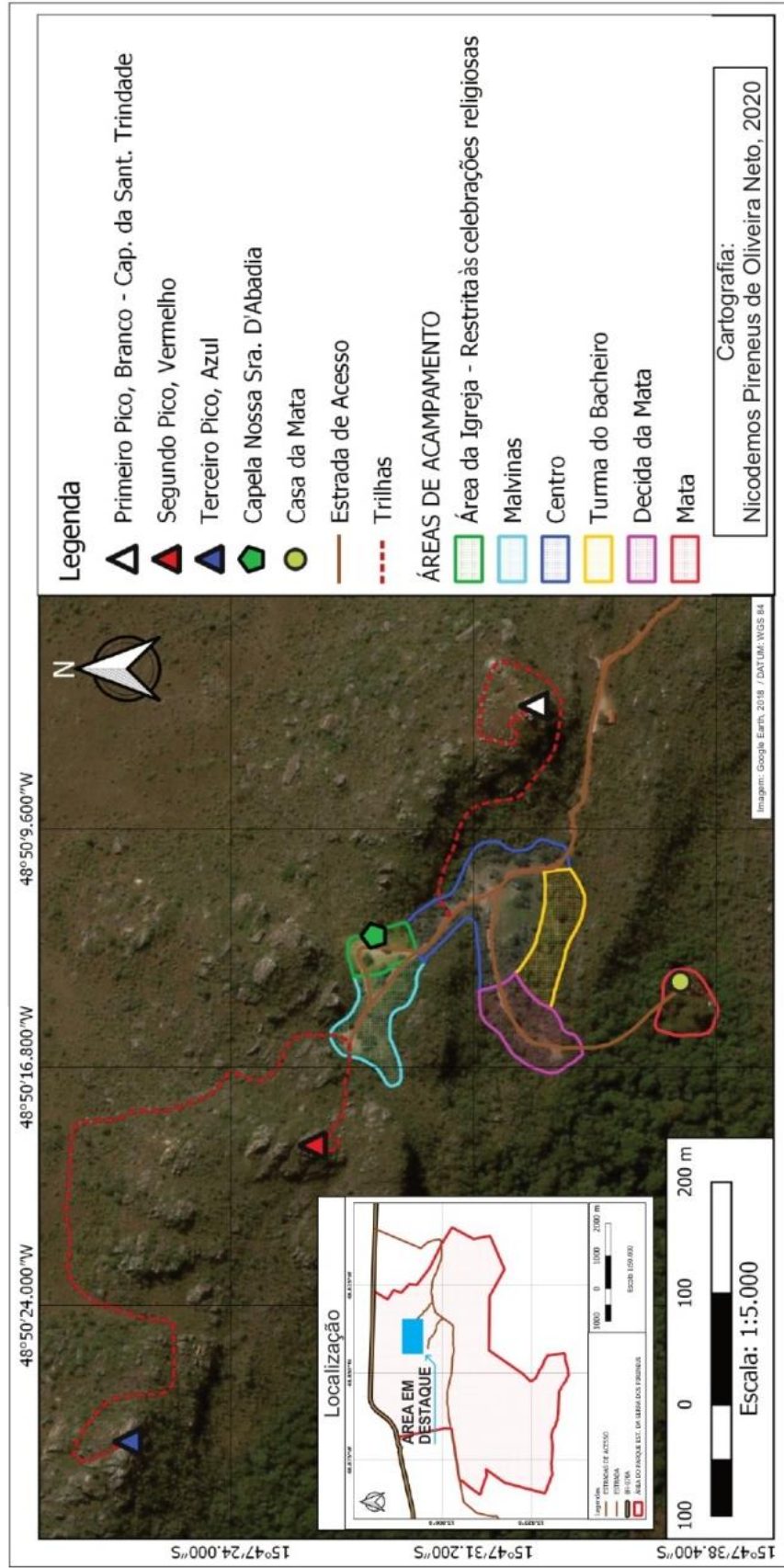
Ilustração 41 - Espaço dos acampamentos



Fonte: SILVA, 2018.

Os acampamentos acontecem por grupos nos setores que se mantêm simbolicamente em vínculos familiares, amigáveis ou afinidades. Os grupos permanecem nos mesmos locais todos os anos, podendo ser alterados em componentes, quando algum acampado deixa de frequentar a festa.

Ilustração 42- Setores dos acampamentos



Fonte: OLIVEIRA NETO, 2020.

Os setores são denominados por nomes como mostra a legenda da ilustração acima. Os nomes são ligados à característica do local ou a algum acontecimento representativo.

Na romaria de julho de 2019, foram contados 42 núcleos de acampamentos, distribuídos entre os setores mencionados. Cada núcleo comportando entre 5 a 15 pessoas, vindas em maior número, da cidade de Pirenópolis, alguns de Brasília e outros de Cocalzinho de Goiás. Um total aproximado de 400 pessoas que se retiram para o morro neste período, para viver o espaço da festa em constante interação. Sobre o espaço vivido, Roberto Corrêa defende que:

O espaço vivido é por outro lado, marcado ainda por uma afetividade maior que nas sociedades industriais. A afetividade manifesta-se tanto no que diz respeito ao gostar dos lugares como à movimentação espacial. Lugares e áreas longínquas tornam-se próximos em função da afetividade por eles, como se explica com os lugares sagrados, objetivamente distantes (CORRÊA, 2017, p. 33).

Na romaria do Morro, os romeiros praticamente se mudam para o local de realização da festa e neste, a movimentação espacial manifestada pelas relações sociais estabelecidas e a expressão do sentimento de gostar da festa, denota também que o espaço torna um lugar vivido durante o acontecimento da romaria.

Diante das observações dos relatos e descrições dos acontecimentos da romaria do Morro em Louvor a Santíssima Trindade ao longo das nove décadas já passadas, os rituais religiosos, parecem ter tido oscilações de intensidades no decorrer dos festejos, o que vem em consonância com as colocações de Siqueira:

Acompanhando a evolução histórica desta festa ao longo dos anos, com seus avanços e recuos, cremos que um dos desafios atuais para a sociedade pirenopolina consiste em resgatar e preservar a idéia original desta tradicional festa, pois nela acontece o encontro da comunidade local com o divino e a natureza (SIQUEIRA, 2004, p. 42).

Sabendo que a relação do sagrado com o profano é uma realidade na festa, existe a preocupação de alguns devotos em manter os aspectos característicos, visando à preservação da paisagem natural que a constitui, bem como as suas atividades ritualísticas, com relevância nos aspectos religiosos. Tal preocupação não abrange os frequentadores numa totalidade, desta forma, nos processos de preservar para valorizar e continuar a tradição festiva os partícipes deverão passar por uma reeducação. “Esta reeducação inclui também a integração da dimensão religiosa da festa, pois a sua exclusão significa uma perda irreparável” (SIQUEIRA, 2004, p. 43).

Entendemos então, que a Festa do Morro, constituída de elementos materiais e imateriais, é marcada pelos aspectos religioso, profano e pela apreciação da natureza, cada qual se caracterizando no meio festivo de forma distinta e perceptível, mas não de maneira desvinculada. Cada aspecto, tendo em vista o envolvimento do partícipe com as relações que se estabelecem, se interage no espaço e institui a festa.

2 FESTA EM LOUVOR A SANTÍSSIMA TRINDADE: FESTA DOS PIRENEUS, FESTA DO MORRO, FESTA DA LUA. E A FESTA CONTINUA...

Abordamos neste capítulo, a simbologia do Morro dos Pireneus e a instituição da romaria em Louvor a Santíssima Trindade. Tratamos das edificações dos espaços sagrados, suas finalidades e as transformações no percurso da festa. Destacamos a Santíssima Trindade e Nossa Senhora D'Abadia enquanto santidades homenageadas na Festa do Morro, bem como a história e aquisição das respectivas imagens. Apontamos a romaria como acontecimento de iniciativa de Christóvam José de Oliveira com a aprovação da Igreja e os acontecimentos que referenciam a festa como legado para a família do criador e para outros devotos. Caracterizamos o acontecimento festivo desde a preparação, o acontecimento, o desmanche e ainda a ressignificação dos rituais festivos.

2.1 A SIMBOLOGIA SAGRADA NAS ALTURAS: HONRA A TRINDADE E HONRA A MARIA

Com uma simbologia ligada às características geográficas e paisagísticas da Serra dos Pireneus, a romaria do Morro foi criada pelo pirenopolino e proprietário das terras da região, o senhor Christóvam José de Oliveira. Partindo da alusão aos três picos de maior proeminência na Serra dos Pireneus, Christóvam escolheu a divindade da Santíssima Trindade como devoção da romaria. Sobre a divindade da Trindade, Brandão afirma que:

O modelo das diferenças do catolicismo popular é dado pelo paradigma do próprio corpo sagrado dos seres da Santíssima Trindade. Esta divindade única, popularmente decomposta em três pessoas distintas que amorosamente interagem, desdobra-se em três sujeitos celestiais cuja figura corpórea é percebida entre muitas diferenças, quando uma é comparada com a outra. Assim, o *Pai* é, dos três, o mais identificado com “o Deus todo poderoso”. Ele, de modo geral, é representado em imagens populares como uma figura humana cujo corpo, no entanto, não é muito retratado. Muito menos que “o Filho”, raras as suas imagens. Nessas imagens, ele é um velho de longas barbas e cabelos brancos, suave e algo estático, ladeado pelo *Filho* e pelo *Espírito Santo* (BRANDÃO, 2009, p. 16).

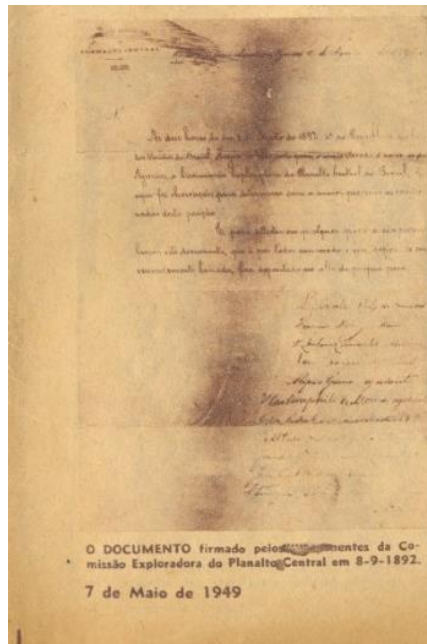
A Festa do Morro também tem seu mito de origem. De acordo com as informações dos familiares de Christóvam, este, ao campear pela região, foi surpreendido por uma grande tempestade, e ao solicitar proteção divina, se depara ileso após a forte chuva. Desta forma, Christóvam vê o ocorrido como um milagre e o associa à semelhança dos três picos às três pessoas da Trindade, e em agradecimento, funda a romaria. “O mito é pois a história do que passou [...]. “Dizer” um mito é proclamar o que se passou *ab origime*. Uma vez “dito”, quer

dizer, revelado, o mito torna-se verdade apodítica: funda a verdade absoluta” (ELIADE,1992, p. 84).

Os familiares contam ainda, que o proprietário tinha o hábito constante de andar pelos arredores dos morros mais elevados a procura de um documento que a Comissão Cruls teria por ali depositado, este então, por ele foi encontrado e direcionado para estudos em Brasília. Numa entrevista realizada com o senhor José Percival Afonso²², a informação é então reafirmada. A confirmação de tão importante fato, Miriam de Lourdes Almeida²³, guarda com muito cuidado uma antiga reportagem editada na Revista Cruzeiro.

Cioso das coisas da sua terra, especialmente dos acontecimentos históricos, Cristóvão José de Oliveira assistira, quando criança, os trabalhos de uma comissão exploradora do Planalto Central, por volta de 1892. [...] Esta comissão, ao terminar os seus trabalhos, com a escalada do pico mais alto dos Pireneus, lavrava um documento (CRUZEIRO, 1949, p. 46).

Ilustração 43 - Documento da Comissão Cruls



Fonte: CRUZEIRO, 1949, p. 43. Reprodução: ALMEIDA, 2019.

O fato é que a história da criação da romaria em honra a Santíssima Trindade, além do voto, estava também na devoção e no gosto de Christóvam pelo Morro dos Pireneus. O romeiro, além de religioso e portador de muitos conhecimentos, detinha ainda o dom da escrita e utilizava deste para exprimir sua fé e a relação profunda que possuía com o Morro e com a Festa em Louvor a Santíssima Trindade. Por meio de textos escritos na véspera da

²² Esposo de uma das netas do senhor Christóvam e romeiro antigo da Festa do Morro, guarda sobre esta, documentos e muitas recordações. Senhor Percival é conhecido como Peixotinho.

²³ Neta de Christóvam José de Oliveira e romeira desde criança. Além do auxílio com documentos, Miriam revelou fatos importantes sobre o objeto desta pesquisa.

feita, para ler no dia da missa, Christóvam relacionava de uma forma poética e mística, suas experiências adquiridas no plano terreno com a compreensão que estabelecera do mundo espiritual.

No início desta pesquisa, recebemos de dona Nadiejda Pirene de Oliveira cinco textos escritos por seu pai na década de 1960. Apresentados em anexo de forma sequencial, na escrita, podemos verificar o direcionamento do autor para a ocasião estabelecida, propondo a reflexão e a interpretação das palavras em conexão com todas as representações que os Pireneus manifestam.

Em cada texto, podemos observar também que, o autor parece exprimir a história da romaria enquanto sua criação, partindo do início retido no seu imaginário até chegar ao último, demonstrando a exaltação constante à Trindade Santa, o apreço incomparável pelos Pireneus e a percepção da importância da natureza com seus recursos que ali se estabelecem. Christóvam parece seguir uma sequência exprimindo ainda o fim, não da sua criação, que a projeta para uma continuidade, mas da sua própria existência, como criatura que cumprira o dever. A proximidade da partida existencial é tão enaltecida no último texto, que parece mais uma revelação, tanto que este foi escrito para a festa de 1969, mas não chegou ser apresentado pelo autor, pois sua morte ocorre antes.

A admiração pela natureza, o encantamento pelos três picos e a religiosidade foram fatores entrelaçados na iniciação da festa. “Do alto dos Pirineus Cristóvão José de Oliveira medita sobre as pequenas coisas do mundo” (CRUZEIRO, 1949, p. 40). Desta forma, Jayme e Jaime (2002) contam que a primeira missa rezada no pico mais elevado, foi celebrada com um altar provisório no dia 19 de julho de 1927, pelo vigário de Pirenópolis padre Santiago Uchoa. Ainda, segundo os autores, na condição histórica, a celebração representou um marco importante, por ter sido a primeira a ser em tal altitude ao ar livre no Brasil (1.385 metros).

Ilustração 44 - Primeira missa rezada nos Pireneus



Fonte: Acervo da família OLIVEIRA, 1927.

Para acontecer a primeira missa nos Pireneus, provavelmente houve muitas negociações, a mais especial deve ter sido organizada com a Igreja, pois um padre era fundamental para a ocasião. Mas havia ainda a necessidade de testemunhas que dessem credibilidade à nova festa que estava sendo iniciada. Segundo Jayme e Jaime (2002, p. 77), o feito contou com a “assistência de trinta e cinco pessoas” ao nomeá-las possibilita a análise de que se tratava de representantes das mais tradicionais famílias pirenopolinas, conforme estudo genealógico de Jayme (1973), o que reforça a influência social de Christóvam em Pirenópolis na época. “Na ocasião da primeira missa, por sugestão de Cristóvão José de Oliveira, aceito por todos, inclusive pelo Padre Vigário, ficou resolvido que a festa em homenagem à Santíssima Trindade se realizasse, sempre, no plenilúnio de julho” (JAYME; JAIME, 2002, p. 77).

Numa explicação teológica da fé católica, a imagem da Santíssima Trindade, um só Deus em três pessoas, é representada pela figura imaginária do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Firmada pelas palavras do Padre Augusto Gonçalves Pereira, pároco atual da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, durante uma entrevista: “Pai que é Deus, o Filho que é Deus e o Espírito Santo que é Deus. A Santíssima Trindade representa um só Deus em três pessoas com naturezas distintas, sendo representada na imagem com a figura do ancião de muitos dias, como o Pai, de Jesus como o filho e do pombo como o Espírito Santo”. A imagem do Divino Pai Eterno, também apresenta a Trindade santa com a representação do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Nesta, a figura da mãe de Jesus, representada por uma mulher ajoelhada sendo coroada, também compõe a imagem. Completa o padre: “Não podemos entender Jesus homem, na natureza humana, sem a presença de Nossa Senhora. Estar de joelho, Nossa Senhora se mostra como serva do Senhor. Ajoelhar é um ato de total entrega”.

Com a semelhança entre a imagem da Santíssima Trindade e Divino Pai Eterno, muitos partícipes da festa confundem ou igualam as divindades. É comum ouvir entre os leigos o equívoco “Festa do Morro em Louvor ao Divino Pai Eterno”. É fato que desde o início, a divindade de honra da festa, seria a Santíssima Trindade.

Como objeto representativo e também simbólico, para demarcação do espaço sagrado, após a inserção da romaria, foi edificado um cruzeiro no pico principal.

[...] foi feito, de um pau a que denominam “vassourinha”, o primeiro cruzeiro que, conduzido por dois devotos, se enfiou naquelas alturas históricas, no dia 24 de junho 1928. Dita cruz, devidamente oleada, bem como a mesa em que se rezaram as cinco primeiras missas, encontravam-se guardadas por descendentes do fundador da bonita romaria, falecido a 24.3.1969. Ainda estarão? (JAYME e JAIME, 2002, p. 77).

O questionamento no final da citação parece irônico, mas na verdade, teve a intenção de demonstrar a disputa pela posse dos bens, bem como das obras do antigo dono naquela região. Segundo o que contam os antigos romeiros, após a morte de Christóvam, misteriosamente materiais sacros e donativos desapareciam das capelas. Sob o aspecto da demarcação ou conquista de território ou a tomada de posse de terras incultas, Eliade (1992) afirma:

[...] instalando-se, o homem transforma-o simbolicamente em Cosmos mediante a uma repetição da cosmogonia. O que deve se tornar o “nosso mundo”, deve ser “criado” previamente. [...] A ereção da Cruz equivalia à consagração da região e, portanto, de certo modo, a um “novo nascimento” (ELIADE, 1992, p. 34-35).

Ainda conforme Jayme e Jaime (2002), o cruzeiro que lá se encontra fixado, foi erigido no ano de 1929. No dia 6 de abril, foi cravada a cruz no pico mais alto e no dia 7 nos dois picos mais baixos em homenagem as Três pessoas da Trindade.

Ilustração 45 - Edificação do cruzeiro no Pico dos Pireneus



Fonte: Acervo da família OLIVEIRA, 1929.

Neste mesmo ano de 1929, foi esculpida pela senhora Natércia de Siqueira, a imagem da Santíssima Trindade para ser venerada naquelas culminâncias. O orago foi esculpido da raiz de uma árvore macia chamada umbela (*Schizolobium parahyba*)²⁴, plantada pelo próprio Christóvam.

²⁴ Espécie com distribuição predominantemente tropical, principalmente na América do Sul, de madeira mole e crescimento muito rápido. Por sua leveza, é muito utilizada para construção de canoas com outras utilidades. Informações disponíveis em: <http://www.globaltree.com.br>. Acesso em: 28 fev.2020.

Ilustração 46 - Imagem da Santíssima Trindade esculpida da raiz da umbela



Fonte: JAYME e JAIME, 2002, p. 78. Reprodução: Silva, 2019

A simbologia comparativa em associar cada um dos três picos a cada Pessoa da Trindade Santa segue até os dias atuais, como um dos rituais tradicionais da festa que mantém em continuidade passando pelos filhos, netos e bisnetos do fundador.

Ilustração 47 - Demarcação do segundo pico por Pompeu, neto de Christóvam



Fonte: acervo da Família OLIVEIRA, 2004. Adaptada pela autora.

Todos os anos, para a realização da festa, cada pico é demarcado com bandeiras nas cores azul, vermelha e branca. Simbolicamente, as cores também apresentam significados nos acontecimentos ritualísticos, em consonância com os preceitos do cristianismo, “[...] o azul é

a mais profunda das cores, representando a tranquilidade, a frieza e imensidão celeste” (VEIGA, 2002, p. 137-138). O azul se associa a revelação divina e a espiritualidade, a bandeira desta cor significa o “Pai”, o soberano. A cor vermelha simboliza o sacrifício, porque “[...] o vermelho representa sangue derramado” (TURNER, 2013, p. 51), desta forma, a bandeira desta cor, significa a pessoa do “Filho”, aquele que viveu no plano terrestre e passou pelo sofrimento dos homens. Por último, a cor branca, que ainda segundo Turner (2013, p. 68), representa a pureza, com a bandeira, então significando o “Espírito Santo”, que é luz e que se manifesta no “Pai” e no “Filho”.

Ilustração 48 - Pico “Pai” e Pico “Filho”



Fonte: CURADO, 2016.

Ilustração 49 - Pico “Espírito Santo”



Fonte: CURADO, 2016.

Após a criação da romaria, com a celebração das missas no plenilúnio de julho no cume do pico mais elevado da Serra dos Pireneus, utilizando inicialmente, apenas o cruzeiro e o altar improvisado, Christóvam sentiu-se a necessidade em construir uma capela para honrar a Santíssima Trindade, assim: “O sagrado está no alto da colina, onde abriga o símbolo da devoção” (ROSENDAHL, 2009, p. 48). E numa pedra voltada para o poente, junto a Capela, Christóvam esculpiu a frase: “Pyreneus de Goyas, tu és pedra e sobre esta pedra ficará a imagem de quem te fez”. A intenção de Christóvam, em esculpir a frase, para fazer alusão a passagem bíblica de Mateus 16:18.

Passado já quase um século do feito de Christóvam, podemos verificar as letras entalhadas na pedra, mas a compreensão da frase, só é possível para os conhecedores da história, pois pelas ações naturais e antrópicas, visto que esta é bastante exposta no local e sua estrutura serve como caminho ou alocação de pessoas, a rocha tem sido alterada no ambiente.

Ilustração 50 - Pedra com a frase esculpida por Christóvam



Fonte: COSTA, 2020. Adaptado pela autora.

Construída toda em madeira, a capela foi inaugurada em 1932, durante a ocorrência da sexta missa, celebrada ainda pelo padre Santiago Uchoa. Na mesma ocasião, foram adquiridos os sinos especialmente para o acontecimento da romaria, com a seguinte descrição: “Gloria Santíssima Trindade dos Pireneus brasileiros – 1932” (JAYME E JAIME, 2002, p. 79).

Nas figuras seguintes respectivamente, segundo representantes da família Oliveira, entre os presentes reconhecidos, está o criador da romaria, sentado numa caixa e a sua irmã Maria Joana de Oliveira com seu esposo, Luiz da Trindade Fleuri ao lado, de terno branco. Nas imagens seguintes, está novamente o Senhor Christóvam de terno e chapéu e o Pe. Santiago Uchoa, que apoiou a criação da romaria.

Ilustração 51 - Construção da 1ª Capela



Fonte: Acervo da família OLIVEIRA, 1932.

Ilustração 52 - Visita do padre Santiago Uchoa



Fonte: Acervo da família OLIVEIRA, 1932.

Ilustração 53 - Inauguração da primeira capela



Fonte: Acervo da família OLIVEIRA, 1932.

Pelo que consta nas memórias escritas sobre Christóvam José de Oliveira e nos relatos de seus descendentes, o devoto era um exímio construtor, deixando a sua contribuição em importantes obras na cidade e organizou as futuras construções nos Pireneus.

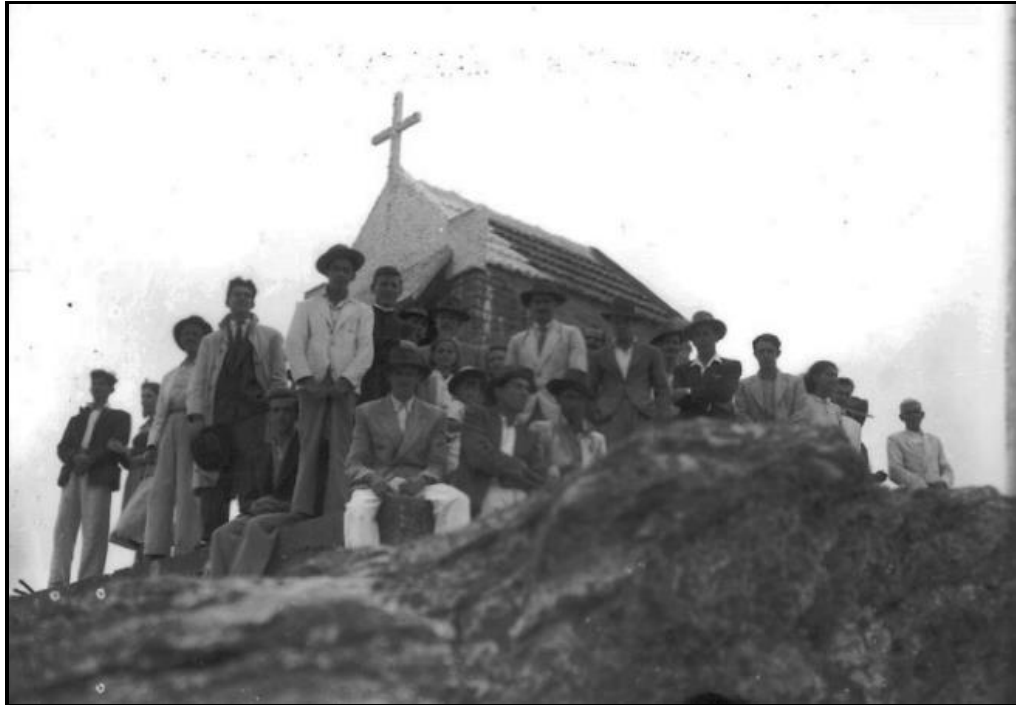
Christóvam José de Oliveira, além de próspero comerciante, [...], era carpinteiro e marceneiro, e no exercício do seu talentoso ofício, muito contribuiu filantropicamente, para a construção do Colégio de Nossa Senhora do Carmo de Pirenópolis. Outras construções em Pirenópolis resguardam a sua habilidade de construtor (GALLI, 2014, p. 68).

A capela construída em madeira, não teve longa duração. Em 1935, um forte vendaval arrancou por completo a construção e atirou-a ao longe. “Entretanto, a imagem, precipitada embora de uma altura de 60 metros, de mistura com ferros, sino e madeiras, foi encontrada em perfeito estado” (JAYME; JAIME, 2002, p. 78). No mesmo ano, teve início a segunda capela. “vovô tinha verdadeira paixão pelos Pireneus, ele não desistia, e esta paixão ele passou para toda família”, revela a neta Miriam ao referir sobre a persistência de Christóvam, ao ser entrevistada.

Ainda em 1935, teve início a construção da segunda capela, esta com mais resistência, feita de alvenaria passou por muitas intempéries, perdurando até 1983 quando foi novamente destruída por um grande incêndio. Neste trágico acontecimento, a bela imagem de madeira

que até aí resistiu a infortúnios como fortes tempestades e furtos, também foi completamente incinerada.

Ilustração 54 - Segunda Capela construída nos Pireneus



Fonte: Acervo da família OLIVEIRA, s/d.

Pela exposição da imagem acima, podemos perceber que a estrutura da segunda capela foi bem mais reforçada que a primeira, a base de alvenaria bem como as paredes e o telhado com melhor acabamento, proporcionou à construção maior durabilidade.

Após o incêndio, a base da segunda capela serviu de estrutura para a terceira, que sem a presença de Christóvam, foi reconstruída com muito cimento, pedra, ferro e tijolo por iniciativa do neto Pompeu Christovam de Pina²⁵ e outros devotos.

Com a incineração também da imagem, uma nova foi esculpida na madeira do cedro (*Cedrela fissilis*)²⁶ por Anfilófio de Alencar Filho²⁷. O novo e bonito orago foi conduzido em procissão no dia 15/07/1984 para a Ermida nos Pireneus, novamente reestruturada.

²⁵ Pelas informações da família, após a morte de Christóvam José de Oliveira, a festa foi coordenada pelo neto Pompeu Christovam de Pina. Pompeu atuou como festeiro seguidamente do ano de 1969 a 1983. Após esta data, teve início a coordenação da festa com outros festeiros, mas Pompeu atuou no suporte e continuidade da tradição até o ano da sua morte em 2014.

²⁶ O cedro é uma espécie rara, que ocorre em diversas formações florestais brasileiras e praticamente em toda América tropical. Essa árvore frondosa produz uma das madeiras mais apreciadas no comércio, tanto brasileiro quanto internacional, por ter coloração semelhante ao mogno e, entre as madeiras leves, é uma das que possibilita o uso mais diversificado. Informações disponíveis em: <https://www.ipef.br>. Acesso em 03/02/2020

²⁷ Conforme Jayme e Jaime (2002), já falecido, era um professor pirenopolino que morava em Goiânia.

Ilustração 55 - Imagem esculpida em cedro



Fonte: JAYME e JAIME, 2002, p. 78.

Ilustração 56 - Imagem após restauro



Fonte: SILVA, 2018.

Ainda na década de 1980, a segunda imagem foi danificada por vândalos, que dela retiraram o Pombo e a cabeça do “Filho”. Desta forma, a pedido de Pompeu, a imagem foi restaurada por Davi Pereira Farinha²⁸. A imagem, atualmente, se encontra no acervo da família Pompeu.

No ano de 2011, foi esculpida uma imagem da Santíssima Trindade pelo escultor Clemente Maciel²⁹ para atender as necessidades da Festa do morro. Ao realizar uma entrevista com o escultor, este revela: “Fiz a imagem a pedido do Senhor Wilno Luiz Pompeu de Pina³⁰ e do festeiro daquele ano, Carlito de Jesus Oliveira, como tratava de imagem de devoção para uma festa tradicional, eu não aceitei receber meus honorários, contando que a imagem ficasse como acervo da Igreja”. A imagem faz parte do acervo da Paróquia Nossa Senhora do Rosário e mediante termo de responsabilidade, pode ser cedida para a festa.

²⁸ Pirenopolino, músico com habilidades em escultura de madeira. Davi, também frequenta a Festa do Morro.

²⁹ Artista plástico que trabalha com Artes Sacras. Clemente Maciel como é conhecido, é natural de Nerópolis, Goiás, mas reside em Pirenópolis desde 1994.

³⁰ Neto do criador da romaria e romeiro de tradição. Wilno também ajudava na realização da festa.

Ilustração 57 - Imagem esculpida por Clemente Maciel em 2011



Fonte: SILVA, 2020.

Com o objetivo de fortalecer a romaria e facilitar momentos de orações para as pessoas mais idosas, que não conseguiam subir até o pico, no início da década de 1930, Christóvam José de Oliveira constrói novamente outra Capela aos pés do morro. Esta foi erigida para abrigar o orago de Nossa Senhora D'Abadia doada pelo devoto Cel. Chico de Sá³¹, e atualmente, segundo informações de família de Christóvam, se encontra no Museu da Família Pompeu.

Ilustração 58 - Primeira imagem de Nossa Senhora D'Abadia



Fonte: Acervo da Família OLIVEIRA, s/d.

³¹ Francisco José de Sá (Pirenópolis 29.01.1861 – 07.11.1938) foi um abastado comerciante pirenopolino, que muito contribuiu para o desenvolvimento da cidade, grande incentivador das artes e da cultura locais. Informações disponíveis em: <http://cidadedepirenopolis.blogspot.com>. Acesso em: 03 nov. 2019.

Com grande difusão das festas marianas pelo Brasil, as festas que prestam homenagem a Nossa Senhora em Goiás, também tem grande proporção. Através dos estudos da pesquisadora Maria Idelma Vieira D’Abadia, podemos confirmar a relevância de Nossa Senhora D’Abadia como padroeira de vários municípios goianos. A pesquisadora aponta que “[...], nesse universo de opção do padroeiro, alguns fatores podem ter influenciado as escolhas desses santos. [...] Nossa Senhora D’Abadia, historicamente, exerceu importante influência como padroeira entre os sertanejos goianos” (D’ABADIA, 2014, p. 102-107).

Era comum os proprietários de fazendas construírem capelas para invocar imagens marianas em suas terras, o que proporcionou o surgimento de muitas romarias em honra a Nossa Senhora pelo interior do Estado. A intercessão de Nossa Senhora, para o livramento da morte, do sofrimento e do perdão dos pecados, na concepção sagrada da mãe do filho de Deus, sempre fez parte do imaginário de fiéis católicos. Sobre o assunto, discorre Brandão:

Resulta estranho compreender como na espiritualidade do *catolicismo popular brasileiro* fundem-se a inocência quase profana de tantos ritos revestidos de cores, festa e euforia e um imaginário da vida pensado sobre o sofrimento, o pecado e a morte. [...] nas várias figuras da “Virgem Maria” a piedade popular acentua mais o seu sofrimento de mãe do que o seu poder de Santa mãe de Deus. [...] Religiosidade de súplica e temor diante da dor, do perigo e da morte, o *catolicismo popular* acentua nos próprios seres sagrados o drama da morte para fazer a sua espiritualidade girar também à sua volta (BRANDÃO, 2009, p. 72-73).

Nossa Senhora D’Abadia, não foi escolhida como padroeira da Festa do Morro e nem do município de Pirenópolis, até porque a romaria já apresentava uma divindade para devoção e o município, bem anterior à festa, tem Nossa Senhora do Rosário como a Santa padroeira do Arraial de Meia Ponte, posterior Pirenópolis.

Construir uma capela para Nossa Senhora na Serra dos Pireneus, além do intuito do reforçar a participação dos romeiros e devotos, o fortalecimento do catolicismo também parece evidente, pois como destaca ainda D’Abadia: “[...], nos últimos trinta anos, ocorreu um aumento significativo na população goiana que se proclama evangélica em seus mais variados seguimentos” (2014, p. 109). Seguindo a afirmação da autora, os possíveis aparecimentos de outros segmentos religiosos provocam a instabilidade da Igreja Católica, o que gera preocupação e necessidade de estratégias de fortalecimento da religião.

Na década de 1990, por iniciativa do pároco Joel Alves de Oliveira, a antiga Capela de Nossa Senhora passou foi reformada e modifica, este padre organizou a construção também de uma Via Sacra que segue percurso de Pirenópolis até o Morro dos Pireneus. Segundo Regina Sylvia Pugliero, religiosa que acompanhou as atividades do padre no local:

O Padre Restaurou a Capela de baixo e nós colocamos lá as imagens de Nossa Senhora de Lourdes e de São Miguel Arcanjo. Lá estava abandonado, só tinha atenção na época da festa, mesmo assim, ninguém preocupava em rezar, era uma baderna. Então nós passamos a rezar lá todo dia 11, pois tinha tido um chamado de Nossa Senhora para isso. Assim, o Padre focou na intensão de fazer do Morro, realmente um local de peregrinação, por isso resolveu fazer a Via Sacra para intensificar o movimento religioso para lá. (PUGLIERO, 2020).

Em relação ao enfraquecimento da parte religiosa da festa e o abandono do local, que pelas nossas pesquisas ocorrerem gradativamente após a morte de Christóvam, o depoimento de Regina, tem relação com as palavras do professor Carlos Rodrigues Brandão que também contribuiu com esta pesquisa, prestando seu depoimento, sendo enfático, realista e instigador:

Eu conheci a Festa do Morro no final de 1980, quando estava em Pirenópolis fazendo pesquisa. Fiquei sabendo que tinha uma festa e uma procissão e o que o Pompeu que organizava. Então, peguei meu saco de dormir e segui o caminho no horário que me informaram da saída da procissão, fui andando e nada de ver os fiéis, via só carro subindo e deixando poeira, alguns ofereciam carona, mas eu queria ir a pé. Devo ter chegado lá depois das 20 horas, já fui logo procurando a Igreja, mas não encontrei, vi muita gente na penumbra, andando pra lá e pra cá, mas a lua clareava. Então entre gritos e músicas de todo lado, eu fui sendo dirigido para onde estava o Pompeu, quando o encontrei, ele estava nervoso, porque era a hora de rezar na Capela e povo não juntava e nem acabava com os barulhos. Sei que depois disso, eu não quis procurar mais nada, achei um canto e organizei meu saco sobre uma pedra para dormir, eu estava cansado da procissão que fiz sozinho. No outro dia ganhei uma carona para descer. E o que tem na Festa do Morro, você vai nos mostrar (BRANDÃO, 2016).

No altar desta Capela, é encontrada atualmente, uma imagem de Nossa Senhora D'Abadia, que também foi esculpida pelo artesão Clemente Pereira Maciel no ano 2016, nos oratórios de cada lado para complementação do altar, encontram-se as imagens³² dos Arcanjos Miguel e Gabriel. “Por ocasião da Festa de 2016, queríamos retornar a Capela a sua origem” (OLIVEIRA, 2020).

Ilustração 59 - Altar atual da Capela de Nossa Senhora D'Abadia



Fonte: SILVA, 2018.

³² Estas, junto à imagem de Nossa Senhora D'Abadia, foram encomendadas por Oona Yasmina de Oliveira e João Pedro de Oliveira Gomes, neta e bisneto de Christóvam de Oliveira.

Na romaria dos Pireneus, não há missas exclusivas para Nossa Senhora, embora a sua imagem seja homenageada constantemente com as orações do terço e com a letra no hino, a qual será apresentada posteriormente. Talvez pelo fato de se localizar na base do morro e não no topo, com o acesso mais facilitado, a Capela de Nossa Senhora D'Abadia é o local onde os romeiros mais se estabelecem nas ritualidades festivas. Ao final das missas e dos terços, é comum ouvirmos o viva como saudação, assim, ouve-se o viva para a Santíssima Trindade, o viva para o Divino Pai Eterno, o viva para Nossa Senhora D'Abadia, o viva para Nossa Senhora do Rosário, o viva para Nossa Senhora de Aparecida e ainda o viva para o Santo do dia.

Compreendemos assim, a criação da romaria dos Pireneus sob o aspecto da simbologia, com a associação da fé e a caracterização geográfica dos três picos ali proeminentes. A devoção de Christóvam, atrelada ao sentimento de pertencimento e o encantamento manifestado pelos Pireneus, demonstram o significado da criação da festa. A persistência e o cuidado na edificação da Capela no alto do pico e da Capela ao sopé, a demarcação simbólica no espaço e a construção da estrada reforçam os atributos que tornam a romaria uma tradição.

2.2 A FESTA COMO DEVOÇÃO: O FUNDADOR E O LEGADO

A Família Oliveira, à qual é atribuída a fundação da romaria, segundo o historiador e genealogista Jarbas Jayme, provém “da Freguesia de Nossa Senhora da Vitória, bispado do Porto” (1973, p. 259). O patriarca Luiz Antônio de Oliveira, ainda de acordo com o referido autor, “atraído pela fama das Minas de N. S. do Rosário de Meia Ponte”, teria vindo então de Portugal no século XVII, já que sua morte ocorre em 1800 no antigo núcleo aurífero. Este teve grande descendência, em especial a partir do tronco de seu primogênito, Capitão Antônio Joaquim de Oliveira, de quem Christóvam José de Oliveira foi neto.

Christóvam institui a Romaria dos Pireneus a partir de sua devoção ao Deus Trino, realizando, com o apoio de padre Santiago Uchoa e permissão do bispo diocesano Dom Emanuel Gomes de Oliveira, a primeira missa em 1927 no Pico mais elevado da Serra dos Pireneus, (JAYME; JAIME, 2002). O devoto desempenhou a função de festeiro até o ano de 1968 quando adoeceu, vindo a falecer no ano seguinte.

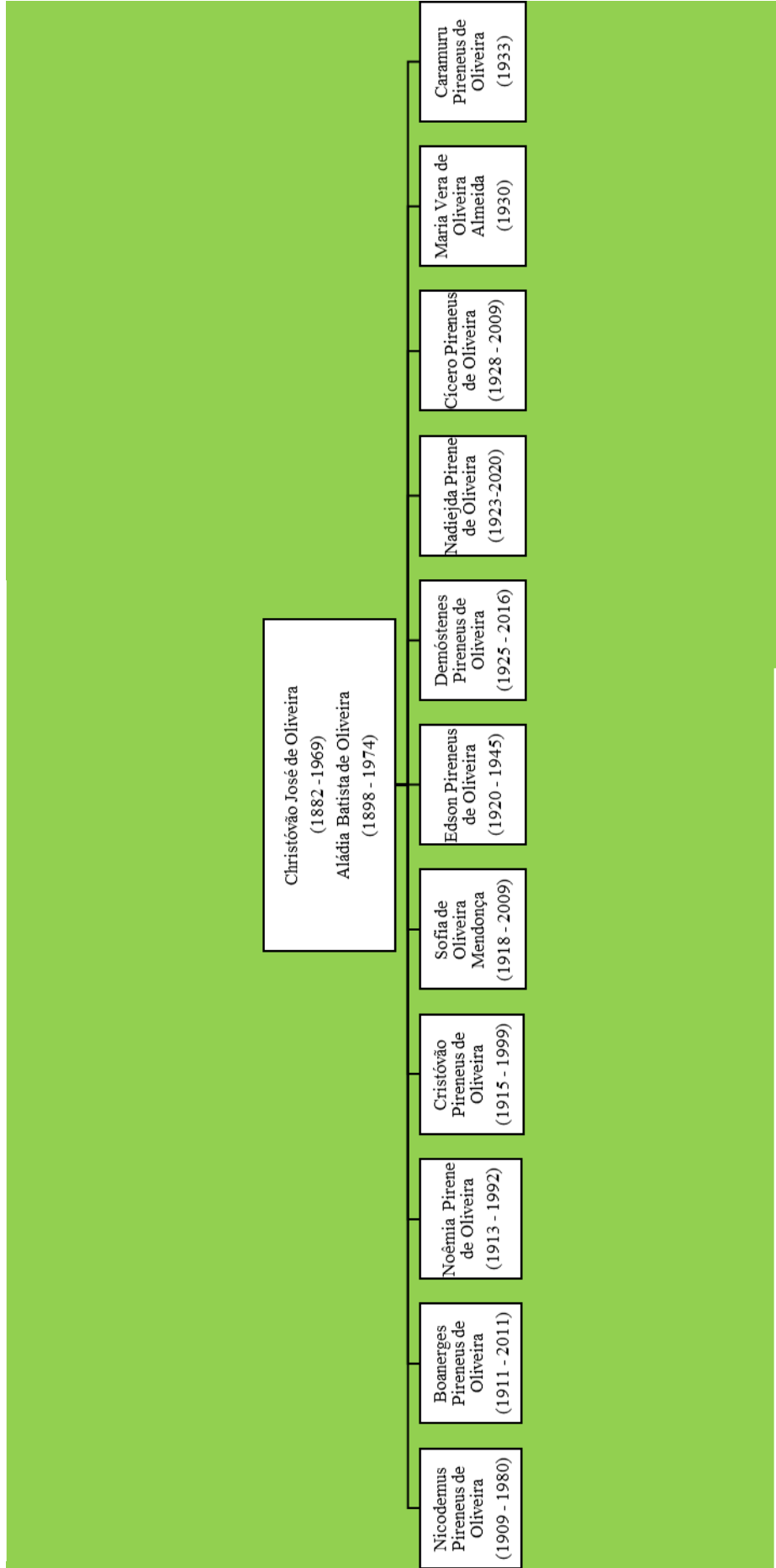
Ilustração 60 - Última participação de Christóvam de Oliveira na romaria



Fonte: Acervo da Família OLIVEIRA, 1968.

Com sua esposa, Christóvam deixou também muitos descendentes, e a sua paixão pelos Pireneus ele deixou registrado até como sobrenome da família.

Ilustração: 61 - Fragmentos genealógicos, filhos de Christóvam José de Oliveira



Fonte: (Organização) SILVA e CURADO, 2020. Adaptado de Jayme (1973, p.263-265).

Christóvam José de Oliveira foi seminarista por um período em sua juventude, e segundo seu filho Boarneges Pireneus de Oliveira, numa entrevista para o *Jornal Pireneus Post* em outubro de 1997, o pai teria desistido do Seminário por descobrir que não tinha vocação. Mas a afirmação dos filhos, é que o pai desistiu do Seminário, mas continuou sendo um católico fervoroso, por isso mantinha significativa ligação com as lideranças da Igreja, chegando a ser condecorado com a comenda de São Gregório Magno, pelo Papa Pio XII, como mostra a informação seguinte: “Foi por causa da sua religiosidade, da sua humanidade, do seu incansável filantropismo em prol da fé católica que Cristóvão José de Oliveira recebeu do Papa Pio XII, a Comenda São Gregório Magno” (DIÁRIO DA MANHÃ, 2013, p. 13). Após este feito, Christóvam passou a ser chamada de Comendador.

Então, evidencia-se que a criação da romaria enquanto iniciativa do devoto era aprovada pelas entidades eclesiásticas. A relação de Christóvam e Dom Emanuel era tão próxima que as primeiras missas contaram com a presença do então Arcebispo, nas terras dos Pireneus, e pelo que contam seus descendentes, foi construída uma casa pelo anfitrião, para receber o religioso.

Ilustração 62 - Casa construída por Christóvam, onde eram recebidas as autoridades



Fonte: Acervo da Família OLIVEIRA s/d³³

³³ A cópia desta foto é guardada por dona Maria Vera de Oliveira Almeida, filha de Christóvam, na qual, ela se encontra na porta entre familiares (primos, irmãos, esposo e sobrinhos). Esta afirma que a casa foi construída provavelmente entre 1930 a 1935, período em que Dom Emanuel visitava muito o local. Numa entrevista com o senhor Sabino Barbosa, romeiro antigo da festa, advogado e conhecedor de muitos fatos, este revela que após a morte do anfitrião, a construção foi demolida, por problemas de herança entre os antigos donos das terras da área da propriedade e o senhor Pompeu Cristovam de Pina, o neto de Christóvam, que passou a coordenar a tradição. Da antiga construção restaram entre pedras, somente as ruínas que se localizavam nas proximidades da recepção

Sendo o domingo seguinte ao dia de Pentecostes, dedicado a Santíssima Trindade, caindo sempre nas proximidades do mês de julho o período de devoção no calendário da Igreja, talvez por isso o apoio inicial do bispo quanto à realização da romaria dos Pireneus.

A escolha de Christóvam de Oliveira do mês de julho e do período da lua cheia para a realização da Festa em Louvor a Santíssima Trindade, segundo os relatos de seus familiares, foi estratégico. Fazer a festa no mês das férias era mais viável para todos os membros da família e durante a lua cheia, o espaço desprovido de energia elétrica, estaria assim iluminado. Mas pela lógica, diante da doutrina da Igreja, o dia da Santíssima Trindade é celebrado no domingo seguinte ao dia de Pentecostes e, como esta data está recente aos acontecimentos da Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis, escolher o primeiro plenilúnio do mês de julho, seria a data mais próxima ao dia da divindade e mais acessível também para o calendário litúrgico da Igreja Católica, sem coincidir também com a romaria de Trindade.

A proximidade de Dom Emanuel com Christóvam de Oliveira e os Pireneus levou a ocorrência de fatos marcantes, discorridos num momento de diálogo com dona Nadiejda Pirene de Oliveira³⁴, segundo ela, Dom Emanuel alimentou junto com o proprietário das terras, a ideia de fazer no cume do pico mais alto, um monumento símbolo de Goiás, e no local, chegou a lançar a pedra fundamental para a construção da obra inovadora. Em contrapartida, alimentado pela fé e devoção, o então proprietário, propõe à Igreja a doação de suas terras. Sobre o imponente monumento a pesquisadora Patrícia Bueno Godoy, descreve que:

Com dezesseis metros de altura o edifício atuaria como um símbolo histórico para celebrar a memória do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva. Sua implantação a 1385 metros de elevação funcionaria como marco geográfico da divisão das bacias Amazônica, Platina e São Francisco. Como local de peregrinação acolheria os romeiros, que seguiam para o local desde 1927 (GODOY, 2013, p. 296).

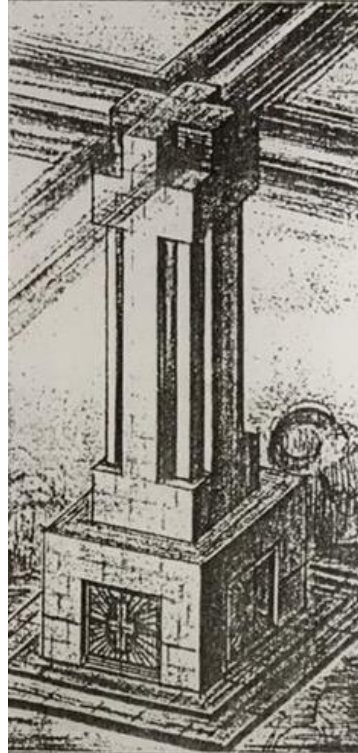
Jayne e Jaime registraram sobre Dom Emanuel, “[...] era um entusiasta da romaria, à qual deu sempre apoio, tendo mesmo mandado projetar Monumento Nacional belíssimo, a ser erigido naquelas cumeadas e cuja pedra fundamenta abençoou pessoalmente, em julho de 1934” (2002, p. 78). A ideia da construção do monumento segue em meio a novas projeções políticas do Estado e da Igreja. A construção de Goiânia para capital e o fortalecimento da

do Parque. Durante a realização desta pesquisa, os restos de materiais que ainda sobraram da casa foram totalmente removidos pela gestão do Parque para o reaproveitamento em outras obras.

³⁴ O diálogo com dona Nadiejda ocorreu em junho de 2016 no momento de preparação para o ingresso no Mestrado, enquanto aluna ouvinte do Programa. Durante a realização da pesquisa, não foi possível uma entrevista mais detalhada por motivo de agravo na saúde da mesma. Dona Nadiejda, faleceu no momento de conclusão da pesquisa.

Romaria do Divino Pai Eterno na cidade Trindade com a chegada dos Redentoristas, propõem novas projeções à Igreja Católica no Estado.

Ilustração 63 - Monumento Nacional para o alto dos Pireneus³⁵



Fonte: JAYME e JAIME, 2002, p. 80. Reprodução: LÔBO, 2020.

Mesmo com a perspectiva de outras realizações na carreira do Bispo, podemos constatar ainda o projeto para romaria, no Livro de Tombo da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, no ano de 1953, a afirmativa de que tinha chegado para abrilhantar a Festa dos Pireneus em vinte e seis de julho, no dia de Nossa Senhora Sant' Ana, a sua Excelência Dom Emanuel, o padre Carlos Planjer e altas autoridades de Anápolis. No momento, “Dom Emanuel explicou ao povo, o plano de construir um santuário nos Pireneus em louvou a SS. Trindade. Foi colocada a pedra fundamental” (Fls. 156-157).

[...], classificam-se como santuário as igrejas ou outros lugares sagrados, sempre que neles concorram dois requisitos expressamente previstos em termos jurídico-canônicos: o fato de a eles acorrerem multidões de fiéis em peregrinação e o de serem objeto de aprovação por parte do respectivo bispo diocesano (SANTOS, 2008, p. 80).

Com base na colocação da autora, não podemos classificar o espaço da romaria dos Pireneus, como um santuário, pois este não contempla todas as características atribuídas,

³⁵ Esboço do projeto de Mário Camargo Penteado (1905-1984), nascido na cidade de Campinas, SP. Foi o arquiteto o qual Dom Emanuel confiou o projeto do Monumento Nacional a ser construído nos Pireneus. Informações de (GODOY, 2013).

talvez, o fato da aprovação do arcebispo Dom Emanuel daria consistência a tal atribuição, mas o não seguimento da proposta inicial desclassifica também o uso do conceito para o local.

Para o momento foi redigida uma Ata que segue assim transcrita:

Ata do lançamento da pedra fundamental da Igreja ao Divino Padre Eterno no alto dos Pireneus. Aos vinte e seis (26) dias de julho de 1953, da era de Cristo, dia de Nossa Senhora Santana, Padroeira desta arquidiocese de Goiaz, sendo Presidente da Republica Dr. Getulio Dorneles Vargas, Governador do Estado Dr. Pedro Ludovico Teixeira, sendo Papa Pio XII, chefe supremo da Igreja Apostólica Romana, sendo Cardeal primaz do Brasil D. Alvaro (espaço em branco), e arcebispo da Arquidiocese de Santana de Goiaz D. Emanuel Gomes de Oliveira. Foi solenemente lançada a pedra Fundamental, do novo Santuário da Santíssima Trindade no alto dos Pireneus no nosso divisor das águas sul e norte, sob as bênçãos do Exmo Revmo. Snr. Arcebispo metropolitano de Sant'Ana de Goiaz, tendo como paraninfos de honra Dr. Pedro Ludovico Teixeira, D. Francisco de Aquino Correa, arcebispo de Cuiabá. Paraninfos: Família Pina, representada por Carlos de Pina: Família Fleury Curado, representada por (espaço em branco). Vigários de Pirenópolis e Corumbá: Revmos. Frei João Antonio Jansen benemérito franciscano e Revmo. Padre Carlos Planjen, Dr Sizendando Jaime, DD. Prefeito Municipal de Pirenópolis, dignamente representado pelo Dr. Cinval de Carvalho e pelo prefeito de Corumbá Snr. Geraldo Campos Curado. Tendo como administrador das obras o benemérito e abnegado Cristovam José de Oliveira (LIVRO DE TOMBO, 1953, Fls. 156-157).

Dois anos após este ocorrido, Dom Emanuel veio a falecer.

Podemos observar alguns fatos interessantes na descrição da Ata anterior, tais como:

- a) a referência ao santuário, primeiramente ao Divino Pai Eterno e depois a Santíssima Trindade, talvez este fato explique a confusão existente entre as divindades para muitos fiéis, quando se menciona a romaria dos Pireneus;
- b) o reporte ao dia 26 de julho como o dia Nossa Senhora Sant'Ana, padroeira da Arquidiocese de Goiás, o que demonstra a importância do orago, lembrando que neste dia, encerrava também mais uma festa no povoado da Capela de Rio do Peixe, no município de Pirenópolis, que teve início ainda no período da mineração, dedicada a mesma santa;
- c) o lançamento de outra Pedra Fundamental pelo Arcebispo Dom Emanuel, no mesmo local que lançou a Pedra Fundamental no ano de 1934 para a construção do Monumento símbolo de Goiás, ambas as construções não saíram do papel;
- d) o conhecimento da importância topográfica da Serra dos Pireneus, pela ciência do potencial hídrico ali constituído;
- e) a menção de políticos importantes daquele momento, o que afirma a influência de Comendador Christóvam José de Oliveira;
- f) a indicação de Dom Francisco Aquino Corrêa, como paraninfo de honra, o Arcebispo de origens pirenopolina (JAYME, 1973), era amigo de Christóvam e para a romaria, compôs o Hino dos Pireneus em 1933;

g) a participação do padre Carlos Planjen, vigário da cidade de Corumbá de Goiás, o que reforça a participação dos corumbaenses na festa.

É interessante observar que a romaria de Trindade, em seu início recebe uma imagem do Divino Pai Eterno esculpida pelo artista pirenopolino Veiga Valle em meados do século XIX, conforme define o Projeto de Lei n.º 1.276-A, de 2011. E, por informação encontrada também em arquivo no Livro de Tombo do ano de 1964 na folha 31, esta imagem chega à cidade de origem do artista no século XX com muito clamor da população.

A Pesquisadora Heliana Angotti Salgueiro, remete à importância do artista e refere sobre a encomenda da imagem. “Em Veiga Valle, é duvidoso remeter a períodos posteriores trabalhos mais “perfeitos”, pois a qualidade das obras anteriores deveria recomendar o Santeiro para a execução da imagem de Trindade, que, [...], foi encomendada em Pirenópolis” (1983, p. 48).

Se a chegada da imagem do Divino Pai Eterno em Pirenópolis dez anos após da explicação dos planos de Dom Emanuel na missa do dia 26 de julho de 1953, tem relação com o conteúdo descrito em Ata, não é sabido e, se era a original também não fica claro. O que fica evidente é a chegada da imagem do Divino Pai Eterno novamente em Pirenópolis, em outubro de 2019 durante a Festa da Padroeira, em meio à procissão e fervor, os fiéis recebem uma réplica da referida imagem.

Ilustração 64 - Imagem do Divino Pai Eterno recebida em outubro de 2019



Fonte: SILVA, 2019.

A réplica do Divino Pai Eterno foi apresentada à comunidade durante missa solene e alocada no altar da Igreja Matriz abaixo da imagem da Padroeira. Pela explicação do padre Augusto, pároco da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, a recepção da imagem está no propósito da Igreja da construção de uma Capela em honra ao Divino Pai Eterno na cidade de Pirenópolis. A Capela será erigida no Residencial Luciano Peixoto, um bairro de residências

populares recém-inaugurado na comunidade pirenopolina, cujo espaço já foi definido, mas o projeto ainda não foi elaborado.

Ilustração 65 - Espaço reservado para a construção da Capela do Divino Pai Eterno



Fonte: GOOGLE EARTH, 2020. Adaptado pela autora.

Uma observação curiosa é saber que o Residencial Luciano Peixoto está localizado no lado oposto da Serra dos Pireneus, num local de fácil acesso adjacente a cidade, aonde a Igreja já dissemina um trabalho de evangelização, o que difere das projeções de Dom Emanuel com a Construção do Santuário nos Pireneus.

Como outro fato importante discorrido por dona Nadiejda, a doação das terras dos Pireneus, “o patrimônio de mais ou menos duzentos alqueires de terras” (JAYME; JAIME, 2002, p. 79), firmada em documento no dia 12 de julho de 1933, como segue em anexo. Tal ocorrido denota uma abertura e popularidade da festa, fugindo do que seria o propósito da família e o que ainda permanece na concepção de alguns descendentes: o de ter o acontecimento da romaria reservado para a família Oliveira. Talvez o fato de membros da família ainda manter posses nas proximidades das terras do Parque, ainda reforce esta concepção.

Durante uma entrevista com o Padre Eduardo³⁶, este nos informou que a Festa do Morro em Louvor a Santíssima Trindade teve seu início ligada mais às intenções de Christóvam que da própria Igreja, sendo direcionada como legado mais aos seus descendentes. “A romaria do Morro é bem diferente das outras, como começou com a proposta uma família, que ainda tem forte influência na organização da festa, a Igreja participa mais como convidada, não tem como interferir muito” (COSTA, 2019). Talvez a

³⁶ Pároco atual da Paróquia Santa Bárbara. Pe. Eduardo iniciou sua função na cidade no ano de 2017.

diferença da Festa do Morro, esteja no domínio da sua organização, o fato da Igreja participar somente como convidada e o evento não possuir atividades que geram lucros, como as demais festas de romarias, pode ser a justificativa para a pouca interferência. Podemos constatar ainda na reportagem do Jornal Diário da Manhã, com a afirmação do Senhor Joaquim Henrique de Sá, sobrinho neto do Comendador que “[...], até os dias de hoje, é mantida a tradição pela família Oliveira, de no mês de julho, na primeira lua cheia, acampar nas encostas que dão acesso à capelinha para realizarem confraternização familiar e religiosa” (DIÁRIO DA MANHÃ, 2013, p. 13). Em um momento de diálogo com Célia Fátima de Pina³⁷, esta relata que quando criança participou da romaria acampando com seus pais e irmãos,

No início só acampava no morro a família Oliveira e outras bem próximas de Christóvam, todos ficavam embaixo, perto da casa da mata. Lá tinha água que servia todo mundo. Não tinha banheiro, mas Christóvam construiu também uma privada que era usada só pelas mulheres, os homens iam no mato. Pessoas de famílias diferentes, vinham só para as missas. Entre as décadas de 1950 e 1960, o senhor Zezinho Augusto, pai de Miso, começou os acampamentos na parte de cima, próximo ao sopé do morro. Zezinho Augusto fazia rancho para vender coisas na Festa (PINA, 2019).

O acampamento passou a ser hábito inicial da família de Christóvam, devido às propriedades ali construídas, depois, parentes e amigos próximos, começam a acampar juntamente, no espaço de acesso mais fácil à água, como afirmou Célia. Sobre a participação de famílias diferentes e pessoas de outros lugares próximos na festa, esta ainda diz: “a festa sempre foi de Pirenópolis, foi criada para a família Oliveira e pirenopolinos, porque o Morro é de Pirenópolis, mas o povo de Corumbá tinha ciúmes e começou a ir também”.

As afirmações de Célia vêm ao encontro de muitas informações que se referem à origem da romaria como um evento direcionado principalmente a família do devoto que iniciou a tradição, mas difere da realidade atual, pois embora apresente particularidades, a criação da romaria nos princípios do catolicismo popular, seria um evento disseminado e que cairia no gosto de outros seguidores, e neste interim, a criação do Parque Estadual e da Área de Proteção dos Pireneus, tornaria a festa com limitações inclusive com questão da proibição do comércio de alimentos³⁸, que antes eram vendidos por alguns romeiros que montavam ranchos como estabelecimentos.

³⁷ Filha de Maria Eunice Pereira e Pina e Sebastião Pompeu de Pina. Dona Maria Eunice Pereira e Pina (Pirenópolis 16.06.1930 – 24.11.2005) foi escritora, poetiza, grande incentivadora da cultura pirenopolina, fundadora do Museu das Cavalhadas, do Jornal Nova Era e da Academia Pirenopolina de Letras, Artes e Música. Informações disponíveis em: <http://cidadedepirenopolis.blogspot.com>. Acesso em 10/11/2019.

³⁸ Sengundo Valdemísio Pereira da Veiga, que ajudava o pai a fazer o rancho de venda, durante a Festa do Morro, o povo sempre levava os mantimentos, mas às vezes faltava alguma coisa. Então algumas pessoas

Quando se fala na participação de pessoas de regiões próximas ao Morro e de Corumbá de Goiás na romaria, constatamos no acervo do professor Ramir Curado, imagens que comprovam a participação dos corumbaenses na festa. O historiador discorre durante entrevista:

No final da década de 1940 e início 1950, um grupo de católicos da Congregação Mariana, liderada pelo padre Carlos Planjen, que era amigo do Comendador Christóvam de Oliveira, frequentou o morro no período da romaria, normalmente iam antes dos pirenopolinos chegarem e passavam o dia. De manhã, o padre rezava a missa e a tarde eles faziam a festa na casa do Christóvam, e ele participava (CURADO, 2019).

Ilustração 66 - Corumbaenses participando da missa, seguida de confraternização



Fonte: Acervo do historiador RAMIR CURADO, década de 1950.

Sobre o fato, do grupo de corumbaenses frequentarem o morro, antes da subida dos pirenopolinos, o historiador afirma que estes, preferiam não misturar na festa para evitar confusões. “Quanto à participação na festa, era percebido certo ciúme do povo de Pirenópolis em relação ao povo de Corumbá, então a Congregação ia antes, porque se fosse depois também, o espaço estaria sujo” (CURADO, 2019).

Nos livros de batismos da Matriz de Nossa Senhora do Rosário, verificamos também a participação de muitas famílias de sobrenomes diversos, oriundas provavelmente de lugares próximo aos Pireneus. Encontramos registros de batizados ocorridos da Festa do Morro em Louvor Santíssima a Trindade entre os anos de 1930 a 1976.

Com uma análise dos números de batizados realizados no decorrer do período pesquisado, podemos fazer uma observação pertinente entre a proporção de pessoas com

vendiam comida que não perdia, como arroz, feijão, óleo, açúcar, café e carne seca. Para quem ia passar o dia, era vendido o prato feito e a pinga também tinha boa saída. A cerveja começou ser vendida depois, nos anos de 1980, e era conservada na palha de arroz. Nos anos de 1990 começou a ter também temporários com a venda de alimentos rápidos, tipo cachorro quentes e bebidas. Em 2016, sob um acordo entre a Associação e a Coordenação do Parque, com restrição de quantidade, alguns ambulantes continuam frequentando a Festa durante a noite, como suporte de alimentos e bebidas às pessoas que não estão acampadas.

sobrenome de Oliveira, de outros sobrenomes e pessoas nascidas em Corumbá de Goiás, que estão nestes registros.

Ilustração 67 - Batismos realizados na Festa em Louvor a Santíssima Trindade

PESSOAS BATIZADAS	Total
Nascidas em Pirenópolis com Sobrenome Oliveira	28
Nascidas em Corumbá com sobrenomes distintos	243
Nascidas vários lugares de diferentes sobrenomes ³⁹	654
TOTAL GERAL	925

Fonte: Livro de batismos da Igreja da Matriz de Nossa Senhora do Rosário (1930-1976). Organização: SILVA, 2020.

No ano de 1935, foram realizados a maior quantidade de batizados, um total de 70 e no ano de 1976, foram realizados a menor quantidade, um total de dois 2 batizados, sendo os últimos registros encontrados na Paróquia do Rosário, nos livros de batismos que mencionam sobre a Festa do Morro. Podemos observar ainda, que os batismos ocorriam com mais frequência na romaria, quando Christóvam a organizava, talvez a explicação esteja ligada a sua forte influência com a Igreja.

Com a análise dos últimos batismos, podemos perceber a ligação do objeto pesquisado com a pesquisadora enquanto partícipe da romaria, tendo seu batismo também firmado em registro, como pode verificar com a figura seguinte:

Ilustração 68 - Registro de batismo

204

Aos onze dias do mês de novembro de mil novecentos e trinta e cinco, nos Pirenópoli - Pirenópolis -

Sirlene

o Padre Dom Teófilo de Oliveira batizou solenemente

Sirlene nascida no dia quinze

de dezembro de mil novecentos e trinta e cinco

filha legítima de Abadio Alves da Silva

e de Gerça Pereira da Silva

casados na Paróquia de Miguelândia - Go

Foram padrinhos: Floriana Pereira e Maria da Abadia Costa

Para constar mandei lavrar este termo que assino

205

Aos onze O Pároco Dom Teófilo de Oliveira

Fonte: Livro de batismo da Igreja da Matriz de Nossa Senhora do Rosário (1976). Reprodução: SILVA, 2020.

³⁹ Incluindo pessoas nascidas em Pirenópolis, regiões circunvizinhas e outras cidades.

A romaria dos Pireneus, embora com intenções restritas, no sentido do ideal da família Oliveira, tem seu início a partir da realização da missa ao ar livre sem limitação de fiéis; desta forma então, percebemos com análise dos dados acima, que contrariando as projeções família Oliveira, a Festa do Morro é frequentada por diferentes famílias desde seu começo. A participação nas celebrações religiosas ou não, atribui o valor do rito festivo ao participante da festa. A importância dos rituais festivos está no significado do que estes ritos representam aos partícipes nos diferentes contextos e momentos históricos vividos.

Constatamos por meio das entrevistas que muitas outras famílias participavam inicialmente para assistir somente as missas, mas com o passar do tempo, o interesse pela romaria em acampar aos redores do Morro, atinge pessoas distintas de Pirenópolis e da região próxima dos Pireneus. Alguns preparavam alimentos, juntavam as crianças e iam para o Morro bem cedo no dia da missa, e após a celebração, ficavam até o final do dia, como uma forma de lazer em meio à natureza. Atualmente, muitos seguem o hábito de passar o dia na festa, mas normalmente fazem as refeições na barraca do(a) festeiro(a) ou de amigos acampados. “Dessa forma, é possível relacionar, de forma integrada o homem e seu ambiente, porque a festa é uma experiência concreta composta de vários sentidos resultantes da relação entre os partícipes que a vivenciam e a paisagem em que se inscreve” (LÔBO, 2011, p. 87).

Algumas famílias começam a ir para passar o dia e depois, iniciam a construção de ranchos para os acampamentos. Numa entrevista com dona Iracema de Souza Machado⁴⁰, hoje com 63 anos de idade, esta afirma:

Lembro quando eu era criança, meu pai arrumava os cavalos e minha mãe organizava uma comida e a gente subia cedo o Morro para assistir a missa e depois ficava lá para passar o dia. Iam meus tios e primos também e ficávamos nas pedras, um pouco mais longe, porque perto da Capela ficavam as famílias mais importantes. Fomos assim por muito tempo, depois adquirimos um carro e passamos a acampar, a gente montava o acampamento, mas almoçava no restaurante do senhor Zezinho Augusto, pai de Miso (MACHADO, 2019).

Podemos relacionar a procura do Morro dos Pireneus pelos romeiros que passam a aproveitar a romaria associando o momento religioso com o lazer e apreciação da natureza no espaço, com os trabalhos do pesquisador Cleber Dias (2013) sobre a história do lazer no espaço natural na pós-modernidade. Em suas pesquisas, Dias aborda a apreensão da natureza no Brasil, por meio da colonização portuguesa que apresentava uma concepção

⁴⁰ Dona Iracema, começou a frequentar a romaria indo com a família ainda na infância, passou a acampar depois de adulta e atualmente não acampa mais, mas participa dos acontecimentos, pois tem filha e netos que continuam acampando. Dona Iracema faz questão de dizer que sempre gostou de ajudar no acontecimento da festa.

mais racional e sensível em relação à natureza oriunda das concepções europeias no período pós-moderno. Podemos verificar a consonância com nossa pesquisa por meio da afirmação:

Numa época em que a Igreja – e o pensamento religioso de modo geral – exercia grande influência, a natureza também era apreendida por sua capacidade de manifestar o poder e a presença de Deus. Assim, sua contemplação justifica-se também pela possibilidade de glorificação de seu Criador. [...]. Sob a influência de um pensamento mais racional ou mais teológico, em todos os casos, elogiava-se a exuberância das matas, a beleza dos bosques e a salubridade dos campos (DIAS, 2013, p. 50-51).

A assertiva do autor pode ser associada com a afirmativa exposta por dona Iracema, bem como outros diálogos de outros romeiros, ainda com descrições já pesquisadas e observações realizadas durante o acontecimento da festa, com a análise da relação antropológica do partícipe no meio festivo, percebemos que o ato de apreciar a natureza naquele espaço, está diretamente ligado aos ritos de acontecimentos da festa. Para muitos romeiros, participar dos rituais festivos, religiosos ou não, é uma forma de agradecer por toda natureza que ali se revela, como presente de muito valor. Percebemos ainda, que o morro se apresenta como um espaço de refúgio durante o período de realização da festa aonde muitos buscam encontrar uma harmonia interna por meio da paisagem manifestada. Nossas afirmativas embasam nas entrevistas realizadas, cujos dados estão dispostos no terceiro capítulo.

Constatamos que Christóvam José de Oliveira, enquanto referência familiar, amante da natureza, católico praticante e líder popular em sua época, com a atitude de criar uma romaria com devoção ao Deus Uno e Trino, deu início a uma tradição que foi deixada como legado não só aos seus familiares, mas a todos que manifestam o gosto pela festa, pois é percebido que a partir da primeira missa, todos os anos no plenilúnio de julho a família Oliveira junto a outros pirenopolinos, demais moradores e visitantes sobem a Serra para acampar em volta dos três picos. Mesmo sem a liderança de seu fundador, a romaria prossegue com a participação de romeiros e visitantes que seguem ressignificando a manifestação.

2.3 A DINÂMICA DA FESTA: O CICLO FESTIVO, O(S) RITO(S) E A (RES)SIGNIFICAÇÃO

Para chegarem ao local da Festa do Morro, os romeiros seguem pela antiga estrada de terra construída ainda no início da romaria, sob a iniciativa de Christóvam de Oliveira, com o interesse de facilitar o acesso à região da Serra dos Pireneus. Pela velha estrada, foi possível

também ligar o município de Pirenópolis ao então Distrito de Cocalzinho, do município de Corumbá de Goiás.

Ilustração 69 - Construção da estrada



Fonte: Acervo da Família OLIVEIRA, s/d.

Ilustração 70 - Estrada na atualidade



Fonte: SILVA, 2019.

A estrada foi construída com um percurso total de 32 quilômetros, e todos os anos é reparada para as atividades da festa com o apoio da prefeitura de Pirenópolis e nos últimos anos, também pelo poder público de Cocalzinho de Goiás.

Além das máquinas, a mudança do clima altera também a paisagem da vegetação às margens do caminho e o aspecto da longa estrada de terra, que no período das chuvas, é tomada por poças de lama e no tempo de estiagem toma outra característica com secura do tempo, quando imensas nuvens de poeira tomam conta do percurso. Tais fatores só alteram a paisagem e dificulta a rotatividade do percurso, mas não impedem os romeiros do cumprimento do calendário das festividades.

A Festa do Morro, hoje não mais se resume apenas ao acontecimento da missa em véspera de lua cheia. Seguindo a ideia de um ciclo festivo, como propõe Maia (2002) ao estudar outra festa pirenopolina, a sequência das ritualidades tem seu começo nove meses antes do mês de culminância.

No mês de novembro tem início a reza do terço, este acontece uma vez por mês até o ápice da festa no mês de julho. Quase sempre, o ritual do terço ocorre no domingo próximo a lua cheia, pois em respeito às festividades de maior proporção no município, como a Semana Santa e a Festa do Divino Espírito Santo, o calendário deve ser analisado.

Como um processo de ressignificação da Festa do Morro, pelo fato ter sido incorporado há 10 anos na festividade, muitos romeiros junto ao(a) festeiro(a)⁴¹ sobem o

⁴¹Festeiro ou festeira é a pessoa encarregada da organização para a efetivação da festa a cada ano. Atualmente, na Romaria da Santíssima Trindade, esta função é sempre uma indicação do festeiro(a) do ano anterior, entre aqueles que demonstram interesse.

morro para rezar o terço no fim do dia em preparação ao momento de culminância. O terço é incorporado, como uma ação dinâmica e social, uma ritualidade “[...] que se torna sensorialmente perceptível na forma de um símbolo” (TURNER, 2013, p. 39).

Ilustração 71 - O terço



Fonte: SILVA, 2017.

Após a reza, é distribuída a cópia impressa e plastificada aos presentes para que possam entoar o “Hino dos Pireneus” escrito e composto por Dom Aquino Corrêa em 1934, o qual transmite também, em sua letra, a beleza e magia do local e enaltece ainda mais o momento devocional.

Hino dos Pireneus

Nestes píncaros de auras tão puras,
Céu azul dos azuis, Pireneus.
Tudo diz “Gloria a Deus nas Alturas”
E a voz sobe ao mais alto dos céus.

Glória a Deus seja o canto infinito,
Que das almas se eleve também!
Glória ao pai, Gloria ao Filho Bendito,
Gloria ao Espírito Santo, Amém!

Nesta serra central estremece
O imortal coração do Brasil.
Coração que a Deus se ergue na prece,
Como ao céu estes picos de anil.

Aqui, pois, entre júbilos, quando
No país raia a aurora da lei,
Surja um novo Santuário atestando
Que o Brasil quer a Deus por seu Rei.

Este templo, num cântico mudo,
Mas solene, dirá aos incréus
Que o Brasil, muito acima de tudo,
Crê, espera e confia em seu Deus.

E Maria, de Deus, filha e esposa
 Ela, a Mãe, virgem mãe, de Jesus
 Velará desta grimpa alterosa
 O seu povo da terra da cruz.
 (CORRÊA, 1934).

Seguida a entoação do hino, a reunião continua com uma confraternização entre os presentes através da distribuição de acepipes⁴². Além de rezar, cantar, comer, beber e conversar, muitos romeiros permanecem ao pé do morro para contemplar o cenário oferecido pelo encontro da lua cheia com a paisagem do Cerrado.

Ilustração 72 - Confraternização com distribuição de acepipes



Fonte: SILVA, 2017.

Na semana da lua cheia de julho, prevalecem os principais eventos ritualísticos da festa, com a subida dos grupos de familiares ou de amigos que acampam aos pés dos três picos e que normalmente acontece no início da semana. O deslocamento para a Festa do Morro é constituído de toda uma ritualidade de “desmanchar a casa” e abandoná-la por um breve período, transportando móveis, acessórios do cotidiano de uma casa, alimentos e instrumentos para prepará-los, assim como roupas e demais objetos necessários para um acampamento.

Percebemos que todos os processos para a formação dos acampamentos na festa ocorrem desde o início da romaria. Segundo dona Auristela Irma de Oliveira Afonso⁴³, o avô ia bem antes para preparar o espaço da festa no Morro, depois voltava para buscar toda a

⁴² Guloseimas da culinária tradicional que são produzidas na cidade, levadas e distribuídas pelos romeiros como forma de confraternização. Dentre aos acepipes, tem destaque as quitandas como bolos, biscoitos e petas. Mas como o romeiro oferece o que pode ou o que tem, a mesa que foi improvisada para este fim, fica sortida de vários alimentos. São servidos também, farofas, caldos, doces e até jantar com comida típica, como o arroz com pequi ou galinhada. Para beber, os romeiros costumam levar café, chá, licor, refrigerante e vinho.

⁴³ Neta de Christóvam, esposa do Senhor José Percival Afonso referido anteriormente. Dona Irma, tem atualmente 73 anos e desde criança, tem o hábito de frequentar a romaria.

família: “Vovô ia antes e papai ia também. A gente passava era semanas lá, por isso levava de tudo. No início, íamos todos de caminhão, depois surgiram outros carros”.

Ilustração 73 - A subida para a Festa no início da romaria



Fonte: Acervo da família OLIVEIRA, s/d.

A Festa do Morro pode ser analisada com base na proposta de Maia (2002) sobre o ciclo festivo. Para o autor, esse ciclo é composto por uma série de ações que podem ser classificadas em três fases distintas: preparação, realização e desativação. Na festa estudada, a preparação consiste na organização do espaço festivo para receber os acampados e das tralhas para alocar no espaço que fora preparado. Enquanto uns se atêm nas responsabilidades do local, outros, na cidade preparam a carga para subir a Serra.

No espaço da festa, as capelas são restauradas, o mato é roçado e os acampamentos estruturados. E, para chegar até o espaço, a estrada é reformada. Desta forma, se dedicam nesta primeira fase: funcionários da prefeitura e de empresas particulares contratadas pela prefeitura ou por romeiros, os próprios romeiros, além de servidores do Parque.

Na fase de realização, os grupos já se encontram acampados conforme o costume simbólico da formação de turmas. Em meio às comemorações concentradas, individual de cada um, seguem durante a semana, aguardando ou não, os eventos religiosos da festividade que ainda tem por vir.

Desta forma, mediante um ambiente desprovido de qualquer recurso que atenda as necessidades humanas, para o acampamento na Festa do Morro, os romeiros praticamente se mudam para a localidade levando e organizando tudo que for consumir e utilizar no período festa. A partir da vivência das ritualidades festivas, podemos concordar com a afirmativa de Brandão de que “a festa pode ser considerada como um ritual, quando muito simples, ou como uma configuração interativa de rituais que acontecem ao mesmo tempo ou sequência. O que caracteriza a festa é ela ser um evento coletivo de ruptura da rotina da vida cotidiana” (2015, p. 33).

Podemos constatar a mudança de rotina dos hábitos do dia a dia daqueles que sujeitam à ruptura. A partir das imagens seguintes, dois ambientes cruciais de atendimento dos acampados, são caracterizados: a cozinha e o banheiro.

Ilustração 74 - Cozinha organizada com tenda



Fonte: SILVA, 2017.

Ilustração 75 - Cozinha organizada com de plástico



Fonte: SILVA, 2017.

Ilustração 76 - Cozinhas organizadas ao ar livre



Fonte: SILVA, 2017.

Observamos que na organização do espaço dos acampamentos, o aproveitamento de todos os recursos torna fundamental, assim, com o apoio da estrutura das pedras e das árvores, elementos de uma casa, que na vida cotidiana são delimitados pelos cômodos, são então ajeitados na forma mais viável, sem considerar tal delimitação. Podemos observar que o galho que serve de suporte para o papel higiênico, mais ao lado do banheiro, também se encontra o coador de café, mais ao lado da pia de lavar as vasilhas.

Ilustração 77 - Banheiro de luxo no morro



Fonte: SILVA, 2017.

Ilustração 78 - Banheiro organizado com lona



Fonte: SILVA, 2017.

Ilustração 79 - Banheiros químicos



Fonte: SILVA, 2017.

É interessante observar que as estruturas dos acampamentos, seguem a condição financeira e a criatividade dos acampados, cada acampamento possui os recursos disponíveis para as necessidades do grupo, tendo em vista que, o apoio da prefeitura com a disposição de banheiros químicos e ainda da distribuição da água, visa o atendimento de todos no local.

Quanto à necessidade sanitária, outra observação está na continuidade dos hábitos dos antigos romeiros, que na falta do banheiro, que veio existir com a construção da casa da mata, sendo limitado para as mulheres da família Oliveira, utilizavam o mato para fazer as necessidades. Desta forma, para andar no Cerrado ou escalar pedras nos arredores do Morro durante o acontecimento da festa ainda hoje, é muito importante que se olhe o caminho.

Estando os romeiros alocados no espaço festivo, segue a realização do festejo, com as ritualidades recorrentes durante o período de culminância, que se desenrolam em meio ao dinamismo da tradição. Os ritos em honra à santidade cultuada na romaria têm início com uma procissão na quinta-feira que antecede a lua cheia. Um grupo de fiéis, com a média de 50 a 60 pessoas, segue para o morro, partindo da igreja do Senhor do Bonfim às 17 horas. Este grupo é formado por romeiros que acampam e outros que tem como intenção, participar somente da procissão.

Ilustração 80 - Saída da procissão da porta da Igreja do Bonfim



Fonte: SILVA, 2017.

O andor foi construído por Washington Vanuncio de Oliveira⁴⁴ em 2015. Este é anualmente reformado e adornado e, depois de receber a benção do padre na porta da Igreja

⁴⁴ Romeiro da 3ª geração da família do Senhor Jakson Basílio de Oliveira que era sobrinho de Christóvam. Washington e família participam da festa e da procissão todos os anos e resolveu fazer o andor, porque antes, a imagem ia numa estrutura improvisada. O romeiro fez também um projeto para a construção de uma escada com corrimão para o percurso de acesso à Capela no alto do Morro, partindo da base até o cume. A obra não foi realizada como a proposta do projeto, mas houve a construção no percurso mais difícil.

com a imagem da Santíssima Trindade, é levado pelos romeiros na cainhada de quase 20 km até o local da festa. A quantidade de integrantes da procissão oscila de ano para ano, e nem sempre todos que iniciam conseguem percorrer o percurso completo.

Sobre os cuidados com a imagem antes da construção do andor Washington esclarece: “no tempo de Pompeu, a imagem tinha um andor, depois foi guardado no museu da família. Então, os romeiros faziam a procissão, levando imagem em carros ou nos braços de quem tinha uma promessa” (OLIVEIRA, 2020).

Ilustração 81 - O andor e o fiel



Fonte: SILVA, 2017.

Após um perímetro de aproximadamente 5 km de asfalto, acompanhados por viaturas da Polícia e do Bombeiro, para garantir a segurança, estes adentram o caminho de terra em meio à paisagem aonde o dia dá lugar à noite com a lua clara iluminando o caminho. Assim, compreendemos que

O impacto da religião na paisagem não está limitado somente às características visíveis, como locais de culto, apesar de esses mostrarem mais claramente formas e funções religiosas, mas se estende à experiências da fé que símbolos e mensagens nos fornecem, alguns inteligíveis somente aos que comungam a mesma fé (ROSENDAHL, 2018, p. 130).

A fé promove deslocamentos com sacrifício e possibilita também a compreensão acerca da ligação do sagrado com a natureza. Algo complexo de ser apreendido por quem que não conhece ou que não busca entender em detalhes, os aspectos de uma manifestação da cultura popular. As romarias, são complicadas de serem inteligíveis para quem não comunga da mesma fé, como demonstrou muito bem Steil (1996) ao investigar trajetórias de romeiros e turistas no Santuário de Bom Jesus da Lapa.

Ilustração 82 - Subida da procissão no caminho de asfaltado



Fonte: COSTA, 2019.

Para conseguir subir a estrada até o destino final, os fiéis se apropriam de roupas e calçados confortáveis e, preparados fisicamente, mentalmente e espiritualmente, seguem imbuídos no desejo de concluir o árduo percurso, porque “não é somente sobre o solo que pisa que o homem pode perder ou encontrar a sua direção, [...] falamos de ‘via fácil, rude, direta’ ou ‘tortuosa’, da ‘via do prazer’ ou do ‘sacrifício’” (DARDEL, 2015, p. 12).

Ilustração 83 - A procissão no caminho de terra Ilustração 84 - revezamento do andor



Fonte: OLIVEIRA, 2017.



Fonte: OLIVEIRA, 2017.

O andor é revezado entre os fiéis. Embora uns vão bem à frente e outros bem atrás, os que mantêm o ritmo junto da imagem, fazem questão de ajudar na condução e na reza sincronizada do terço.

Fortalecida na década de 1980 com a subida da segunda imagem, a procissão é seguida por romeiros antigos e veteranos. “O costume de subir o morro a pé por ocasião da lua cheia é antigo. Eu sempre ia de turmas de adolescentes junto com as pessoas mais velhas

também” (OLIVEIRA, 2020). O pirenopolino Luiz Armando Pompeu de Pina⁴⁵ participa há mais de 40 anos. Durante uma conversa no percurso da procissão, este reforça que começou a participar da romaria do Morro acampando com seus pais e irmãos, depois passou a participar só da procissão. Ele ainda faz uma afirmação interessante: “a maioria dos fiéis que sobem na procissão não acampam no morro durante festa. Uns já até acamparam, mas outros nunca. A gente sobe com a imagem, deixa ela na festa e volta para a casa. Tem romeiro que volta só para assistir a missa no domingo”. Luiz faz questão de carregar o andor seguidamente.

Após a chegada da procissão com a imagem ao Morro, procede na barraca do(a) festeiro(a), na qual, outros romeiros estão concentrados para celebrarem, o primeiro dia do tríduo. O segundo e o terceiro dia do tríduo acontecem na Capela de Nossa Senhora d’Abadia, na base do morro.

Ilustração 85 - Chegada da procissão na barraca do(a) festeiro(a)



Fonte: SILVA, 2017.

Na barraca do(a) festeiro(a), o andor com a imagem é alocado junto ao altar que é providenciado antecipadamente e visível para todos, ao final da reza, é servido um farto jantar⁴⁶ para os presentes. O altar como um elemento simbólico expressivo nas festas do catolicismo popular, tem significativa visibilidade na Festa do Morro. Além de ser montado na barraca do(a) festeiro(a), para receber o andor, os altares das capelas, são também ornamentados para a sequência dos rituais festivos.

Seguindo os processos ritualísticos, no sábado à tarde, no instante entre o pôr do sol e o nascer da lua, é rezada uma missa na capela da Santíssima Trindade, no cume do pico, como forma de continuidade da tradição iniciada pelo idealizador da romaria. Neste momento, o

⁴⁵ Apresentado na imagem de blusa vermelha. Luiz Armando é um dos irmãos de Célia Fátima de Pina, anteriormente mencionada.

⁴⁶ Na barraca do(a) festeiro(a), a alimentação é preparada por equipe de profissionais da área. Normalmente, esta equipe é contratada pelo(a) festeiro(a), mas muitas pessoas voluntariamente ajudam na preparação dos alimentos.

espetáculo da natureza que também se faz sagrada junto aos demais elementos desta ordem, proporciona aos partícipes um átimo contagiante.

Ilustração 86 - Missa de sábado na Capela do pico



Fonte: Silva, 2017.

Já no sábado à noite, finaliza-se as preces religiosas com o último dia do tríduo. O final da reza corresponde também ao último dia da novena mensal. Em seguida, procedem-se os rituais de levantamento do mastro com a imagem da Santíssima Trindade e novamente a distribuição de acepipes, que acontece com o apoio dos romeiros. Estes, denominados de mordomos, são incumbidos anteriormente por suas funções pelo(a) festeiro(a). Cada mordomo se incumbe também de servir seu alimento, pois diferente dos demais terços mensais, neste, não há a disposição de mesa. Junto com as quitandas, são servidos chás, vinho e quentão, que além de esquentar o frio excessivo também dá ânimo para o início das atividades profanas da noite.

Ilustração 87 - Tríduo no sábado - Hasteamento do mastro



Fonte: CURADO, 2016.

No domingo, no período matutino, é rezada na capela de Nossa Senhora da D'Abadia, a segunda e última missa, após a qual acontece a indicação da próxima pessoa que cuidará para que todas as ritualidades festivas ocorram no ano seguinte.

Ilustração 88 - Missa de domingo



Fonte: SILVA, 2016.

Após a missa, os presentes são convidados para o arremate dos festejos com um almoço em comunhão, ainda na barraca do(a) festeiro(a). Como o costume das festas de romaria da região, no cardápio do almoço, é comum ser servido arroz, feijão de caldo ou tropeiro, uma ou duas carnes ao molho, normalmente frango e carne bovina e ainda salada. Como sobremesa, são servidos também doces caseiros, como o de leite e o de mamão.

Ilustração 89 - Almoço na barraca do festeiro(a) após a missa de domingo



Fonte: SILVA, 2016.

Por fim tem início o desmanche dos acampamentos, a retirada do lixo e a preparação para a descida do Morro, uma alusão ao deixar para trás aquelas paisagens meditativas

propiciadas pela festa, constituindo assim a terceira etapa proposta por Maia (2002), a desativação: o retorno dos romeiros para as suas casas e para a vida de ritmo normalizado na cidade, para então aguardar o reinício das festividades do próximo ano.

Ilustração 90 - Preparação para a descida do morro



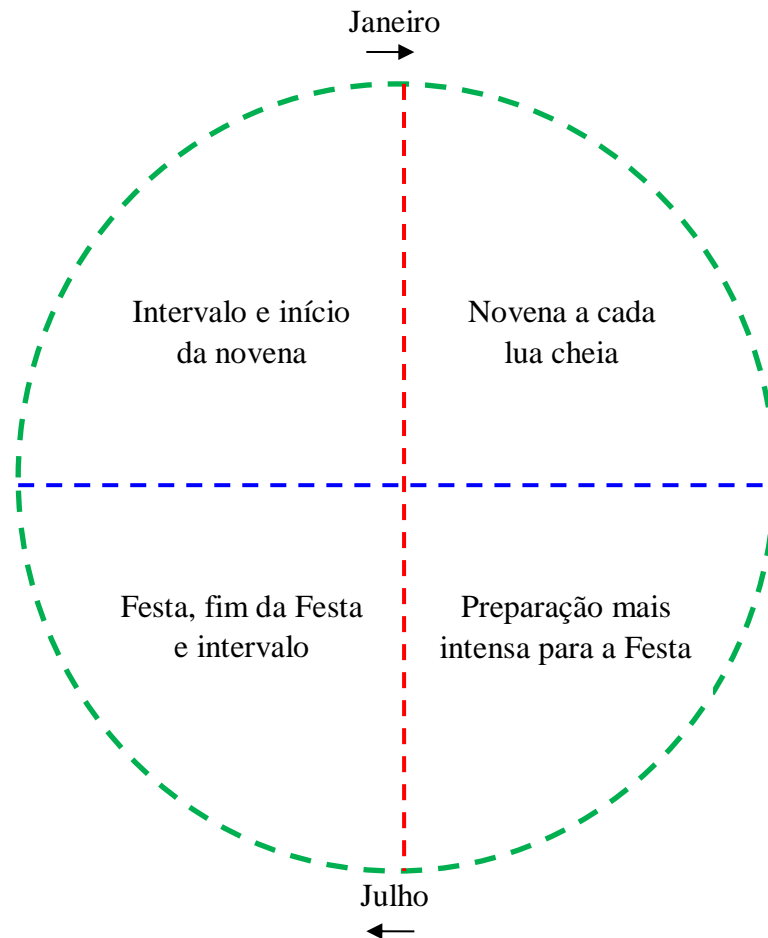
Fonte: SILVA, 2019.

Visando compreender as ritualidades festivas nos Pireneus, adotamos a concepção de Terrin, para quem os ritos possuem o que ele denomina por “Círculos concêntricos” (2004, p. 14), a partir do qual propomos baseado em Maia (2002), o estudo do “Ciclo festivo” da Festa do Morro, no qual, as fases propostas pelo pesquisador podem ser compreendidas distintamente, mas de forma contínua, pois a sequências ritualísticas estabelecem todo o processo festivo.

Ao participar da sequência dos terços, do tríduo, da procissão e das missas, o romeiro completa o ciclo festivo da Festa do Morro.

Assim que cumprimos nossos deveres rituais, retornamos à vida profana com mais coragem e ardor, não somente porque nos pusemos em contato com uma fonte superior de energia, mas também porque nossas forças se revigoram ao viver, por alguns instantes, uma vida menos tensa, mais agradável e livre (DURKHEIM, 1996, p. 416).

Ilustração 91 - Momentos de realização da Festa do Morro dos Pireneus

**Legenda**

- — — Círculo festivo anual da Festa da Santíssima Trindade dos Pireneus
- — — Divisão ano civil em primeiro e segundo semestres
- — — Divisão aproximada dos períodos das águas e da seca no Cerrado

Fonte: SILVA e CURADO, 2018.

Sobre a Festa do Morro, podemos denominar momentos de realização, pelo fato de que a Festa iniciada como uma adoração à Santíssima Trindade acontecendo no plenilúnio de julho passou por alterações temporais, com a implantação da Novena em Louvor à Santíssima Trindade, expandindo os festejos da lua cheia de novembro até a Festa, abarcando temporalmente manifestações de devoção em nove meses anuais.

Visto que os “rituais de envolvimento coletivo são quase sempre ligados às festas dos ciclos católicos” (BRANDÃO, 2004, p. 35), a romaria da Santíssima Trindade não difere de tal seguimento. O que podemos verificar no decorrer da pesquisa são as alterações na dinâmica deste acontecimento no percorrer do tempo, o que se caracteriza na visão de D’Abadia (2014), como ressignificação. A autora afirma que

Perante as mudanças na sociedade atual, as festas religiosas podem ser vistas como fator de ressignificação, ou seja, a perpetuação de uma tradição presente nos diversos municípios brasileiros, essas são celebradas em maior ou menor intensidade. Elas resistem e permeassem diante dos diversos cenários da contemporaneidade (D'ABADIA, 2014, p. 12).

Seguindo a visão abordada por D'Abadia, percebemos a ressignificação da Festa do Morro por meio do dinamismo e incorporação dos fatos do decorrer da sua história. A romaria que é iniciada com uma missa em honra a Santíssima Trindade no alto do morro, tem logo depois, outra celebração aos pés do morro com a incorporação da imagem de Nossa Senhora. Os acampados, que antes se restringiam na família Oliveira numa localidade, se expandem com outras famílias em outros locais próximo ao Morro e com a expansão dos acampamentos, passa a existir entre as décadas de 1950 a 1990, conforme a descrição dos romeiros mais antigos, a comercialização de alimentos e bebidas em estabelecimentos montado para este fim.

Do final da década e 1980 até o final da década de 1990, a festa oscila, ano com festeiro, ano sem festeiro só com a organização de Pompeu e de poucos mordomos⁴⁷. Sobressaindo então a parte profana, a parte religiosa da festa é enfraquecida. A religiosidade tão prezada pelo criador da romaria cede lugar para as atividades de libertinagem, tais como: o excesso de som automotivo, consumo de drogas e até algazarras com descargas de revólver.

“A festa também se tornou profana o que, de certo modo, perdeu um pouco do incentivo da Igreja” afirma o padre Anevair⁴⁸ que também foi pároco na cidade e deu seu depoimento. “Ultimamente a Igreja se reaproximou da Festa do Morro, na tentativa de apoiar os que dela participa com o sentido religioso, mas sem apoiar o que não condiz com a devoção”. A partir de 1991, o padre Joel, então mencionado (contrariando até mesmo a gestão do Parque), interferiu na organização da festa, com a transformação da Capela de Nossa Senhora D'Abadia, construção de cerca no espaço desta Capela e também da Via Sacra no caminho da romaria. O que se mantém na sequência, a união dos fiéis mais tradicionais da romaria dos Pireneus, em prol do resgate religioso e da manutenção das suas características da festa.

⁴⁷ Os mordomos possuem a incumbência de ajudar na realização da festa. Para cada mordomo, é distribuída pelo festeiro, uma tarefa que seja de necessidade para o acontecimento dos festejos.

⁴⁸ Durante o período que foi pároco em Pirenópolis, o Pr. Anevair também entrevistou na Festa do Morro em Louvor a Santíssima Trindade. Em nome da Igreja, este editou um regulamento (que segue em anexo) de controle para atuar junto ao festeiro no ano de 2011. O regulamento foi imposto aos romeiros, como forma de responsabilização devido o acontecimento de um grande incêndio no Parque durante a festa de 2010. As normativas da Igreja, junto às diretrizes do Parque, provocaram muitos conflitos e discordâncias, o que impulsionou a criação da Associação por parte dos romeiros. Tal regulamento, parece ter sido esquecido com a troca de Paróquia.

Os excessos nas atividades profanas provocaram desgosto em muitos romeiros, o que de certa forma acabou inibindo a participação de alguns. É o que mostra o relato de dona Lunildes⁴⁹:

Sempre gostei da Festa do Morro, ia quando criança com meus pais e irmãos, depois casei e passei a ir com meu esposo e filhos pequenos até crescerem. Não ia pela parte religiosa, ia para curtir em família e apreciar a natureza, mas a festa ficou pesada demais, aí paramos de ir. Até tentamos retomar nosso acampamento bem depois, mas com a idade, não tivemos mais ânimo para montar tudo (ABREU, 2019).

A criação do Parque com a imposição de regras, embora provoque insatisfação a alguns, já satisfaz outros, pois o foco da festa, sob o comando da Igreja, volta a ser o reforço das atividades religiosas. A introdução da procissão no início da década de 1980, a indicação e escolha dos festeiros partir do ano de 1998 e criação do terço mensal no ano de 2009, impulsionaram a participação de outros fiéis na romaria proporcionando maior estabilidade nas atividades festivas.

Em 2015, um fato marcante aconteceu na história da Festa: dona Dione⁵⁰ manifestou interesse em organizar a festa, sendo então a primeira mulher adulta⁵¹ a ocupar esta função, que a realizou com reza, comida farta e música.

Ilustração 92 - Dona Dione, romeira assídua da Festa do Morro



Fonte: JAYME, 2015.

⁴⁹ Lunildes de Oliveira Abreu, descendente da família Oliveira e romeira por muito tempo, aceitou participar da pesquisa.

⁵⁰ Sobrinha de Christóvam que nasceu no ano de acontecimento da primeira romaria.

⁵¹ Visto que no começo do período de escolha de festeiro, era costume das famílias tradicionais ligadas a Christóvam, de colocar o nome dos filhos para levar o nome da função, mas com os pais realizando as atribuições. Tal fato, já aconteceu com meninas.

Na sequência, em 2016, outra Oliveira ocupou o cargo, Oona Yasmina, que foi indicada e deu sequência ao formato de festa iniciada por dona Dione. Oona, além de se preocupar com detalhes, realizou junto a outros romeiros, um estudo mais preciso para a organização do histórico da festa e introduziu outra imagem da Santíssima Trindade na Festa, com o objetivo de acompanhar o(a) festeiro(a) indicado(a) durante todo o ciclo festivo de sua responsabilidade.

Na missa de domingo de sua festa, Oona, contrariando uns e agradando a outros, indicou a sua prima, Helena Cristina de Pina para a organização da festa de 2017. Helena não estava presente no momento, mas acatou muito bem a incumbência e realizou uma festa invejável, com muita fartura e ostentação.

Ilustração 93 - Transferência da imagem



Fonte: SILVA, 2017.

A ausência de Helena no momento da indicação causou descontentamento em alguns romeiros, pois, como em todas as festas, existem a política e os conflitos principalmente na hora das escolhas. Para a Festa do Morro não é diferente e, os descontentamentos ocorrem, devido aos diferentes interesses dos partícipes.

A regra principal para ser festeiro(a), é fazer parte da Associação dos Romeiros e estar em dia com a anuidade, contribuindo com um taxa de R\$50,00 reais, mas, segundo Oona Yasmina que concluiu a função de tesoureira recentemente, poucos romeiros cumprem com esta atribuição.

Embora, não existam regras no estatuto da Associação dos Romeiros dos Pireneus, nem diretrizes da Paróquia ou do Parque quanto à forma de como realizar ou não a festa, cada festeiro (a), apropria-se da sua intenção, capacidade e parcerias e faz a festa como pode e idealiza. Sem menção também no estatuto até o momento desta pesquisa, a indicação de quem

vai comandar a festa no ano seguinte, também é uma opção do (a) festeiro (a), que indica quem achar pertinente entre os que desejam tal obrigação.

Mostramos que o ciclo festivo da Festa do Morro se desenrola em ações que se constituem nas fases de preparação, realização e desativação, em que em cada fase há uma sequência ritualística caracterizada de forma distinta, iniciando com os terços mensais em novembro e finalizando com o momento culminante da Festa, no plenilúnio de julho. Notamos a presença do partícipe do evento festivo, com importância da sua participação na realização anual da festa e na continuidade da tradição.

3 SIMBOLOGIA QUE TRANSCENDE A IMAGINAÇÃO: A REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA E SOCIAL DA FESTA DO MORRO

Procuramos destacar neste capítulo, as múltiplas representações da Festa do Morro caracterizando a devoção religiosa e a apreciação da natureza como elementos referenciais. Tratamos ainda da importância da festa para quem participa dela, apresentando os resultados das entrevistas realizadas tanto durante a realização da festividade, quanto fora do momento festivo como resposta ao problema apresentado.

Como ênfase na representação simbólica da festa no espaço vivido, propomos uma análise a partir das canções pirenopolinas, “Sino dos Pireneus”, “Ave Maria dos Pireneus” e “Centro do meu País”, além da análise da pintura do quadro em arte naïf, de um artista local, como formas diversificadas de expressão da festa repercutida no imaginário.

Para a elaboração desse capítulo foram úteis ainda, os dados obtidos do Projeto *Inventário da Festa em Louvor a Santíssima Trindade, Festa do Morro* realizado com o apoio do Fundo de Cultura de Pirenópolis em concomitância às pesquisas para esta dissertação. Embora, sabendo das lacunas entre os fatos ocorridos, ousamos propor uma linha sequencial juntamente com a exposição de mais fotos que reforcem nossa pesquisa. Em seguida, apresentamos os desafios que a festa depara ao longo de sua história, bem como o enfrentamento a estes desafios e sua resistência no tempo e no espaço.

3.1 A ROMARIA E O PARTÍCIPE: AS MÚLTIPLAS REPRESENTAÇÕES DA FESTA

Levando em conta a pertinência e o significado do termo romaria, Carlos Rodrigues Brandão descreve que “[...] na romaria, devotos, penitentes ou não, vão em busca de um lugar próprio e único, onde um tipo peculiar de relação com o sagrado é intensamente vivido” (BRANDÃO, 1989, p. 31). Na romaria do Morro dos Pireneus, fiéis ou simplesmente visitantes, partem em direção à festa para compartilhar coletivamente o espaço. Este torna palco do contato humano para a troca de experiências materiais e imateriais entrelaçadas às questões religiosas e profanas, que são vivenciadas em um intervalo de tempo transcorrido com as relações estabelecidas que marcam a história da festa.

Assim, propomos partimos da ideia de que todas as ações que não são vividas, a sós, em grupos ou como seja, visando apenas a realização de uma tarefa através de gestos e atos práticos, envolve – ou se envolve – o que podemos aqui chamar de um *ritual*. [...]. Todos nós continuamente interrompemos a rotina diária, semanal, mensal, anual, de uma vida inteira dedicada ao trabalho, aos estudos, a ações práticas regidas

pelo dever e a obrigação, e nos entregamos a algum tipo de ritual, de festejo, de festa (BRANDÃO, 2015, p. 28).

Estabelecida por rituais dotados de significados, a festa define a paisagem e personifica o partícipe com os diferentes sentidos do que para ele representa. Como afirma Curado⁵²: “As festas, ao serem promovidas, realizam-se por rituais e símbolos constituídos como formas na paisagem” (2012, p. 253). Desta maneira, na Festa do Morro, embora os rituais e os símbolos pareçam repercutir materialmente de maneira simples em meio à paisagem festiva, os acontecimentos que permeiam o partícipe, não o isentam das sensações e significados. Os rituais e os símbolos instituem as múltiplas representações dos acontecimentos da festa de forma distinta para cada participante.

Sobre a representação dos símbolos nos processos ritualísticos, podemos inteirar com a afirmativa do antropólogo Victor Turner: “Um único símbolo, de fato, representa muitas coisas ao mesmo tempo; é multívoco e não unívoco” (TURNER, 2013, p. 61).

Deste modo, a Festa do Morro que se constitui de elementos simbólicos atrelados ao sagrado e ao profano, manifestados pelos cultos religiosos ou pela apreciação da natureza, se apresenta ao seu partícipe com diferentes sentidos, sendo multívoco no imaginário dos que vivem ou já vivenciaram a festa. Sobre a representação e o imaginário humano, a historiadora Sandra Jatahy Pesavento, explica que:

Entende-se por imaginário um sistema de idéias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo. A ideia do imaginário como sistema remete à compreensão de que ele constitui um conjunto dotado de relativa coerência e articulação. A referência de que se trata de um sistema de representações coletivas tanto dá a idéia de que se trata da construção de um mundo paralelo de sinais que se constrói sobre a realidade, como aponta para o fato de que essa construção é social e histórica (PESAVENTO, 2005, p. 43).

Os sentidos da festa se diferenciam de um partícipe para outro, no transcorrer da história do acontecimento festivo, porque “o simbolismo tem enorme centralidade, está em toda parte, manifestando-se de modo diferenciado no espaço e no tempo” (CORRÊA, 2012, p. 133). Como experiência própria da vivência dos rituais festivos, os sentidos da Festa do Morro no transcorrer de mais de 25 anos parecem também se ressignificarem com o tempo; atualmente, expressa o sentido de fé, reflexão, agradecimento, apreciação, união familiar, comunhão entre amigos, distração e estudos; outrora, expressava liberdade, busca da auto identidade, conquista e farra.

⁵² Pirenopolino que também estuda temáticas ligadas à festas populares. João Guilherme Curado é doutor em Geografia (2011) pelo Instituto de Estudos Sócio Ambientais da Universidade Federal de Goiás (IESA/UFG).

Esta percepção ficou evidente por meio das entrevistas com os partícipes da Festa do Morro, pois vários são os significados que a vivência dos fatos e o espaço vivido lhes atribuem, além das ritualidades festivas, a paisagem tem forte atributo na definição dos sentidos da festa. O Cerrado como cenário do acontecimento festivo tem também grande importância, uma vez que os romeiros estabelecem uma conexão direta com este ambiente e carregam valores arraigados das gerações anteriores. Sobre o Cerrado, afirmam os pesquisadores da Universidade Federal de Goiás, Sélvia Carneiro de Lima e Eguimar Chaveiro: “Sendo o palco de peculiar sociodiversidade apresenta um modo particular de vida com múltiplas manifestações culturais, fruto de identidades construídas ao longo do tempo relação semiótica com o ecossistema em questão” (LIMA; CHAVEIRO, 2010, p. 68).

Ao questionar sobre o significado da festa a cada partícipe entrevistado, obtivemos o seguinte resultado:

Ilustração 94 - Levantamento de dados das entrevistas com os partícipes da Festa do Morro

ENTREVISTADOS		NÚMEROS: 30 Partícipes ⁵³
DECLARANTES	Da religião Católica	19 partícipes
	Sem religião	11 partícipes
OPÇÕES DE RESPOSTAS SOBRE OS SENTIDOS DA FESTA AOS PARTICIPANTES	Tradição familiar	20 partícipes assinalaram esta opção
	Sentido Religioso	21 partícipes assinalaram esta opção
	Lazer	16 partícipes assinalaram esta opção
	Veneração da natureza	19 partícipes assinalaram esta opção
	Outros	20 partícipes assinalaram esta opção

Fonte: Dados coletados por meio de entrevistas e organizados pela autora (2019).

É interessante observarmos que, por mais que a Festa do Morro em Louvor a Santíssima Trindade, se apresente aos seus partícipes como uma festa diferente, junto à natureza, sem comércio atualmente, rústica, difícil, seletiva, permissiva, sem populismo;

⁵³ Ser partícipe da Festa do Morro foi o critério utilizado para a participação da pesquisa. Desta forma, foram entrevistados 30 partícipes, incluído romeiros de épocas diferentes e visitantes do período da festa entre 18 a 93 anos. Cada partícipe teve a liberdade para assinalar quantas opções correspondesse ao sentido da festa para si.

enfim, de características distintas perante outras festas católicas da região, a opção de sentido religioso, embora com uma diferença muito pequena, ainda foi a mais assinalada entre as demais. Para a maioria dos romeiros, tal sentido, justifica a criação, a manutenção e a continuidade da festa.

Podemos observar também que dentre as definições para a opção de outros sentidos, foram mencionados uma variedade de substantivos que relaciona o sentimento de viver a festa, tais como: liberdade, curtição, afeto, troca, paz, calma, realização, beleza, satisfação, aproximação, simplicidade, encontro, confraternização, encantamento, desobrigação, tranquilidade, fé, preservação, atração, gratidão e refugio. Cada participante vive a festa do seu jeito e interioriza o(s) sentimento(s) da importância que esta vivência lhe atribui, não sabendo o outro, mensurar ou qualificar o sentimento de cada um.

Por meio da aplicação do questionário e ainda dos diálogos oportunos referentes ao problema levantado, percebemos que, por mais que o sentido religioso seja ponto de destaque ao ser analisado individualmente, a maioria dos romeiros não participa da festa, tendo como prioridade as ritualidades da Igreja, a maioria participa da festa priorizando o contato com a natureza daquele local. Tal conclusão pode ser proferida, mediante a soma das demais opções assinaladas, pois, por mais que as respostas sobre o sentido da festa sejam de várias formas expressadas, o ato de acampar aos pés do Morro dos Pireneus, se relaciona mais ao desejo de estar próximo à natureza do que das ritualidades religiosas da festa.

Os acontecimentos nos levam a compreender que “[...] o espaço de realização da festa quanto o próprio festejo estão em permanente movimento de significações” (LÔBO, 2011, p. 29). Durante um diálogo com a pesquisadora, Tereza Caroline Lôbo, esta nos revela “desde pequena, sempre fui à Festa do Morro, mas se eu falar que vou pela parte religiosa, estou mentido, o Morro é uma festa de encontros. A manifestação de fé que a gente percebe numa festa como a de Nossa Senhora Santana na Capela do Rio do Peixe, a gente não vê na Festa do Morro”. Mas sendo a festa um evento de manifestação do sagrado e apreciação da natureza, “Para o homem religioso, a natureza, não é exclusivamente natural, está sempre carregada de um valor sagrado” (ROSENDHAL, 1996, p. 64).

Atentamos na análise de outras respostas do questionário, embora sendo uma festa do catolicismo popular, 19 pessoas declararam da religião católica, o que corresponde a 63% dos entrevistados e 11 pessoas consideram sem religião, ou seja, 37% dos entrevistados.

Mesmo sendo uma festa com rotatividade de pessoas no mês de sua ocorrência, 25 entrevistados afirmaram ser romeiro da Festa do Morro, ou seja, mais de 80%, mesmo que não acampe nos arredores da Serra, tem o hábito de frequentar a romaria; uns frequentam às

vezes somente um ritual, como por exemplo, a procissão de quinta-feira ou a missa do domingo, mas consideram-se romeiros. Dos 25 que consideram romeiros, 16 afirmaram ter ligação com festa desde a infância, ou seja, mais 53% do total de entrevistados acompanham a história da festa a partir da ligação familiar. Outra análise importante foi verificar que ainda dos 25 romeiros, 12 apresentam ligação com o criador da romaria, com a família Oliveira e 13 pessoas são de famílias distintas de Pirenópolis, uma proporção de 48% por 52%. Numa análise geral deste aspecto, observa-se que, uma festa que teve início a partir de uma genealogia, ao longo de sua história outras linhagens incorporaram o seu gosto.

Outra resposta analisada de certa forma hesitante foi constatar que apenas 40% dos romeiros têm na família, pessoas menores de 20 anos participantes da festa contra 60% participantes, maiores desta idade, ou seja, dos 25 romeiros, 10 corresponde aos 40% e 15 corresponde aos 60%. A Festa do Morro em Louvor a Santíssima Trindade, como uma manifestação de tradição iniciada há quase um século, tem sua continuidade pelo empenho e persistência dos devotos e romeiros tradicionais, pois os jovens que participam, poucos se envolvem na organização dos processos ritualísticos.

A resposta ainda levanta dúvidas quanto à continuidade da festa e aos novos rumos que esta poderá tomar, o que propõe até perspectivas para pesquisas futuras, pois pelas características particulares, a Festa do Morro é concebida por muitos como uma festa fragilizada. O pouco envolvimento dos jovens, ou a forma diferente destes em conceber e viver a festa impõe preocupação quanto à continuidade da tradição, mesmo assim, a manifestação prossegue anualmente, superando as limitações, uma vez que “[...] cremos que um dos desafios atuais para a sociedade pirenopolina consiste em resgatar e preservar a ideia original desta tradicional festa” (SIQUEIRA, 2004, p. 42).

Quando muitos afirmam que a Festa do Morro é uma festa mais reservada e não é uma festa de povão, os questionamentos sobre grau de escolaridade e nível social deduz a afirmativa. Dos 30 entrevistados, 18 ou seja, 60% obtiveram o Ensino Médio; 8 ou 28%, obtiveram o Ensino Superior; 1 ou 3% obteve Especialização; 1 ou 3% obteve o Mestrado; 1 ou 3% obteve a Educação Básica (antigo primário) e 1 ou 3% declarou sem escolaridade. Quanto ao nível social, analisado pelas definições de alta, média alta, média baixa e baixa, tendo como referência, as profissões que variam em advogado, professor (aposentado e ativo), guia turístico, empresário, gastrônomo, cabelereiro, electricista, estudante, motorista, corretor, funcionário público (aposentado e ativo) e aposentado do INSS. Obtivemos os seguintes demonstrativos: 19 entrevistados ou 63% são classificados como média baixa; 10 entrevistados ou 33% são classificados como média alta e apenas 1 entrevistado ou 4% é

classificado como vulnerável. Para chegar à definição, propomos comparar média salarial atribuída para tais profissões no município, o que varia na estimativa aproximada de 1 a 15 salários mínimos.

A questão que aborda sobre o meio de transporte para a ida até a festa, também justifica o fato deste evento ser definido como mais reservado. Os 20 km a ser percorrido, não conta com transporte público ou privativo, podendo ocorrer nos momentos de ritualidades como procissão e missas, mas com combinado antecipado, assim, ainda dos 30 entrevistados, 3 pessoas começaram a ir na festa a cavalo, depois em carro de familiares ou caminhão alugado e depois de carro próprio; 3 pessoas vão a festa de carona com amigos, destas, 1 pessoa começou a ir à pé com a família; 4 pessoas que já frequentaram a festa, iam de caminhão ou camionete destas, o Senhor Dito Jaci já falecido, começou indo também à pé com a mãe e parou de frequentar a festa, indo de carro com os filhos; 23 pessoas frequentam a festa indo de carro próprio.

Sobre o item referente à função na Festa do Morro, 19 partícipes declararam atuar como mordomos todos os anos, contribuindo com alimentos para os momentos dos terços ou como a ajuda na barraca do festeiro (a) e ainda com prestação de serviços para o que for necessário. Além de mordomos, 3 partícipes, já desempenhou a função de festeiro(a). Sobre esta função, a romeira Helena Cristina de Pina, que foi festeira em 2017, registra: “a gente assume esta função mais pela fé. Mas tem que ter muito comprometimento”. Outros 7 partícipes declaram nunca ter tido função na festividade, com exceção de Dona Maria Olívia de Oliveira Siqueira, filha do Senhor Sebastião Basílio de Oliveira (irmão de Christóvam) e de Dona Guaraciaba, romeiros que montavam pensão no início da festa.

Atualmente com 93 anos, Dona Maria participou da festa em sua mocidade e com muita lucidez, insiste em depor os detalhes de acontecimentos presenciados:

Na Festa do Morro, à noite a gente juntava na casa da Mata para fazer nossas brincadeiras, a moçada cantava e dançava. Teve uma festa, que eu tive a ideia de fazer uma peça de teatro, juntou os jovens, montamos o cenário e cobramos a entrada, lembro que deu um bom dinheiro, no final a gente fez doação para a Igreja, como investimento para ajudar na Capela da Santíssima Trindade. Neste ano a gente teve também um milagre no Morro, pois no momento que eu estava passando roupas com o ferro de brasa, o rancho que a gente ficava pegou fogo, não foi minha culpa, porque foi muito rápido, e mamãe saiu tirando todo mundo que estava no rancho, tinha até gente dormindo. Ela temia uma grande explosão, porque o tio Christóvam tinha guardado os fogos da missa dentro do rancho e era muitos fogos. Ficamos todos bem longe do fogo, rezando por causa da explosão, de repente chegou o tio Christóvam para ajudar, dizendo que ainda bem que ele tinha tirado os fogos de lá antes. Ele tirou e não falou para ninguém, todos ficaram aliviados. Para nós foi um

milagre. A Festa da Santíssima Trindade era tão importante para mim, que eu fiz até uma poesia⁵⁴ (SIQUEIRA, 2020).

O depoimento de Dona Maria, repercute os diversos significados que a festa apresenta para seus partícipes no decorrer de suas 9 décadas de realização. Por meio de seu depoimento, os substantivos anteriormente descritos que denotam os sentidos da festa para quem a vivencia, apresenta maior clareza. O depoimento possibilita a compreensão do valor atribuído aos fatos experimentados na festa e no espaço, visto que estes são eternizados nas lembranças, às vezes não mais vivido, mas, não mais esquecido. Dona Maria declarou ainda que o fogo no rancho a deixou traumatizada, assim, ela parou de frequentar a festa ainda na mocidade, mas o que ela viveu lá, ela nunca esquece.

Levando em conta a característica simbólica da devoção religiosa e da apreciação pela natureza, as múltiplas representações da Festa do Morro, foram aqui destacadas. Com o resultado dos questionários aplicados nesta pesquisa, compreendemos que a importância da festa está relacionada à vivência dos fatos festivos junto à paisagem natural que define o local e a festa e os tornam marcados na memória do partícipe.

Cada participante, manifesta os sentidos da festa por meio das experiências e sensações e pelos diferentes significados que os rituais festivos, sagrados ou profanos se elaboram no imaginário de cada um. Várias definições foram atribuídas como sentido da festa e, embora, a devoção religiosa com pouca diferença, seja apresentada com mais relevância, os adjetivos que enaltecem a apreciação da natureza também se destacam expressivamente. O que nos remetem o entendimento de que a festa não se apresenta com um único sentido, direcionado só para a devoção religiosa, ou só para a apreciação da natureza. Entendemos então, que viver as ritualidades da Festa do Morro, possibilita a manifestação de múltiplos sentidos, representados e expressados por também múltiplas formas.

3.2 CANTO DE ENCANTOS: A SIMBOLOGIA DOS PIRENEUS EXPRESSA NA MÚSICA

Desde o período colonial o município de Pirenópolis possui uma diversidade cultural bastante significativa para Goiás e para o Brasil. A cidade atrai turistas que vêm do mundo inteiro para descansar e apreciar os casarios coloniais, as ruas, os quintais, a gastronomia, a religiosidade, o extenso calendário festivo, dentre outros atrativos; incluindo os ligados à

⁵⁴ A poesia composta por dona Maria compõe um acervo de documentos que está sendo preservado e organizado por sua neta. A intenção é fazer uma homenagem à avó, por isso não dispôs do material.

natureza, como por exemplo, as muitas e belas cachoeiras. Em meio aos aspectos culturais, a música tem papel relevante, pois o município conta com rico acervo de composições, que representam a comunidade por meio das vivências e das experiências que possibilitam transmissões de afinidade e afetividade ao longo do transcorrer das gerações. O que podemos confirmar nas palavras de Lôbo (2017) em sua pesquisa sobre música de folia, na qual a pesquisadora relaciona a paisagem sonora como elemento que contribui para a compreensão do homem em seu meio. Para a autora: “[...] as paisagens que caracterizam o Cerrado servem de cenário para o desenvolvimento das atividades humanas, que estão profundamente entrelaçadas com o ambiente e vão além de suas formas naturais” (2017, p. 21). Sobre cultura, o domínio da natureza e a paisagem, o geógrafo Paul Claval afirma:

A cultura não fala somente do espaço; ela fala também da natureza. Ela o toma simultaneamente como um meio de dominar para extrair aquilo que é necessário à existência e como um conjunto carregado de sentidos. [...] A paisagem retém a atenção, uma vez que é o suporte das representações. Ela é simultaneamente matriz e marca a cultura (CLAVAL, 2012, p. 101-102).

Ressaltando a paisagem como marca da cultura e como suporte das representações, como o exposto por Claval, passamos à análise das canções que remetem aos Pireneus: “Sino dos Pireneus”, “Ave Maria dos Pireneus” e “Centro do meu País”, cujas letras e músicas foram criadas, compostas e cantadas por autores com raízes pirenopolinas de três diferentes gerações. As referidas letras relacionam entre si por associarem as múltiplas representações e as simbologias da Festa da Santíssima Trindade, assim como o espaço onde ela acontece, com o culto manifestado nos rituais ligados aos festejos, e ainda, por meio das relações com a natureza, que pela sua exuberância é contemplada em qualquer época do ano.

Na abordagem seguinte, além da exposição das letras das três canções, propomos também uma análise da pintura denominada: “Festa do Morro dos Pireneus”, como outra forma de expressão do que representa a festa no espaço de acontecimento. Tanto as canções, quanto a pintura, ressaltam temática dos Pireneus como fonte de inspiração, com o intuito de refletir sobre a sua importância simbólica, um “canto” que por meio dos seus “encantos” inspiram artistas ao longo do tempo.

As letras das músicas serão apresentadas como textos recuados, seguidos por uma breve contextualização dos autores.

Canto 1

SINO DOS PIRENEUS
(Letra de Aquino Corrêa)

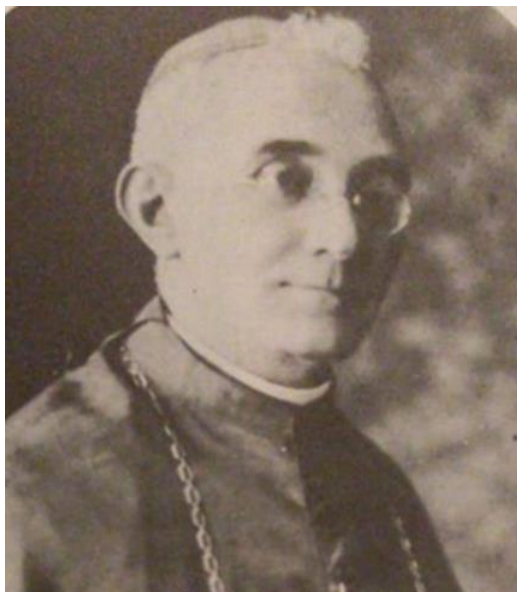
Quando nos Pireneus a tarde morre
 e o sol se esconde por detrás da serra
 Na capelinha lá no alto do monte em voz dorida
 com dor sentida, soluça o sino, Ave Maria.

Quanta amargura eu sinto n'alma
 ao ouvir-te, ó sino, com tal voz assim chorar
 E até me faz pensar que também sofres
 como eu tanta saudade de um amor que já morreu.

A música acima é entoada ao findar cada dia de novena e ainda, durante as celebrações da Festa da Santíssima Trindade.

A composição da canção “Sino dos Pireneus”, partiu da criatividade de Francisco Aquino Corrêa (1885-1956), escritor importante com destaque no repertório acadêmico, membro da Igreja Católica, deixou muitos feitos no então Estado de Mato Grosso⁵⁵. Corrêa não nasceu em Pirenópolis, mas tinha fortes ligações com as terras goianas, já que sua ascendência remete a famílias oriundas de Pirenópolis e de Corumbá de Goiás, cidades que possuem a Serra dos Pireneus por limites e por convergências (JAYME, 1973).

Ilustração 95 - Dom Aquino Corrêa



Fonte: JAYME, 1973, p. 457. Reprodução: SILVA, 2018.

A inspiração de Dom Aquino Corrêa remete a outra composição de 1934, também de sua autoria, “Hino dos Pireneus”, que foi apresentada na oitava Festa da Santíssima Trindade realizada nos Pireneus. “Sino dos Pireneus” é provavelmente do mesmo período, quando o festeiro permanecia sendo Christóvam José de Oliveira que mantinha amizade com o escritor.

⁵⁵ Em seu Estado, MT, Francisco Aquino Corrêa foi professor, arcebispo e membro da Academia de Letra.

Em oito versos distribuídos em duas estrofes, Dom Aquino Corrêa, aborda o fim da tarde, quase que em relação com a morte. Descreve as percepções sobre a natureza, referindo-se à “serrania” e “alto do monte” e ainda com a narrativa de que com o pôr do sol era chegada a hora da “Ave-Maria”, ou seja, a hora do Ângelus, que corresponde, para os católicos, ao instante da Anunciação que deve ser momento de alegria. Espacialmente, situa a “capelinha” no alto, apontando para a proximidade com o sagrado.

O sino é um objeto sonoro que se faz presente na composição de Francisco Aquino Corrêa, como um propagador de sons que reverberam sentimentos de lembranças. Assim, o canto remete a encantos ao descrever sons de uma música produzida pelo toque do sino presente na capela da Santíssima Trindade dos Pireneus.

Canto 2

AVE MARIA DOS PIRENEUS (Letra e música de Teresinha Jaime Fonseca)

Quando amanhece ou anoitece
Tange o sino na capelinha
Pertinho do céu
E a passarada em alvorada
Fala com Deus nos Pireneus
Lua altaneira cobre de prata
Relva, orvalho, musgos e flores
E a natureza fala com Deus
Fala com Deus nos Pireneus

Pinho que chora no toque da viola
Fala com Deus nos Pireneus
Moça faceira que junto à fogueira
Fala com Deus nos Pireneus

Lua altaneira cobre de prata
Relva, orvalho, musgos e flores
E a natureza fala com Deus
Fala com Deus nos Pireneus

A canção “Ave Maria dos Pireneus”, foi composta pela pirenopolina Teresinha Jaime Fonseca ou simplesmente, dona Teresinha, como era popularmente conhecida em Pirenópolis e teve sua ascendência ligada às famílias Jaime e Silva. Nasceu a 03 de outubro de 1941 e faleceu em 10 de agosto de 2015 (JAIME, 2016). Personalidade marcante deixou um legado a partir dos ensinamentos enquanto professora de matemática e registrou sua história também no campo artístico sendo que dentre suas vocações, tocava, cantava e compunha músicas e poesias.

Podemos verificar na letra de canção em destaque a proximidade de dona Teresinha com o objeto cantado, uma vez que tem por cenário a Serra dos Pireneus, confirmando a

riqueza da biodiversidade local por meio de referências à fauna (passarada) e flora (relva e flores). Demonstra também os acontecimentos socioreligiosos que ali ocorrem ao destacar no refrão: “Fala com Deus nos Pireneus”. A espacialidade do sagrado e do profano pode ser ampliada, de acordo com a letra para um espaço também contemplativo, que transcende o meramente voltado para o religioso, envolvendo também a natureza.

É evidente a influência da letra do Canto 1 nesta canção de Terezinha, em que o início remete a primeira, ao mencionar “capelina” e “sino”, mas diferentemente, destaca o entardecer tristonho de Dom Aquino Corrêa para “amanhecer ou anoitecer”. A partir daí, parte para uma perspectiva mais introspectiva de relações entre a natureza com o ser humano. A letra contempla ainda a lua e não o sol como a primeira, o que possibilita uma ideia de complementaridade em que a devoção nos Pireneus não se limita a um só tempo, sendo dia ou noite, passado ou presente, um indivíduo ou outro, mas sim uma infinidade de possibilidades que a paisagem apresentada repercute, atingindo e aguçando os sentidos, proporcionando desta forma a manifestação do sentimento pelo espaço vivido. “O ambiente sonoro faz parte da imagem que guardamos dos lugares” (CLAVAL, 2012, p. 99).

Segundo depoimento de Eva Inácia Pina⁵⁶, a compositora só não visitava mais o local por falta de transporte que a levasse ao destino dos Pireneus, mas sempre que podia ia para lá, mesmo fora da data festiva, pois relatava que sentia uma energia positiva muito grande no local. Eva Inácia Pina expõe ainda que a mãe deixou outras composições, e que “Ave Maria dos Pireneus” foi composta por volta do ano de 1993.

Pelo apreço aos sentimentos espaciais de origens e em homenagem à pessoa de dona Teresinha, a cantora pirenopolina Nayzis Livia Gonçalves, com outras parcerias organizou em 2012, uma produção e gravação com a letra cedida pela própria autora, gravando logo depois um videoclipe no local de descrição da música. Naysis diz também ter muita afeição aos Pireneus. Em uma entrevista sobre os Pireneus, a cantora relata: “pra mim é um dos lugares mais lindos de Goiás, me traz uma paz e uma conexão muito forte com Deus aquele lugar... Eu sempre que posso vou lá visitar e durante muitos anos participei da festa”.

Canto 3

CENTRO DO MEU PAÍS
(Letra e música de Fabricio de Pina)

Eu moro aqui, bem no centro do meu País
Onde a gente simples e feliz
Onde a história se fez

⁵⁶ Filha de dona Teresinha.

Eu moro aqui, onde a arte sempre viveu
 E o amor ainda não morreu
 É um sentimento real

Eu moro aqui, onde subo aos Pireneus
 Pra ficar a sós com o meu Deus
 Onde posso cantar

Eu sou daqui, onde o verde é mais esperança
 Onde brinco feito criança
 Onde ando em paz

Esta é a canção que tão simples fiz
 Por te amar o Pirenópolis.

Com uma analogia ao termo “Axis Mundi” proposto por Eliade, percebemos que os Pireneus são cantados como uma possibilidade de se aproximar de Deus, sabendo que “a montanha figura entre as imagens que exprimem ligação entre o Céu e a Terra” (ELIADE, 2001, p. 39), indicando mais que a possibilidade de ser tema musical, mas também um lugar de contemplação e de encontro com o Criador. A afirmação de pertencimento é evidenciada pelo início das quatro primeiras estrofes com a expressão: “eu moro aqui”. A espacialidade da letra se faz presente desde o título, ao indicar a localização geográfica de Pirenópolis, cidade dos Pireneus. Serra que é divisora de bacias hidrográficas e que inspira poetas e cantores, como visto.

A terceira e última canção analisada, respeitando a sequência das composições, é “Centro do Meu País”, data do início do terceiro milênio, cuja autoria é do músico e também professor de música, Nilson Fabrício de Pina, nome desconhecido por muitos, como revela o próprio artista, que gosta de ser chamado simplesmente de Fabrício de Pina, como é conhecido em sua cidade natal e tornou-se ainda seu nome artístico.

Fabrício de Pina nasceu a 21 de abril de 1976, proveniente da família Pina por parte de pai e de mãe, como ele mesmo relata. Já passado dos 40 anos de idade, Fabrício segue com os dons musicais que herdou de seus familiares e que vem aprimorando desde que era criança. Além compor, tocar e cantar, o pirenopolino transmite seus predicados relacionados à música por meio de aulas de violão, de flauta e de canto no Centro Municipal de Artes Ita e Alaor, para as crianças da cidade que também demonstram gosto pela aprendizagem musical.

A canção acima descrita caracteriza não só o hábito de frequentar o Morro dos Pireneus enquanto espaço, mas define principalmente a sensação daqueles que procuram o local para estabelecer conexões com o Ser Supremo através da oração, da meditação,

contemplação ou simplesmente por meio do silêncio que proporciona uma audição mais aguçada dos sons da natureza.

O compositor exprime ainda o gosto e o orgulho por suas raízes, ao abordar os valores culturais do povo pirenopolino que são arraigados na maioria daqueles que nascem ou escolheram estar em Pirenópolis, “bem aqui no centro do meu país”. Faz-se necessário ressaltar que a música também alude o ato de cantar nos Pireneus: “Onde posso cantar”, situação semelhante é encontrada nos dois Cantos anteriores.

A música tem sido objeto de estudo do espaço, em especial pelas descrições que algumas letras apresentam em relação a espacialidades. Corrêa e Rosendahl (2009) apresentam o estudo da música como um importante contribuinte para se entender determinadas localidades, com destaque para os “significados simbólicos”, a “música e comunicação cultural” e “música e construção de identidades”, dentre outras possibilidades interpretativas.

Perante a análise das três canções anteriores, concluímos que Pirenópolis possui relevância nos quesitos destacados então pelos autores com a temática fazendo se presente não só no objeto aqui apresentado, mas em várias das manifestações culturais espalhadas pelo município. Desta forma, podemos mencionar a música enquanto possibilidade de investigação espacial, sendo eixo de trabalhos como o de Lôbo (2017) ao estudar Folias de Reis em Pirenópolis. A pesquisadora possibilita uma expressão simbólica de como a música é capaz de repercutir no imaginário, estabelecendo como representação no meio social, assim como percebido na interação espacial da Festa do Morro.

As imagens provocadas pelas músicas são carregadas de significados que servem para comunicar incontáveis experiências que exprimem o lugar simbólico da música na vida social, assim como os simbolismos utilizados servem para a evocação da paz, da proteção, da harmonia, em busca ora de agradecimento, ora para pedir auxílio para o transcendente (LÔBO, 2017, p. 34-35).

Outra contribuição vem de Ribeiro (2018), que ao estudar os mutirões camponeses pirenopolinos, destaca que o ato de “cantar reforça o sentido simbólico da ação” (p. 104). Nesta concepção, no Morro, viver o ambiente da festa com a música, consiste numa ação de sentido simbólico. “Da mesma forma que é um meio para comunicar incontáveis experiências, a música é o resultado da experiência ambiental” (KONG, 2009, p. 133).

Na Festa do Morro, até o gosto musical parece definir os participantes no meio festivo. Entre os estilos musicais, prevalecem nos acampamentos, música popular brasileira, internacionais românticas dos anos 1980 e 1990, com bastante aceitação para o Rock. O estilo

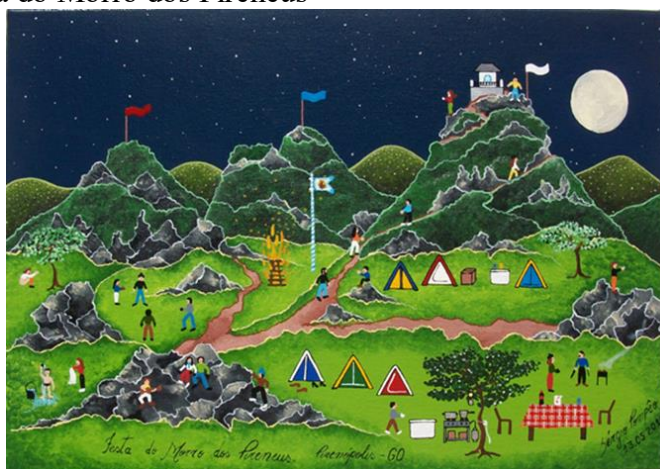
sertanejo tem poucos apreciadores na festa, mas alguns acampados escutam as músicas do momento. “O mundo apreendido é cantado e musicalizado. Os valores do grupo são repassados nas canções, assim como suas relações com o meio” (TORRES, 2009, p. 23). O pesquisador destaca a música também em sua pesquisa de mestrado na perspectiva da geografia. Desta forma, articulamos a partir de uma abordagem sobre a temática natureza e religiosidade, em uma possibilidade de análise que entrelaça a música e o espaço, buscamos valorizar o passado e o presente, por intermédio das três letras de músicas que remetem aos Pireneus em datas distintas, destacando não só os aspectos físicos, mas em especial o cultural e o religioso.

Na perspectiva de análise, contemplando três momentos distintos, tendo as letras e uma breve apresentação dos artistas, visamos contextualizar a percepção de cada instante, demonstramos a perpetuação da devoção e da religiosidade que ocorre na manifestação festiva da Serra dos Pireneus.

Embora cada canção tenha sido escrita por diferentes autores, em momentos e contextos também distintos, estas apresentam ideais semelhantes, que vem ao encontro com a proposta da analogia do objeto pesquisado. Notamos a relevância de cada letra descrita e analisada como associação à Romaria dos Pireneus, a interação social no espaço de festa e a representação do espaço vivido em evidência.

Outra expressão que representa a Festa do Morro e denota a sua simbologia representada pelas relações ocorridas no espaço festivo está na manifestação artística pela pintura:

Ilustração 96 - “Festa do Morro dos Pireneus”



Fonte: PINA FILHO, 2011.

As perspectivas da tela “Festa do Morro dos Pireneus”, na pintura de Arte Naif do artista pirenopolino Sérgio Pompêo de Pina Filho, indicam os espaços contidos na Festa do

Morro, como os locais de dormir, representados pelas barracas; os de alimentação, caracterizados pelo fogão, mesa e churrasqueira; local de descontração com os amigos, da apreciação da natureza e do grito: “festadomorrooo”⁵⁷, demonstrado com o grupo alocado sobre as pedras; assim como o de privacidade representado pelo banho improvisado.

Os espaços destinados aos cultos religiosos, também são expressivos. No alto do pico, a Capela da Santíssima Trindade, se destaca ao lado da lua cheia que imponente, se expõe reluzente. Aos pés do pico, o espaço da Capela de Nossa Senhora D’Abadia (que não aparece no quadro), é demarcado com a fogueira e com o mastro hasteado. As bandeiras que demarcam os três picos, são pontos ainda perceptíveis.

Ao reproduzir, artisticamente, uma manifestação da cultura de Pirenópolis, a projeção artística da tela possibilita ainda uma interpretativa a partir do conceitual proposto por Rosendahl (2009) quanto à organização espacial nos locais de romaria, onde o sagrado e profano definem com suas características apresentadas, mas se mantém em constante interação.

Enfim, entre as pesquisas apresentadas, percebemos que os Pireneus em forma de cantos, com seus encantos proporciona a continuidade das inspirações para a continuidade do acervo cultural de Pirenópolis. Acreditamos que o percurso traçado pela presente análise possa contribuir também com as investigações sobre a produção historiográfica do Cerrado, em que a música possa ser um instrumento que colabore com outras perspectivas de análise, com destaque para o espaço festivo em suas variadas representações.

3.3 MANIFESTAÇÕES FESTIVA NO CERRADO GOIANO: INVENTARIANDO OUTROS FATOS E CURIOSIDADES DE UMA FESTA QUE ENTRE DESAFIOS RESISTE NO TEMPO

Partimos agora para as considerações finais desta pesquisa, no qual temos como proposta abordar o conteúdo do Projeto *Festa do morro: inventário da Festa em Louvor a Santíssima Trindade*, que foi realizado em 2018 por meio do processo seletivo de projetos culturais pleiteados com recursos da Secretaria de Cultura, Esporte, Lazer e Juventude do Município de Pirenópolis em conjunto com o Fundo de Arte e Cultura de Goiás – FAC.

Após a realização e apresentação do projeto, a continuidade das pesquisas acerca da temática apresentada, possibilitou o acréscimo de outras informações relevantes. Partindo do

⁵⁷ É ecoado constantemente pelas pessoas que se alocam sobre as pedras, como forma de desabafo, comunicação, demonstração de alegria, veneração pela lua e até como provocação de outras pessoas.

princípio de que a Festa do Morro também se constitui como importante manifestação da Cultura Popular de Pirenópolis é que propomos sistematizar parte dos conhecimentos existentes, visando compreender a festa em diferentes momentos e por diversos pontos de vistas, sabendo que a organização das memórias festivas podem contribuir para melhor entendimento das manifestações da cultura pirenopolina.

Levando em conta que os fatos e as curiosidades foram levantados a partir das entrevistas com partícipes e das pesquisas documentais realizadas paralelamente, nestas, as datas nem sempre foram precisamente apresentadas, assim, preocupamos em abordar o conteúdo deste tópico intencionalmente como uma maneira de tornar difusos os conhecimentos adquiridos e aqui relacionados, sem preocupar com sua ordem cronológica, apenas com uma tentativa sequencial do que foi possível apresentar.

Ilustração 97- Segunda missa rezada nos Pireneus



Fonte: Acervo da família OLIVEIRA, 1928.

Pelas abordagens de Jayme e Jaime (2002), a segunda missa ocorrida no dia 5 de julho de 1928, foi rezada ao pé do cruzeiro, já com um público de maior destaque em relação a primeira.

Ilustração 98 - Conclusão da Primeira Capela



Fonte: Acervo da família OLIVEIRA, 1932.

Para construir a capela no cume do morro, como ajudante Christóvam contava com o suporte constante de um senhor chamado Francisco Epifânio, que era seu companheiro de trabalho. Para transportar as cargas até onde precisava, inclusive para o alto do Morro, o burro cujo nome era João de Barro, trabalhava também com exatidão. Além dos companheiros diários, amigos ou parentes também contribuía com as projeções que dessem firmeza aos propósitos de Chritóvam.

Ilustração 99 - Base construída para a obra do Monumento Nacional



Fonte: Acervo da família OLIVEIRA, 1934.

Conforme Jayme e Jaime (2002, p. 78), após a construção da primeira capela, segue a construção da base de concreto para a edificação do Monumento Nacional, que foi concluída e abençoada como a pedra fundamental pelo Arcebispo em 1934. O monumento idealizado “[...], nunca passou da base em concreto armado [...] sobre o qual se construiu posteriormente uma pequena ermida dedicada a Santíssima Trindade” (GODOY, p. 296, 2013).

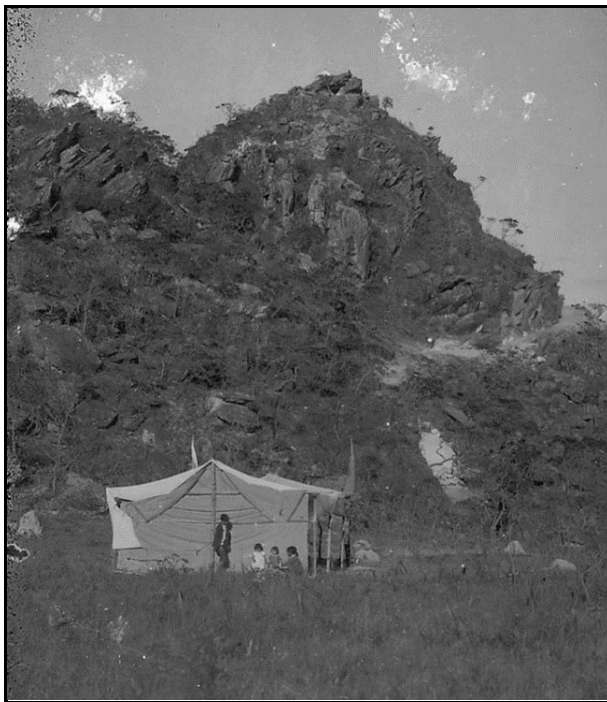
Ilustração 100 - Christóvam se empenha junto às obras das Capelas



Fonte: Acervo da família OLIVEIRA, s/d

Mesmo contando com os ajudantes em suas obras, Christóvam José de Oliveira fazia questão acompanhar e participar ativamente das construções.

Ilustração 101 - Acampamento em tolda



Fonte: Acervo da família OLIVEIRA, s/d

No início da romaria, para acampar, os romeiros construía ranchos de palha ou tendas de algodão cru, denominadas toldas. Os acampados se instalavam inicialmente na entrada do morro, próximo à casa que Christóvam construiu para receber as autoridades da Igreja.

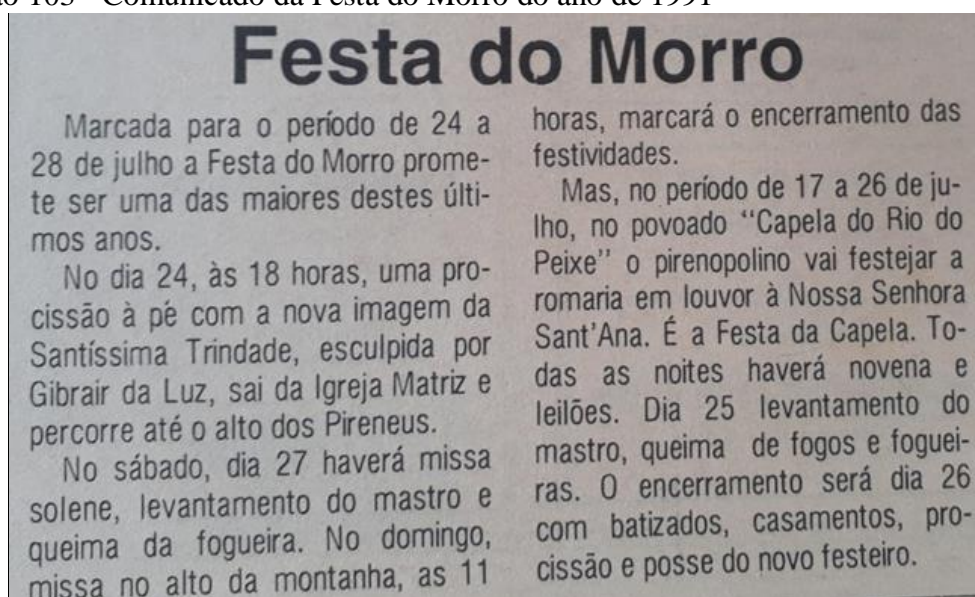
Ilustração 102 - Christóvam recebe visitas nas terras dos Pireneus



Fonte: Acervo da família OLIVEIRA, s/d

Como pessoa influente na comunidade pirenopolina, Christóvam mantinha contatos religiosos e também políticos. O espaço da romaria, além de reuniões familiares, religiosas e momentos de lazer, era utilizado ainda para articulações políticas. “Quando era período de política na cidade, meu avô fazia encontros no Morro para organizar os candidatos” (PINA, 2016). Na foto, provavelmente da década de 1950, o romeiro recebe nas terras dos Pireneus o senhor Leoni Mendonça e Tasso Mendonça, pessoas politicamente influentes na época.

Ilustração 103 - Comunicado da Festa do Morro do ano de 1991



Fonte: NOVA ERA, 1991. Reprodução: SILVA, 2019.

No início dos anos de 1990, outra imagem foi esculpida para a Ermida, a pedido de Benedito da Luz Sobrinho, a qual se estabeleceu ali por um tempo e depois foi retirada pelo próprio dono, como este depõe em entrevista:

Depois do incêndio que destruiu a capela e imagem esculpida por Natércia de Siqueira, Anfilofinho [seu Dito, referia ao professor Anfilófilo que esculpiu a segunda imagem], fez a outra, só que passou para Pompeo. Pompeo fazia a festa e levava a imagem para guardar no museu, então eu mandei fazer uma para ficar na Capela, aí começou a dar problema, eu tirei e levei para minha casa, hoje esta imagem é do Marcelo meu filho (LUZ SOBRINHO, 2019).

A reprodução acima retrata um comunicado do Jornal que circulou em Pirenópolis intitulado “Nova Era” do ano de 1991, a foto da publicação, foi tirada durante pesquisa no acervo do Museu das Cavalhadas. Na publicação, a imagem providenciada a pedido de Benedito da Luz, esculpida per seu cunhado Gibrair da Luz, sobe o morro em procissão, partindo da Igreja Matriz, diferente da tradição iniciada em 1984.

Ilustração 104 - Senhor Jakson Basílio de Oliveira e filhos



Fonte: Acervo da família OLIVEIRA, s/d

O Senhor Jakson Basílio de Oliveira (12/03/1911 - 24/05/1993), junto com seus filhos José Maria de Oliveira (popularmente conhecido como Zuca), Inácio da Luz Oliveira (conhecido como Inácio Zizita) e Geraldo Herculano de Oliveira foram romeiros assíduos da Festa do Morro em Louvor a Santíssima Trindade. Estes percussores da romaria, sempre contribuíram para a sua continuidade. Dos três filhos de Senhor Jakson, apenas seu Inácio (de camiseta branca) é vivo e ainda frequenta esporadicamente a festa.

Ilustração 105 - Teodorico Pereira: um conhecedor das plantas dos Pireneus



Fonte: Acervo da família LUZ SOBRINHO, s/d. Reprodução: SILVA, 2019.

Teodorico Pereira (1926-2006), popularmente conhecido como Seu Ico, foi um pirenopolino amante da natureza e da cultura da cidade. Possuía uma sabedoria empírica e encantava com suas histórias, das quais nem todas eram absolutamente verdadeiras, mas, com a sua capacidade de persuasão, suas narrativas tornavam-se verossímeis para aqueles que dispensavam a ele a atenção.

Dentre os saberes de Seu Ico, tinha destaque o conhecimento popular das plantas do Cerrado, incluindo espécies nativas da Serra dos Pireneus, algumas especificadas anteriormente. Entre as suas paixões declaradas, andar pelo Cerrado e nele colher frutos para comer e folhas para fazer chás designava uma imensa satisfação, o que podemos constatar no Curta-metragem de Ângelo Lima produzido em 2004, filme vencedor do prêmio de melhor produção goiana no VII FICA 2005. O documentário denominado *Icologia*, retrata os saberes de Seu Ico, seu contato e o rico conhecimento sobre as propriedades das plantas medicinais do Cerrado são enfatizados na produção.

Outras informações referentes à pessoa do Seu Ico estão nos relatos dos amigos que com ele conviveu, dos quais, muitos eram romeiros da Festa do Morro, pois o extrovertido contador de causos, também frequentava a romaria. Dentre os relatos de antigos conhecidos, destaca as peripécias do nobre Senhor, que fazia traquinagem e o povo acreditava: “No sábado da Festa do Morro, que todos levam um acepipe, seu Ico levava, chá de capim Braquiária⁵⁸ e falava que era Douradinha⁵⁹, o povo tomava. Ele era amigo de todo mundo”, declara Dona Irma, sobre o companheiro de festa. Por transmitir confiança às pessoas sobre seus conhecimentos das plantas do Cerrado e realmente ele conhecia, o que Seu Ico falava, tornava verdade.

Como aproveitamento dos conhecimentos deixados por Seu Ico e das descrições de Siqueira (2004) e Silva Junior (2005), abordaremos em anexo, algumas plantas do Cerrado com as respectivas propriedades medicinais.

⁵⁸ Capim que foi introduzido no Cerrado para alimentação bovina, dentre as espécies, a mais conhecida é a *Brachiaria brizantha*. Além de servir como alimentação animal, a Braquiária também apresenta outras utilidades, mas não para a ingestão humana. Informações disponíveis em: <https://www.embrapa.br>. Acesso em: 01/02/2020.

⁵⁹ Planta da espécie *Palicourea coriácea* encontrada no Cerrado próximo aos Pireneus (SIQUEIRA, 2004, p. 47). Segundo a medicina popular, o chá da douradinha possui propriedade diurética.

Ilustração 106 - Altar atual da Capela da Santíssima Trindade



Fonte: SILVA, 2018.

Atualmente, se encontra no altar destinado a Santíssima Trindade na Ermida dos Pireneus, uma pequena imagem adquirida pelos romeiros. Outra imagem do Deus Trino, também adquirida pela família de Oona em 2016 e doada para a Associação dos Romeiros dos Pireneus, acompanha o (a) festeiro (a) durante todas as festividades.

Para a realização da festa no ano de 2016, Oona Yasmina de Oliveira juntamente com seus familiares e apoiadores, preocuparam também com a organização do histórico da festa, o qual anteriormente, não tinha havia tido uma atenção tão especial.

Ilustração 107 - Histórico com a programação e a descrição da romaria

Festa dos Pireneus 2016
Em louvor a Santíssima Trindade

90ª Festa: Oona Yasmina de Oliveira Gomes
Pároco: Pe. Carlito Bernardes de Oliveira Júnior

Encontro com o Divino e à Natureza, com o Criador e as Criaturas

PROGRAMAÇÃO

Quinta-feira - 14/07/2016
1º dia do Tríduo
• 17h: Procissão, Saída da Igreja do Bonfim até os Pireneus
• 20h: Terço na Capela de Nª Srª D'Abadia (Capela aos pés do Pireneus)

Sexta-feira - 15/07/2016
2º dia do Tríduo
• 20h: Terço na Capela de Nª Srª D'Abadia (Capela aos pés do Pireneus)

Sábado - 16/07/2016
3º dia do Tríduo
• 17h: Missa na Capela da Santíssima Trindade Pe. Carlito Bernardes de Oliveira Júnior (Capela no alto dos Pireneus)
• 20h: Terço na Capela de Nª Srª D'Abadia (Capela aos pés do Pireneus)
Levantamento de mastro e acepipes

Domingo - 17/07/2016
• 10h: Missa na Capela de Nª Srª D'Abadia Pe. Carlito Bernardes de Oliveira Júnior (Capela aos pés do Pireneus)
• Anúncio do novo festeiro

"Pyreneus de Goyas, tu és pedra e sobre esta pedra ficará a imagem de quem te fez"

Frases recolhidas por Christóvam José de Oliveira, na trilha onde foi construída a Capelinha, nos alturas e paragens locais. Setembro de 2016

A Festa do Morro representa a manifestação de fé à Santíssima Trindade, a confraternização e a contemplação a natureza, realizada todo ano no plenilúnio de julho. Singela e peculiar é um verdadeiro Património Cultural e Religioso de Pirenópolis.

Idealizada pelo Comendador Christóvam José de Oliveira, religioso e admirador do lugar, iniciou-se em julho de 1927, com a Primeira Missa celebrada em um altar improvisado no alto do Pico. Durante 41 anos o Comendador Christóvam foi o "fábriheiro" da festa, nome utilizado antigamente para denominar o festeiro, sempre escrevia um texto poético, místico e religioso por ocasião da festa. Faleceu em 1969 deixando a continuidade da festa para seus familiares.

A romaria tornou-se tradição, de geração em geração, famílias pirenopolinas acampam na região para festejar e louvar a Santíssima Trindade. Há missas, tríduo, procissão, levantamento de mastro, fogueira e acepipes.

Local sagrado e de rara beleza, sob a luz da lua ou sob o pôr do sol, pode-se entender e refletir sobre a devoção e a persistência dos romeiros em dar continuidade a essa bela festa.

Fonte: OLIVEIRA, 2016. Reprodução: SILVA, 2020.

2 - Período de 1987 a 2019 - o espaço festivo passa ser domínio do Parque, com concessão à Festa, sob a jurisdição da Igreja, até 2014 da Paróquia Nossa Senhora Rosário e em seguida, da Santa Bárbara. Os romeiros tradicionais da época de Chirstóvam mantêm a tradição. Há interferência da Igreja com alterações no espaço, visando modificar também a Festa. Os conflitos territoriais são eminentes. A função de festeiro oscila e Pompêu segue na liderança até 1997, a partir de 1998, há firmeza na sequência novamente e os festejos dão continuidade, com pouca participação da parte religiosa. Em meio à preocupação pelo enfraquecimento da tradição, junto às imposições da Secretaria do Meio Ambiente, em 2009 a criação dos terços mensais como ato de fé, surge num instante ideal como direcionamento para ao acontecimento da Festa. Em 2010, acontece um grande incêndio durante a Festa, cujo culpado não foi encontrado, mas as restrições ficaram mais severas para os romeiros. Em 2015, em meio aos conflitos gerados ainda pelo incêndio de 2010, um grupo se organiza e cria a Associação dos Romeiros dos Pireneus – ARPI, com o intuito de preservar e fortalecer a tradição.

Neste sentido, a ressignificação ritualística da Festa do Morro, que além do terço, tem sido religiosamente complementada com outros elementos de criação dos próprios romeiros, de certa forma, norteia a continuidade do evento festivo, que segue constituído pela manifestação da fé e da apreciação da natureza, com a Igreja participando na realização das missas.

Ilustração 109 - Reparo da Capela de Nossa Senhora D'Abadia



Fonte: SILVA, 2018.

A família de Oona, que já tinha o hábito realizar os reparos nas capelas desde 2009, após a realização da festa de 2016, prossegue nos cuidados para a realização da romaria.

Assim, as capelas e os altares recebem os reparos necessários realizados pela equipe, à espera dos festejos em honra a Santíssima Trindade e também em honra a Maria, Nossa Senhora D'Abadia.

Ilustração 110 - Geraldo Herculano, sineiro no momento dos terços



Fonte: SILVA, 2017.

Como tradição, o ritual da prece durante os terços ou as missas na Festa do Morro, sempre teve início com o badalar dos antigos sinos que ainda guardam a história das primeiras romarias. Geraldo Herculano de Oliveira (25/09/1951-16/11/2019) foi romeiro de tradição, sineiro na festividade e incentivou a criação dos terços mensais. “É hora do terço, vamos rezar”, assim dizia Herculano.

Para a festa de 2020, que já teve início em novembro, mês de falecimento de Herculano, os sinos, que sempre acompanharam as atividades festivas, não foram liberados pelo(s) responsável(is) devido aos conflitos da festa de 2019. Como uma ironia, os antigos sinos parecem ter silenciado junto à morte de Herculano. Sabemos que o sineiro não mais exercerá sua atividade, mas o som dos quase centenários sinos, os romeiros assíduos da festa esperam incessantemente, no questionamento: quando voltarão o seu badalar?

Ilustração 111 - Senhor Sabino Barbosa



Fonte: SILVA, 2018.

A reza dos terços na novena é quase sempre dirigida pelo Senhor Sabino Barbosa. Romeiro de tradição e ministro da Eucaristia, o Senhor Sabino induz sempre a reflexão por meio da palavra do Evangelho e, quando precisa faltar, o terço acontece, mas não com o mesmo entusiasmo apresentado pelo orador.

Ilustração 112 - Eclipse parcial da lua - julho de 2019



Fonte: COSTA, 2019.

Os fenômenos naturais em dia de lua cheia são bastante apreciados no Morro dos Pireneus. No ano de 2018, durante a festa, aconteceu o eclipse total da lua, o fenômeno conhecido como lua de sangue foi visualizado no Brasil. Não foi registrada a quantidade exata de veículos que adentraram o espaço, mas houve engarrafamento no trânsito nas proximidades do Morro.

No dia dezesseis de julho de 2019, dois dias após o desmanche dos acampamentos da festa do corrente ano, aconteceu o eclipse parcial da lua. O fenômeno atraiu centenas de pessoas de vários lugares do Brasil⁶⁰ para o Morro dos Pireneus. O sopé do morro ficou lotado de veículos e o pico, lotado de gente. Numa observação rápida, foram contados 80 veículos no dia do fenômeno, uma diferença de quase trinta veículos em relação à observação realizada na festa, onde foram contados 56 veículos no ápice do acontecimento.

⁶⁰ Chegamos a esta conclusão, por meio da observação das placas dos veículos estacionados no local. Devido o momento de férias, com a cidade lotada de turistas, além de veículos com placas de Brasília, registramos também os estados: Maranhão, Minas Gerais, Goiás, Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo e Tocantins. Porém as cidades mais representadas foram as mesmas observadas no instante da festa: Pirenópolis e Brasília.

Ilustração 113 - Restituindo as forças na procissão



Fonte: SILVA, 2017.

No percurso da procissão, os fiéis recebem de colegas voluntários o suporte com máscara para a proteção da poeira, água e frutas. Como parceira da romaria, a Secretaria Municipal de Educação, oferece também um lanche reforçado.

Ilustração 114 - A fogueira



Fonte: COSTA, 2019.

No sábado, era hábito também desde os tempos de Christóvam, além de queima de fogos, preparar e acender fogueira. Para tais ritualidades, sempre foi dispensado um cuidado especial pelo risco de queimadas, mas após a criação do Parque, a utilização do fogo ficou restrita, mesmo assim, a fogueira ainda é construída, mas de forma simbólica, sem adição do fogo.

Ilustração 115 - Acampamento da Malvinas



Fonte: SILVA, 2017.

Dizem os romeiros mais velhos que existia um grupo famoso em fazer algazarras e provocar descargas de revólveres na Festa do Morro. Em julho de 1982, o grupo descarregou tanto tiro, que o local do acampamento ficou nomeado por Malvinas, por coincidir com o acontecimento do conflito armado entre a Argentina e o Reino Unido ocorrido nas Ilhas Malvinas naquele mesmo ano (TODAMATERIA, 2018). Atualmente, tal situação não acontece mais. “Os malvinenses de hoje presa pela paz”, é o que afirma Arnaldo Fonseca, romeiro que acampa no local há mais de 25 anos. Por ironia, o terço mensal, já realizado há mais de 10 anos, foi instituído por romeiros que acampam na Malvinas e fazem questão da continuidade deste ritual.

Ilustração 116 - Hotel de Cocalzinho que recebe romeiros



Fonte: SILVA, 2019.

Muitos romeiros, ao invés de organizar o banheiro no acampamento para tomar banho, preferem ir até a cidade de Cocalzinho, aproximadamente 12 km do local da festa. Já é uma tradição a frequência de acampados na festa, procurar o Hotel São Jorge do proprietário

Lindomar Alves Romeiro, conhecido como Melodia. Melodia, que tem 50 anos e nasceu em Cocalzinho, diz: “tem mais de 20 anos que recebo os romeiros da Festa do Morro aqui no hotel, que vem para lanchar e tomar banho, quase sempre são as mesmas pessoas ou famílias, mas a cada ano aparece alguém diferente”.

Melodia afirma ainda que, durante a Festa do Morro o faturamento do seu estabelecimento é ampliado devido a locação de quartos e o aumento de vendas na lanchonete para os romeiros, este completa: “na verdade, durante a festa, o movimento da cidade inteira aumenta e vários comércios lucram mais”. A afirmativa de Melodia condiz com o hábito dos acampados também em procurar a cidade para compra de bebidas, gelo, alimentos e combustíveis.

Ilustração 117 - A Banda Phoenix⁶¹ na Festa do Morro – No início década de 1980



Fonte: Acervo da Família OLIVEIRA, s/d.

Ilustração 118 - Banda Phoenix na Festa do Morro – No ano de 2018



Fonte: SILVA, 2018.

De ano para ano, seguindo a criatividade do (a) festeiro (a), sempre há a incorporação de elementos da Festa em honra ao Divino Espírito Santo para a honra a Santíssima Trindade,

⁶¹ Fundada e dirigida pelo maestro Joaquim Propício de Pina, que dirigiu a renomada corporação musical de 1893 a 1943, ano do seu falecimento (JAYME, 1971, p. 253).

além da fartura de alimentos o ato de servir doces e até verônica⁶², a presença da Banda de Música Phoenix, que sempre alegra os pirenopolinos, foi registrada também em períodos diferentes.

Ilustração 119 - Bandeira e Brasão de Pirenópolis



Fonte: PREFEITURA DE PIRENÓPOLIS, 2017.

Ao analisar a Bandeira e o Brasão da Pirenópolis, conforme informações no site da Prefeitura, podemos fazer algumas observações interessantes sobre os símbolos e seus significados, e em alguns aspectos, podemos também fazer relação com esta pesquisa.

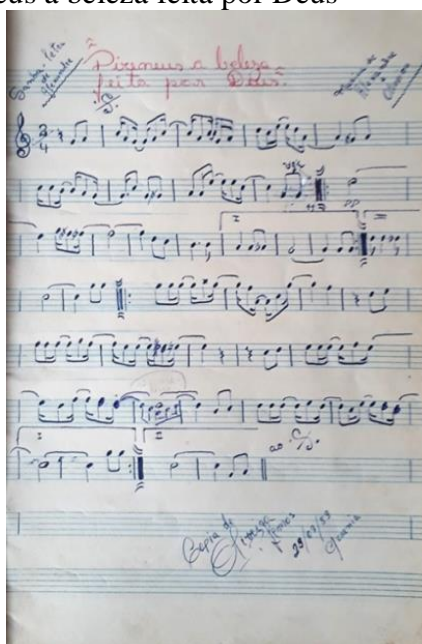
Elaborado em 3 planos, no primeiro, observamos: a Apohliana (Flor símbolo de Pirenópolis), os cavaleiros das Cavalhadas, o mascarado, a zabumba, o aluvião (em referência ao ouro), e uma faixa escrito Pirenópolis 7 de outubro de 1727. No segundo plano, podemos observar a imagem do Divino Espírito Santo, da Coroa do Imperador da Festa do Divino, do cruzeiro, da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, dos Pireneus, do mascarado, e da Ponte sobre o Rio das Almas. Em terceiro plano, observamos ainda, o Amarelo representando a benção do Divino Espírito Santo com os sete dons em formas de linhas, junto à haste do cruzeiro.

Em analogia ao nosso estudo, com a análise da figura do Brasão, podemos relacionar a importância da vegetação do Cerrado, na qual se insere a Apohliana (*Allamanda angustifolia*), que por sinal, é bastante encontrada na região dos Pireneus. Podemos propor ainda a relação, quanto à importância do nome da cidade, tendo a sua origem remetendo aos Pireneus, não poderia deixar de apresentar a figura dos três picos. Outra simbologia que pode ser observada

⁶² Alfenim produzido de açúcar, com formato de medalha, nos festejos de Pirenópolis representam símbolos locais como a pomba do Divino, a coroa, as iniciais do imperador e motivos que remetem a cidade ou à própria festa (CURADO *et al.*, 2017).

está nas cores da bandeira: o vermelho e o azul, que remetem as cores das Cavalhadas⁶³, o azul representa os Cristãos e o vermelho os Mouros, contornando uma faixa branca que remete a paz. Na mesma sequência das cores, podemos fazer uma relação com as bandeiras alocadas nos três picos no período da romaria, associando o azul, à figura do “Pai”, o Vermelho à figura do “Filho” e o branco à figura do “Espírito Santo”. Com tais associações, tomemos atento com a simbologia da cor vermelha, que nas Cavalhadas representa os Mouros e ao final da batalha, estes são convertidos. Quanto à romaria, com a associação da bandeira vermelha, representando a figura do “Filho”, a simbologia remete ainda, Àquele que converte.

Ilustração 120 - Samba: Pireneus a beleza feita por Deus



Fonte: PINA, 1989. Reprodução: SILVA, 2020.

A composição acima é de Alexandre Luiz Pompêo de Pina, também bisneto de Christóvam. Alexandre é músico profissional e sempre tocou na Festa do Morro. Fez o samba para homenagear os Pireneus, mas confessa: “compus a melodia e nunca toquei ela no morro, vou conseguir alguém para fazer a letra e quem sabe este ano a gente toca e canta na festa”. Sobre a paixão da família pelos Pireneus, Alexandre faz questão de relembrar:

Desde criança eu participo da festa junto com a minha família. Papai [refere ao senhor Wilno Luiz Pompeu de Pina, anteriormente mencionado] gostava tanto também que fez até um escrito em rima, nunca esqueço, dizia assim: “As matas e os montes são todos seus, não destrua a beleza dos Pireneus feita por Deus”. O Morro para mim hoje é saudade, construímos muita história lá (PINA, 2020).

⁶³ Representação da luta Travada entre no século VIII, na defesa do Império de Carlos Magno (Cristãos) com a pregação do Cristianismo para os Muçumanos (Mouros). As Cavalhadas são encenadas durante a Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis (IPHAN, 2017. p. 62).

Ilustração 121 - O Morro na tatuagem: a expressão do gosto



Fonte: PINA FILHO, 2018.

Ainda sob o aspecto da representação, diversas são as formas da manifestação dos sentidos que a festa e a paisagem do morro se apresentam aos partícipes. Visto que as montanhas estão relacionadas a múltiplas representações, neste caso, envolvendo as crenças religiosas, a proteção da natureza e a sensibilidade estética. Os valores culturais determinam os modos como os sujeitos representam os picos altos, que podem ser interpretados como lugar de oração, de aventura, de preservação e de inspiração.

Sob a sensibilidade estética, além da representação da arte por meio da música e da pintura já abordadas, a técnica de tatuar a pele como expressão de sentido, denota também a representação simbologia da festa em sua constituição paisagística.

A tatuagem acima demonstrada trata da paisagem do Morro dos Pireneus feita no braço do artista Sérgio Pompêo de Pina Filho, que expressa:

Sempre gostei de desenhar temáticas voltadas para o folclore e tradição dos pirenopolinos. Minha arte está diretamente ligada à minha vivência e é através dela que adquiro conhecimento para expor minhas ideias e pensamentos. Em 2017 decidi fazer uma tatuagem, a minha primeira. Após dias de pesquisa para decidir o desenho e o local a ser aplicada, não encontrei nada que me tocasse. Resolvi produzir a minha própria tatuagem. Elaborei alguns desenhos do folclore, monumentos históricos, mas daí veio a ideia de fazer algo único, o Morro dos Pireneus. O meu encanto com a Festa do Morro está relacionado à natureza (PINA FILHO, 2018).

Além de Sérgio Pompêo, Helton Nunes da Silva, sua esposa Francisca Paula de Mesquita e Maria Antônia Leite, são outros romeiros que também manifestaram seu sentimento pelos Pireneus, tatuando sua paisagem sobre a pele.

Mesmo com envolvimento das instituições referidas no decorrer da pesquisa, a festa defronta com fatores que a torna fragilizada. Por meio das entrevistas, percebemos que entre os desafios que ameaçam a Festa em Louvor a Santíssima Trindade, tem destaque: as dificuldades dos acampamentos pela falta de recursos primordiais como água, banheiro e limpeza do local, o excesso de responsabilidades ao festeiro(a), o medo e a apreensão pela

falta de segurança, a propensão a fatores como fogo e intempéries do tempo, o som automotivo, o excesso e o descuido do lixo produzido em alguns acampamentos.

Ilustração 122 - Festeiras dos anos de 2018, 2019 e 2020, da direita para a esquerda



Fonte: ALMEIDA, 2019.

Dando seguimento na indicação de mulheres, Helena indica Maria Cláudia de Sá⁶⁴ para realizar a festa do ano de 2018. Cláudia acata a missão e realiza a festa com muita fé e esmero. Maria Cláudia, por sua vez, indica Rosana Damaceno⁶⁵ para organizar a festa de 2019. A festeira realizou com muita fartura uma linda e movimentada festa e, em seguida, indicou Sirlene Alves da Silva⁶⁶ para preparar os festejos de 2020.

A indicação de Sirlene aconteceu em meio a uma situação conflituosa, o que é normal nos acontecimentos festivos. Os conflitos se deram pelo fato da família do Senhor Pompeu manifestar também o interesse em realizar a festa novamente e, para sanar as problemáticas, foi sugerida no instante da missa a realização de sorteio, o que não surtiu efeito. Mas mesmo diante dos conflitos, a festeira indicada já deu início aos trabalhos com a realização dos terços mensais, contando com a integração dos romeiros em prol de um único objetivo: fazer uma festa harmônica prezando pela fé e pela apreciação da beleza que a natureza nos oferta.

⁶⁴ Romeira desde criança ia para a festa com seus pais, depois passou a ir com o esposo e filhos. Devido a problemas pessoais, Maria Cláudia esteve afastada por um tempo da festa e, logo após o seu retorno recebe a indicação como festeira.

⁶⁵ Embora seja romeira por apenas 10 anos, Rosana é casada com um romeiro que frequenta a festa por mais de duas décadas. Esta admite gostar muito da festa e por isso participa de todas as ritualidades junto ao esposo e amigos.

⁶⁶ Embora conste em registro, a sua participação desde o dia do seu batizado, realizado na Festa do Morro no ano de 1976, esta passou a ser romeira assídua a partir da década de 1990. Com o hábito de acampar com o esposo e filhos, além de participar das ritualidades festivas, a romeira também pesquisa a festa há mais de 4 anos.

Ilustração 123 - Programação da reza dos terços da Festa de 2020⁶⁷

Fonte: SILVA, 2020.

As imagens seguintes retratam alguns desafios intrínsecos à festa enfrentados pelos romeiros. Destes, a maioria podem ser contornados por meio da sensibilização, da mobilização e da realização de ações pelos próprios romeiros. As ameaças tornam uma provocação, quando as ações são iniciadas.

Ilustração 124 - Falta de rede hídrica



Fonte: SILVA, 2019.

Ilustração 125 - A iminência de queimadas



Fonte: SILVA, 2019.

⁶⁷ Em novembro de 2019, deu-se o início do ciclo festivo de 2020. A Pandemia da Covid-19 chegou ao Brasil no início de março do corrente ano, até o momento, não sabemos como serão as normas para realização de eventos, caso não haja possibilidade de continuar os festejos, a Festa de 2020 dará continuidade no ano seguinte.

Ilustração 126 - Som automotivo



Fonte: SILVA, 2019.

Ilustração 127 - Falta de cuidado com de lixo



Fonte: SILVA, 2019.

Os romeiros que se preocupam com a continuidade da tradição, incentivam os demais para o cuidado com a romaria, com o espaço, com a natureza e ainda estimulam para um ambiente harmônico durante os festejos.

Ilustração 128 - Faixas de alertas



Fonte: SILVA, 2019.



A realização de uma festa tranquila deveria ser a ideal para todos que a frequenta, mas atualmente, o festeiro, o mordomo das faixas e o presidente da Associação dos romeiros entre outros poucos, se atêm na responsabilidade de mobilizar sobre os cuidados necessários para evitar transtornos. As faixas com enunciados de alertas contra fatores de ameaças, tais como fogo, lixo e som automotivo, são então distribuídas pelo espaço. Após a festa, a limpeza dos acampamentos, passa a ser o ponto de atenção dos que prezam pelo Morro e aguardam o próximo ano para acampar ao seu redor novamente.

Os conflitos sociais inerentes à festa estabelecem também como desafios. A falta de coesão entre romeiros, a ausência de comunicação entre as instituições envolvidas e os desajustes territoriais são problemas ainda a serem superados.

Evidenciamos neste capítulo a procura da Festa do Morro dos Pireneus pelos seus seguidores, que vão em busca do evento festivo atraídos pela beleza do cenário que se estabelece no período do acontecimento. O sagrado e o profano se expressam nas ritualidades da festa, definidas pela atuação do participante.

Na Festa do Morro, a contemplação da paisagem natural emoldurada pela vegetação do Cerrado, pelas elevações de Serras, e pelos astros celestes, seja dia, ou seja, noite, aguça a imaginação, preenche e revela simbolicamente as modalidades do ser que vive a festa.

“As imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique; elas correspondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser” (ELIADE, 1991, p. 8-9).

A simbologia do que representa a festa no imaginário, se concretiza na vivência das ritualidades festivas e se manifesta individualmente ou em grupo nas relações sociais estabelecidas. “Etimologicamente, ‘imaginação’ está ligada a *imago*, ‘representação’, ‘imitação’, a *imitir*, ‘imitar, reproduzir’. Excepcionalmente, a etimologia responde às realidades psicológicas como à verdade espiritual” (ELIADE, 1991, p.16).

O simbólico se diverge em diferentes concepções e a representação concebida se eterniza na memória do partícipe e na cultura do povo que a transmite. Desta forma, os diferentes significados da Festa do Morro, foram aqui apresentados com adjetivos diversos empregados como respostas à problemática deste estudo, por meio da comunicação com o uso da música, da arte, da escrita e da imagem e ainda pelos fatos e curiosidades apresentados no Projeto *Festa do Morro: inventário da romaria em Louvor a Santíssima Trindade*, somado a esta pesquisa.

Assim, podemos afirmar que os desafios que a romaria do Morro enfrenta para o seu acontecimento ano a ano, vão sendo superados, pois estes não são maiores que a vontade do partícipe em viver a festa e nos múltiplos sentidos que esta lhe atribui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática apresentada nesta pesquisa visou o estudo da Festa do Morro dos Pireneus em louvor a Santíssima Trindade, como uma tradição da cultura de Pirenópolis que decorre há mais de 90 anos. Considerando a pertinência do tema proposto neste estudo e a compreensão da Festa dos Pireneus enquanto tradição que se ressignifica no tempo e que engloba o rito, a religiosidade e a simbologia para seus partícipes.

Para a elaboração desta pesquisa, buscamos suporte no diálogo com pesquisadores que apresentam obras na mesma perspectiva do nosso estudo e nos embasamos no aporte teórico de autores que abordam os conceitos evidenciados, com destaque a paisagem elaborada no espaço e define a festa e a representação simbólica do evento para seus frequentadores.

Como uma proposta do Programa Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, foi possível a articulação interdisciplinar entre diferentes áreas do conhecimento, deste modo, a ligação entre as Ciências Humanas e as Ciências Biológicas, foi uma realidade em nossas abordagens, o que facilitou ampliação e a conexão das ideias, a aquisição de novos conhecimentos, bem como a complementação e revisão de situações já experimentadas.

Esta pesquisa foi realizada, ressaltando importância da afinidade do tema Ritualidades Festivas no Cerrado Goiano com o que possibilitou o Programa de oferta deste Mestrado, atrelado a percepção da necessidade da pesquisa científica sobre a Festa do Morro enquanto objeto de estudo, sob uma perspectiva ainda não apresentada.

Buscamos durante a pesquisa responder nosso questionamento sobre a representação da Festa do Morro para seus frequentadores no decorrer das nove décadas da realização do evento. O caminho metodológico trilhado, pautado na pesquisa empírica, na consulta bibliográfica e documental, na experimentação, na realização de entrevistas e no recolhimento de depoimentos, possibilitou o encontro da resposta mais direcionada ao nosso questionamento, visto que sobre o objeto as possibilidades de estudos vão além do que foi aqui proposto.

Na busca incessante durante o período de vigência desta pesquisa, foi possível reunir e analisar diferentes documentos com a abordagem sobre a Festa pesquisada, e a sistematização dos dados coletados, junto aos resultados das entrevistas e dos depoimentos, facultou o direcionamento dos nossos estudos, sendo possível apresentar aqui os resultados.

No que se objetivou a proposta desta pesquisa, a análise sobre o objeto do nosso estudo, foi possível:

- Descrever a Serra dos Pireneus, com destaque ao Cerrado enquanto cenário do acontecimento da festa, numa abordagem histórica, geográfica e ambiental com o resgate da historicidade da festa relacionando a presença antropológica no espaço.
- Caracterizar a Festa do Morro dos Pireneus, bem como a devoção e veneração manifestadas, as sacralidades envolvidas e o “ciclo festivo”, realçando as dinâmicas das/nas transformações ocorridas ao longo dos anos de sua realização.
- Complementar o inventário dos acontecimentos e curiosidades marcantes da Festa, transcorridos desde a sua criação, com a descrição destes acontecimentos, na tentativa de transmitir a mensagem da significação destes. Visto que a dificuldade de referências bibliográficas para fundamentação dos fatos, a exposição fotográfica, se juntou às pesquisas para uma melhor compreensão e confirmação destes acontecimentos.
- Compreender os acontecimentos da festa, numa divisão de períodos distintamente caracterizados, com enfoque a participação dos romeiros na romaria e a vivência destes fatos no meio festivo.

A Festa Morro consiste numa manifestação de fé e de apreciação da natureza, estabelecida pela paisagem do Cerrado que se destaca com seus elementos constituintes, formando o cenário do evento festivo, foi então analisada sob os aspectos ecológicos, sagrados e estéticos que a define. Como uma ação antropológica e como fator social e cultural, a manifestação também se junta aos aspectos mencionados, denotando a continuidade histórica humana no local.

Apresentamos o “ciclo festivo” da Festa do Morro, que conforme Maia (2010) se estabelece pela fase de preparação, de realização e de desativação. Desta forma, o conjunto ritualístico foi caracterizado a partir dos terços com início em novembro até o momento do ápice festivo, no mês de julho. Pelas relações estabelecidas e pelos fatos vividos, percebemos o partícipe da festa em cada fase atribuída.

Constatamos que elementos do sagrado e do profano permeiam a festa se revelando pela expressão religiosa presente nos ritos e pelo conjunto de atividades desenvolvidas no espaço festivo. O Cerrado com sua vegetação característica, junto às elevações de morros e a limpidez do céu, possibilita visualizar a beleza do pôr do sol e a lua cheia que forma então o cenário da festa.

Concluimos então que a representação da Festa do Morro está ligada a vivência dos fatos festivos no espaço constituído, tendo a paisagem como elemento que define os acontecimentos no imaginário do partícipe, porque “[...] as paisagens são simbólicas” (CONSGROVE, 2004, p. 106). Tais acontecimentos independem dos aspectos abordados e do

tempo transcorrido, uma vez que no desenrolar da festa, a religiosidade e a apreciação da natureza são fatores constituintes desde a sua criação e estes fatores estão simbolicamente ligados à concepção de representação elaborada na memória do partícipe.

Percebemos que não existe para os frequentadores da Festa do Morro, uma única representação e sim múltiplas representações, “[...] as representações são construídas” (CLAVAL, 2012, p. 94). Constatamos que realmente a(s) religiosidade(s) perpassa(m) as esferas da simbologia, pois conforme proposto por Eliade (1991, p. 8), “[...] o pensamento simbólico [...] é consubstancial ao ser humano”. No refúgio para o Morro, o partícipe revela os vários sentidos de se viver a Festa, o que é manifestado nos depoimentos, com diferentes adjetivos, e ainda sob a forma da escrita, da música da arte e do registro fotográfico.

Os elementos históricos, geográficos, culturais, ambientais e biológicos inerentes a Festa do Morro enquanto objeto de estudo, ressaltam a importância deste trabalho, ao perceber a possibilidade da articulação interdisciplinar da teoria com a prática, no exercício da docência, visto que nesta perspectiva, a ação de pesquisar se junta a ação do ensinar.

A realização desta pesquisa possibilitou ainda, a percepção da dimensão do objeto estudado, embora a metodologia seguida, tenha nos direcionado ao aspecto questionado, ressaltamos que este estudo não esgota o conhecimento sobre a Festa do Morro, evidenciando que sobre a temática, outros aspectos podem ainda serem questionados, o que demonstra neste sentido, a importância da continuidade das pesquisas.

Esperamos que a pesquisa aqui apresentada possa contribuir como referência bibliográfica para outros trabalhos e que os assuntos nesta discorridos, despertem a curiosidade em busca de novas respostas ou até mesmo para a complementação dos nossos estudos na perspectiva abordada sobre a Festa do Morro em louvor a Santíssima Trindade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Lunildes de Oliveira. **Entrevista [nov. 2019]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.
- AFONSO, Aurítela Irma de Oliveira. **Entrevista [nov. 2019]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.
- AFONSO, José Percival. **Entrevista [jun. 2019]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.
- AFONSO, Silvano. **Entrevista [jun. 2019]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.
- ALMEIDA, Delzuita da. **Entrevista [jun. 2019]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.
- _____. **Imagem do acervo pessoal**. 2019
- ALMEIDA, Maria Vera de Oliveira. **Acervo da Família**, s/d.
- ALMEIDA, Miriam de Lourdes. **Entrevista [out. 2019]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.
- _____. **Documentos digitalizados do acervo pessoal**. 2019.
- ANDRADE, Edna de Araújo. BERNARDES, Genilda D'Arc. Políticas de Unidade de Conservação do Estado de Goiás: avaliação da eficácia de gestão. In: SILVA, Sandro Dutra *et al.* **Fronteira Cerrado: sociedade e natureza no Oeste do Brasil**. Goiânia: PUC/Goiás, 2013. p. 191-202.
- AQUINO, Vanuir Afonso. **Imagens do acervo pessoal**. 2017
- AYIR, Uiara. **Entrevista [jul. 2019]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.
- BARBOSA, Aládia Oliveira. **Entrevista [jun. 2019]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.
- BARBOSA, Altair Sales et al. **O piar da juriti Pepena** - Narrativa ecológica da ocupação humana do Cerrado. Goiânia: ed. PUC Goiás, 2014. 392p.
- BARBOSA, Altair Sales. O cerrado no quadro ambiental Brasileiro. In: **Revista Xapuri Socioambiental**. Ano 3. n. 28 – 2017, p. 22-23.
- BARBOSA, Sabino. **Entrevista [jun. 2019]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.
- BATISTA, Iracy Ladária da Silva. **Entrevista [ago. 2019]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.

BERTRAN, Paulo. **História da terra e do homem do Planalto Central: eco-história do Distrito Federal – do indígena ao colonizador**. Brasília: Verano, 2000. 322p.

BIBILIA SAGRADA. Editora Ave Maria, São Paulo, 2004. 1671p.

BLOG DE GEOGRAFIA. **A Escala de Tempo Geológico**, 2015. Disponível em: <https://suburbanodigital.blogspot.com/2015/08/a-escala-de-tempo-geologico.htm>. Acesso em 27 jan. 2020.

BOSQUETTI, Lorryne de Barros. **Análise da estrutura da paisagem e fitofisionomia do parque Estadual dos Pireneus, Goiás, Brasil**. São Paulo, USP, Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”. 2008. 131p. (Doutorado em Ecologia Aplicada).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Cultura na rua**. Campinas: Papirus, 1989. 219p.

_____. **De tão longe venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás**. Goiânia: UFG, 2004. 412p.

_____. **Prece e Benção: Espiritualidades religiosas no Brasil**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2009, 206p.

_____. De um lado e do outro do mar: festas populares que uma origem comum aproxima e que um oceano e um cerrado separam. In: OLIVEIRA, Maria de Fátima *et al* (Orgs). **Festas, Religiosidades e saberes do cerrado**. Anápolis: UEG, 2015. 516p.

_____. **Entrevista [ago. 2016]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2016.

BUCHOT, Emmanuel. **Montanhas da França**, 2019. Disponível em: https://www.voyagesphotosmanu.com/terra_arida_montanhas_franca.html. Acesso em 22 nov. 2019.

BURNIE, David. **Dicionário Temático de Biologia**. São Paulo: Sipione, 1997, 192p.

CARDOSO, Kalvtor Antônio Marques. **Entrevista [jun. 2019]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.

CAVALHO, Wilmia Pereira de. **Entrevista [jun. 2019]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Projeto de lei n.º 1.276-a**, de 2011. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=8AB48B6D3570E749ED88419CC5009229.proposicoesWeb1?codteor=1129429&filename=Avulso+-PL+1276/2011. Acesso em 27 jan. 2020.

CEDRO, 2005. Disponível em: <https://www.ipef.br/identificacao/cedrella.fissilis.asp>. Acesso em: 02 fev. 2020.

CIDADE DE PIRENÓPOLIS, 2011 **Chico de Sá**. Disponível em: <http://cidadedepirenopolis.blogspot.com/2011/12/chico-de-sa.html>. Acesso em: 03 nov. 2019.

CIDADE DE PIRENÓPOLIS, 2013. **Acervo de Jarbas Jayme**. Disponível em: <http://cidadedepirenopolis.blogspot.com/2013/07/acervo-de-jarbas-jayme.html>. Acesso em 28 fev. 2020.

CIDADE DE PIRENÓPOLIS, 2013. **A Festa do Divino de Pirenópolis**. Disponível em: <http://cidadedepirenopolis.blogspot.com/2013/04/a-festa-do-divino-de-pirenopolis.html>. Acesso em 27 fev. 2020.

CIDADE DE PIRENÓPOLIS, 2017. **História de Pirenópolis**. Disponível em: <https://www.pirenopolis.go.gov.br/municipio/a-cidade>. Acesso em: 31 jan. 2020.

CIDADE DE PIRENÓPOLIS, 2013. **Maria Eunice Pereira e Pina**. Disponível em: <http://cidadedepirenopolis.blogspot.com/2013/11/maria-eunice-pereira-e-pina.html>. Acesso em: 10 nov. 2019.

CIDADE DE PIRENÓPOLIS, 2014. **Irnaldo Jayme**. Disponível em: <http://cidadedepirenopolis.blogspot.com/2014/02/irnaldo-jayme.html>. Acesso em: 30 jan. 2020

CLAVAL, Paul. As abordagens da geografia cultural. CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORREA, Roberto Lobato (Orgs). **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 89-117.

COMARCA DE PIRENÓPOLIS. **Certidão de Escritura Pública de Desapropriação**. Cartório de 2º Ofício, Livro de Notas, nº 155, fls. 142 verso a 149, 2015.

CORRÊA, Francisco Aquino. **Sino dos Pireneus**. Música.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço e simbolismo. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). **Olhares geográficos: modo de ver e viver o espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.192p.

_____. Espaço: um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo Cesar da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2017.354p.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro, UERG, 2009. 176p.

_____. **Paisagem tempo e cultura**. Rio de Janeiro. UERJ, 2004, 124p.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, 2004. 124p.

COSTA, Cristiano da. **Entrevista [jul. 2019]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.

_____. **Imagens do acervo pessoal**. 2018-2020.

COSTA, Eduardo Henrique da. **Entrevista [set. 2019]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.

COSTA, Nélio Pereira da. **Imagens do acervo pessoal**. 2018-2020.

CRUZEIRO. **Os primeiros exploradores do Planalto Central**, edição de Maio de 1949, p 40-45.

CUNHA MATTOS, Raymundo José da. **Chorographia histórica da província de Goyaz**. Goiânia, Sudeco/Secretaria do Planejamento e Coordenação, 1874. 185p.

CURADO, João Guilherme da Trindade. **Lagolândia - paisagens de festa e de fé: uma comunidade percebida pelas diversidades**. Goiânia: IESA/UFG. 2011 (Doutorado em Geografia).

_____. **Imagens do acervo do autor**. 2016.

CURADO, João Guilherme; SILVA, Erick Tavares; BRAZUNA, Izabel; OLIVEIRA, Alexandre Francisco. Verônicas: O doce sabor do Espírito Santo em Pirenópolis – Goiás In: **No rastro da bandeira: terço, festas e folias**. Goiânia: Caminhos. 2017, 156 p.

CURADO, Ramir. **Entrevista [mar. 2019]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.

_____. **Imagens do acervo do autor**. 2019.

_____. Memórias do Planalto: a mimeração em Corumbá no período colonial”. In: **Suplemento Cultural da Câmara Legislativa do Distrito Federal – DF**. Letras, nº 3, janeiro de 1993.

D’ABADIA, Maria Idelma Vieira. **Diversidade e Identidade Religiosa: Uma leitura especial dos padroeiros e seus festejos em Muquém, Abadiânia e Trindade-GO**. Jundiá: Paco Editorial, 2014. 232p.

DAMACENO, Rosana. **Entrevista [jun. 2019]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: Natureza da Realidade geográfica**. Tradução: Werther Hotlzer. São Paulo: Perspectiva, 2015. 159p.

DIÁRIO DA MANHÃ. **Comendador Cristóvão José de Oliveira e a Romaria dos Pireneus**. 2013 p.6. Disponível em: <https://www.dm.jor.br/entretenimento/2018/01/comendador-cristovao-jose-de-oliveira-e-a-romaria-dos-pireneus/>. Acesso em 10 out. 2019.

DIAS, Cleber. **Epopeias em dias de lazer: uma história do lazer na natureza (1779-1834)**. Goiânia: UFG, 2013, 184p.

DURKHEIM, Émile. **Formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1996. 609p.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos: Ensaio e simbolismo mágico-religioso**. (Trad. Sonia Cristina Tamer) São Paulo: Martins Fontes, 1991. 178p.

_____. **O sagrado e profano.** (Trad. Rogerio Fernandes) São Paulo: Martins Fontes, 1992.191p.

EMBRAPA. **Bioma Cerrado**, 2008. Disponível em: <https://www.embrapa.br/cerrados/colecao-entomologica/bioma-cerrado>. Acesso em 18 out. 2019.

_____. **Braquiária muito além da alimentação animal**, 2018. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/31795514/braquiaria-muito-alem-da-alimentacao-animal>. Acesso em: 01 fev. 2020.

FARINHA, Davi Pereira. **Entrevista [fev. 2020]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2020.

FERREIRO, Cristiano. **Entrevista [jul. 2019]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.

FONSECA, Arnaldo. **Entrevista [jul. 2019]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.

FONSECA, Terezinha Jaime. **Ave Maria dos Pireneus**. Música.

FUNDAÇÃO PRÓ-NATUREZA. **Plano de manejo**: Santuário de vida silvestre do Morro Cabeludo (Cocalzinho- GO). Brasília: FUNATURA, 1992. 104p.

GALLI, Ubirajara. **Joaquim Henrique de Sá: um magistrado de muita história**. Goiânia: Kelps, 2014. 334p.

GODOY, Patrícia Bueno. **A cruz de Anhanguera**: um projeto de Mário Penteadado para a Serra dos Pireneus. IX EHA - Encontro de História da Arte – UNICAMP. 2013. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2013/Patricia%20Bueno%20Godoy.pdf>. Acesso em 08 out. 2019.

GONÇALVES, Nayses Lívia. **Entrevista [out. 2018]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2018.

GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS. **DECRETO** nº 4.830 de 15 de outubro de 1997. Estabelece a área e os limites do Pirineus e dá outras providências. Goiânia, 1997. Disponível em: http://www.gabinetecivil.go.gov.br/pagina_decretos.php?id=2192. Acesso em: 15 out. 2019.

_____. **DECRETO** nº 5.174, de 17 de fevereiro de 2000. Dispõe sobre a criação da Área de Proteção Ambiental dos Pireneus e dá outras providências. Goiânia, 2000. Disponível em: http://www.gabinetecivil.goias.gov.br/decretos/numerados/2000/decreto_5174.htm. Acesso em: 16 out. 2019.

_____. **Relatório EIA-RIMA Estrada dos Pireneus**. Agência Goiana de Transporte e Obras-AGETOP, 2005. 308p. Disponível em: <http://www.pirenopolis.tur.br/arquivo/Relatorio%20EIA.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2018.

GOOGLE EARTH, **Imagem por satélite**. Disponível em: <https://earth.google.com/web/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

GLOBALTREE. **Guapuruvu**. Disponível em: <http://www.globaltree.com.br/guapuruvu.html>. Acesso em: 28 fev. 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTUDOS FLORESTAIS. *Cedrella fissilis (Cedro)*, 2005. disponível em: <https://www.ipef.br/identificacao/cedrella.fissilis.asp>. Acesso em: 03 fev. 2020

HAMBAUER, Kaique Fleury Bizantino. **Entrevista [jun. 2019]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.

IPHAN. Dossiê: **Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis – GO**. Goiás, 2017.

JAYME, Henrique. **Imagem do acervo da família**. 2015.

JAYME, Jarbas. **Esboço Histórico de Pirenópolis**. Goiânia: UFG, 1971. 654p

_____. **Famílias Pirenopolinas**. Goiânia: UFG, 1973. Vol II. 393p.

JAYME, Jarbas; JAIME, José Sisenando. **Casa de Deus, casa dos mortos**. Goiânia: Ed. UCG, 2002. 121p. v. 1.

JAIME, Nilson. **Família Jaime/Jayme: genealogia e história**. Goiânia: Kelps, 2016. 1148p

KONG, Lily. Música popular nas análises geográficas. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro, UERG, 2009. 176p.

LEITE, Eugênio de Pina. **Entrevista [jun. 2019]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.

LEAL, Oscar. **Viagens às Terras Goyanas (Brasil Central)**. Goiânia: UFG, 1980. 255p.

LIMA, Sélvia Carneiro de. CHAVEIRO, Eguimar Felício. O Cerrado goiano sob múltiplas dimensões: um território perpassado por conflitos. In: **Espaço em Revista**. V. 12 n 2 – 2010, p. 66-83.

LIVRO DE BATISMOS. Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Pirenópolis. Rosário, 1930-1976.

LIVRO DE TOMBO. Igreja da Matriz N^a S^a do Rosário, 1928-1956.

LOBÔ, Aline Santana. **Sons e Movimentos: sentidos do sagrado na musicalidade da folia de Santos Reis de Pirenópolis**, Goiás. Anápolis: TECCER/UEG, 2017(Mestrado em Ciências sociais e Humanidades)

LÔBO, Marta Eniza de Oliveira. **Entrevista [nov. 2019]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.

LÔBO, Tereza Caroline. **Capela do Rio do Peixe em Pirenópolis Goiás: lugar de festa**. Goiânia, IESA/UFG. 2011 (Doutorado em Geografia).

_____. **Entrevista [jan. 2020]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2020.

_____. **Imagem do acervo da autora.** 2020.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. A (RE)Significação da Paisagem no Período Contemporâneo. In: Rosendahl ,Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). **Paisagem, Imaginário e Espaço.** Rio de Janeiro: UERJ, 2001 p.9-26.

LUZ, Aldeã da. **Entrevista [dez. 2019].** Entrevistadora Sirlene Alves da Silva Pirenópolis: 2019.

LUZ SOBRINHO, Benedito da. **Entrevista [jun. 2019].** Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.

MACIEL, Clemente Pereira. **Entrevista [dez. 2019].** Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. **Enlaces Geográficos de um Mundo Festivo – Pirenópolis: a tradição cavaleiresca e sua rede organizacional.** Rio de Janeiro: PPGG/UFRJ, 2002. 300 f. (Doutorado em Geografia).

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 297p.

MELO, Ana Abadia de. **Entrevista [mar. 2020].** Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2020.

MELO, Vera Mayrianck. Paisagem e simbolismo. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (Orgs). **Paisagem, Imaginário e Espaço.** Rio de Janeiro: UERJ, 2001. 228p.

MENSAGEIRO. **Pireneus é o enigma.** Pirenópolis, 1976, p. 5

MISSÃO CRULS. **Uma trajetória para o futuro:** Relatório Cruls: Brasília, 1995. 345p.

MOTA, Geová Nepomuceno. **O fenômeno religioso da romaria sob a perspectiva da fé cristã:** a romaria ao santuário de Bom Jesus da Lapa. Belo Horizonte, FAJE, Departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. 2008,119p. (Mestrado de Filosofia). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v9n20/v9n20a12.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2018.

NOVA ERA. **Festa do Morro.** Ano III n. 11 Junho/julho de 1991.

PAIVA, Maely. 2007. **Padre durão de Pirenópolis agora usa tattoo e curte rock.**

Disponível em:

http://www.filhosdapaixao.org.br/escritos/cartas/bispos/dom_manuel_pestana/dom_manuel_18_anexo.htm. Acesso em: 10 out. 2019.

PATTA, Vithor José Fernandes. **Entrevista [jul. 2020].** Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.

PEREIRA, Augusto Gonçalves. **Entrevista [jul. 2019].** Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis, 2019.

PEREIRA, Teodorico. In: **Icologia,** 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005,132p.

PINA, Alexandre Luiz Pompêo de. **Entrevista [fev. 2020]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2020.

_____. **Pyreneus beleza feita por Deus**. Letra de Samba, 1989.

PINA, Célia Fátima de. **Entrevista [dez. 2019]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.

PINA, Eva Inácia da Fonseca. **Entrevista [out. 2018]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2018.

PINA FILHO, Sérgio Pompêo de. **Imagens do acervo pessoal**. 2011

_____. **Entrevista [nov. 2018]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2018.

PINA, Helena Cristina de Pina. **Entrevista [jun. 2019]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis 2019

PINA, Luis Armando Pompeo de. **Entrevista [jul. 2017]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2017.

PINA, Nilson Fabrício de. **Centro do meu país**. Música.

_____. **Entrevista [out. 2018]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2018.

PIRENEUS POST. **O farmacêutico dos Pyreneus**. 1997, p.6-7.

POHL, Johann Emanuel. **Viagem no interior do Brasil**. Trad. Milton Amado e Eugênio Amado. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/USP, 1976. 417p.

PREFEITURA DE PIRENÓPOLIS, 2017. **Brasões e bandeiras** Disponível em: <https://www.pirenopolis.go.gov.br/simbolos>. Acesso em: 01 mar. 2020.

_____. **História de Pirenópolis**. Disponível em: <https://www.pirenopolis.go.gov.br/municipio/a-cidade>. Acesso em 20 fev. 2020.

PUGLIERO, Regina Sylvia. **Entrevista [fev. 2020]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2020.

OLIVEIRA, Alexandre Francisco de. **Imagem do acervo pessoal**. 2019.

_____. **Entrevista [dez. 2019]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.

OLIVEIRA, Anevair José de. **Entrevista [fev. 2020]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2020.

OLIVEIRA, Antônio Augusto Müller de. **Entrevista [Out. 2019]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. SILVA, Sirlene Alves da. OLIVEIRA, Maria de Fátima. Glória a Deus nas alturas! A apropriação simbólica do pico dos Pirineus pelo catolicismo a partir da romaria da Santíssima Trindade em Pirenópolis (GO). In: **Revista Caminhos**. v. 18 n.1 – 2020, p. 168-185.

OLIVEIRA, Geraldo Herculano de. **Entrevista [jun. 2017]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2017.

OLIVEIRA, Nadiégda de. **Entrevista [jun. 2016]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2016.

_____. **Acervo fotográfico da família**. s/d.

OLIVEIRA NETO, Nicodemos Pireneus de. **Mapa de localização do Parque dos Pirineus**. 2020.

_____. **Mapa da área do Parque dos Pirineus**. 2020.

_____. **Mapa dos setores dos acampamentos**. 2020.

OLIVEIRA, Oona Yasmina de. **Acervo fotográfico da família**.

_____. **Entrevista [jun. 2017]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2017.

_____. **Entrevista [jun. 2020]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2020.

OLIVEIRA, Sandra Célia Coelho G. S. S. de. **Romarias: um espaço de interação entre a tradição e a modernidade**. Goiânia, UCG, Departamento de Filosofia e Teologia. 2011, 105p. (Dissertação de mestrado). Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/812/1/Sandra%20Celia%20Coelho%20Gomes%20da%20Silva%20Serra%20de%20Oliveira.pdf>. Acesso em 10 dez. 2018.

OLIVEIRA, Tobias Gomes de. **Imagens do seu acervo pessoal**. 2019.

OLIVEIRA, Washington Vanuncio de. **Entrevista [jan. 2020]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2020.

_____. **Passarela da fé: melhoria do acesso ao pico dos Pirineus**. Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso, UEG, 2009.

RIBEIRO, Maria Cristina Campos. **Mutirões camponeses: trabalho, devoção e festa em Pirenópolis-GO**. Anápolis: TECCER/UEG, 2018. 196 f. (Mestrado em Ciências sociais e Humanidades).

ROMEIRO, Lindomar Alves. **Entrevista [dez. 2019]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: UERJ, 1996. 92p.

_____. CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). **Espaço e Cultura: Pluralidade Temática**. Rio de Janeiro: UERJ, 2008. P. 79-104.

_____. **Hierópolis: o sagrado e o urbano.** Rio de Janeiro: UERJ, 2009. 118p.

_____. **Uma procissão na geografia.** Rio de Janeiro: UERJ, 2018. 408p.

ROSENDAHL, Zeny. O sagrado e sua dimensão espacial. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar a Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). **Olhares geográficos: modo de ver e viver o espaço.** Rio de Janeiro: UERJ, 2012.192p.

ROCHA, Edimar Gama. **Entrevista [jul. 2019].** Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.

RODRIGUES, Osmar Luiz. **Entrevista [jun. 2019].** Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis, 2019.

RODRIGUES, Wellygton . **Entrevista [jun. 2019].** Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis, 2019.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. **A singularidade da obra de Veiga Valle.** Goiânia, Universidade Católica de Goiás, 1983. 504p.

SANTOS, Maria da Graça Mouga Poças. Os santuários como lugares de construção do sagrado e de memória hierofânica: esboço de uma tipologia. ROSENDAHL, Zeny, CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). **Espaço e Cultura: Pluralidade Temática.** Rio de Janeiro: UERJ, 2008. P. 79-104.

SAUER, O. Carl. A Morfologia da Paisagem. ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). **Paisagem, Tempo e Cultura.** Rio de Janeiro: UERJ, 2004, p.12-68

SAUTCHUK, Jaime. Cruls: **Histórias e andanças do cientista que inspirou JK a fazer Brasília.** São Paulo: Geração Editorial, 2014.158p.

SÁ, Maria Cláudia de. **Entrevista [jun. 2019].** Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem à província de Goiás.** Trad. Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/USP, 1975. 158p.

SENADO FEDERAL. **Muitos acreditam que santo italiano profetizou a construção de Brasília no século 19.** Disponível em:
<http://www.senado.gov.br/noticias/especiais/brasil50anos/not08.asp>. Acesso em 20 jan. 2020.

SILVA, Aparecida Basílio da. **Entrevista [Jul. 2019].** Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.

SILVA, Helton Nunes da. **Entrevista [fev. 2020].** Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2020.

SILVA JUNIOR, Manuel Claudio da. **100 árvores do cerrado: guia de campo.** Brasília, Ed. Rede de Sementes do Cerrado, 2005. 278p.

SILVA, Paulo Adriano Santos, MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. Tradição, fé e devoção: Análise da festa do santo Senhor dos Pobres em Mumbaça, Alagoas. ALMEIDA, Maria Geralda de. (Org.). **Universidade Federal do Paraná, sistema de bibliotecas, biblioteca central, coordenação de processos técnicos**. Territórios de tradições e de festas. Curitiba: UFPR, 2018, p.185-208.

SILVA, Sandro Dutra *et al* (Orgs). **Fronteira Cerrado: sociedade e natureza no Oeste do Brasil**. Goiânia: PUC/Goiás, 2013. 368p.

SILVA, Sirlene Alves. **Imagens do acervo pessoal**. 2016-2019.

_____. **Documentos digitalizados de acervos diversos**.

_____. Projeto: **Festa do Morro: Inventário da Festa em Louvor a Santíssima Trindade**. FAC-GO, 2018.

SILVA, Sirlene Alves, CURADO, João Guilherme. PIRENEUS: ritualidades festivas em Pirenópolis/GO. In: **Revista Nós: Cultura, Estética e Linguagens**. v.03 n.01 – 2018, p.41-52.

SILVA, Tereza Pereira da. **Entrevista [mar. 2020]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2020.

SIQUEIRA, Josafá Carlos de. Pirenópolis: **identidade territorial e biodiversidade**. Rio de Janeiro: Loyola, 2004.

SIQUEIRA, Lander Augusto. **Imagens de seu acervo do autor**.

SIQUEIRA, Maria Olívia Oliveira. **Entrevista [jan. 2020]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2020.

STEINKE, Valdir A., COSTA, Everealdo. **Da Natureza do Sagrado à Natureza do Lugar: Morro da Capelinha (DF) como patrimônio natural**, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/11797>. Acesso em: 28 jul. 2019.

STEIL, Carlos Alberto. **Romeiros e turistas no Santuário de Bom Jesus da Lapa**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 249-261, outubro de 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26369097_Romeiros_e_turistas_no_santuuario_de_Bom_Jesus_da_Lapa. Acesso em: 10 jan. 2019.

STEIL, Carlos Alberto. **O Sertão das Romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia**. Petrópolis: 1996.

SOUZA José Arilson Xavier de. **Entendimentos geográficos da religião e peregrinações: em análise a romaria do senhor do Bonfim em Natividade (TO)**. B.goiano.geogr, Goiânia, v. 32, n. 2, p. 219-238, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/bgg/article/view/21089>. Acesso em: 15 dez. 2018.

SOUZA, Ronaldo Diniz. **Entrevista [jun. 2019]**. Entrevistadora Sirlene Alves da Silva. Pirenópolis: 2019.

TELES, José Mendonça. **Acervo de Jarbas Jayme**. Revista Meya Ponte, Pirenópolis, v. 1, n. 7, 2000 p. 31-32.

TERRIN, Aldo Natale. **O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade**. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo, Paulus, 2004. 448p.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. Trad. João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia de Letras, 2010. 357p.

THOMÉ FILHO, Jamilo José. MORAES, Juliana Maceira. PAULA, Thiago Luiz Feijó de. Projeto Geoparques: Geoparque dos Pireneus (Proposta). **Ministério de Minas e Energia**. MME/Secretaria de Geologia, Mineração e Transformação Mineral – SGM/Serviço Geológico do Brasil – CPRM. 2010. 66p.

TODA MATÉRIA, 2018. **Guerra das Malvinas**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/guerra-das-malvinas/>. Acesso em: 26 fev. 2020.

TORRES, Marcos Alberto. **A paisagem sonora da ilha dos Valadares: percepção e memória na construção do espaço**. Curitiba: SCT/UFP. 2009. 152 p. (Mestrado em Geografia).

TURNER, Victor W. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Trad. Nancy de Castro e Ricardo A. Rosenbusch. 2. d. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 199p.

VEIGA, Felipe Berocan. **A Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis, Goiás: polaridades simbólicas em torno de um rito**. Niteroi: PPG em antropologia e Ciências Políticas/UFF, 2002. 220f. (Mestrado em Antropologia).

VEIGA, Valdemísio Pereira da. **Entrevista [jul. 2018]**. Entrevistadora: Sirlene Alves da Silva, Pirenópolis, 2016.

YOUTUBE. **Icologia**, 2004. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BCcLH5WWSFg>. Acesso em: 01 mar. 2020.

ANEXOS

Anexo 1 - Questionário elaborado para a pesquisa.

	
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS	
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM TERRITÓRIOS E EXPRESSÕES CULTURAIS NO CERRADO-TECCER	
PROJETO DE PESQUISA : Devoção Religiosa e Veneração da Natureza na Festa em Louvor a Santíssima Trindade no Morro dos Pireneus/Pirenópolis – Goiás	
ORIENTADORA : Prof. Doutora M ^a de Fátima Oliveira	
ORIENTANDA : Sirlene Alves da Silva	
QUESTIONÁRIO DE PESQUISA	
1- Nome completo: _____	
2- Sexo: () Masculino () Feminino () Outro 3- Idade: _____	
4- Nível de escolaridade: () Ens. Fundamental () Pós graduação/Especialização () Ens. Médio () Mestrado () Ens. Superior () Doutorado	
5- Religião: () Católica () Evangélica () Espírita () outra _____	
6- Quanto ao nível social, considera-se da classe: () Alta () Média alta () Média baixa () Vulnerável	
7- Sobre a Festa da Santíssima Trindade (Morro dos Pireneus), considera-se: () Romeiro(a) () Visitante	
8- Lugar de origem (De onde saiu para participar do evento): _____	
9 - Quanto à frequência na festa: () frequenta (frequentava) todos os anos ? Desde quando? _____ () Participou uma vez () participou mais de uma vez () participa pela primeira vez	
10- Em relação a meio de transporte, como se organiza (organizava) para subir o morro durante a festa? _____ _____ _____	
11- Como procede (procedia) sua a estadia no espaço da festa? () Participa (participava) da festa subindo e descendo no mesmo dia. () Participa (participava) da festa em acampamento durante todo o período.	
Caracterize seu espaço de acampamento ou espaço de estadia: _____ _____	

12- Qual o significado da festa para você? ()tradição de família ()sentido religioso
() lazer ()veneração da natureza ()outros

Defina: _____

13- Tem (tinha) o hábito de participar dos acontecimentos religiosos da festa? Quais?

14-Já desempenhou alguma função na festa?

() Mordomo () Festeiro(a) () Outro Quando ? _____

Defina esta responsabilidade: _____

15- Para você, esta festa apresenta aspectos que a diferencia de outras?

() Sim. Quais? _____

() Não

16- Em sua família há participante da festa com idade menor que 20 anos?

()Sim () Não

17- Você possui documentos que possam contribuir com esta pesquisa, tipo: fotos, escritos, cartazes ou outros? _____

18- Deseja fazer outras considerações sobre este tema? _____

19- Este questionário apresenta cunho acadêmico, voltado para a pesquisa metodológica. Autoriza caso necessário, a publicação do conteúdo desta entrevista, bem como outros documentos relacionados à Festa da Santíssima Trindade (Festa do Morro), que pertence ou envolva a sua pessoa? () Sim () Não

Assinatura: _____

Pirenópolis_____/_____/_____

Anexo 2 - Estatuto da associação dos Romeiros dos Pireneus.

<p>ASSOCIAÇÃO DOS ROMEIROS DA SANTÍSSIMA TRINDADE DOS PIRENEUS</p> <p>Estatuto Social</p> <p>Capítulo I</p> <p>DENOMINAÇÃO, SEDE, FORO, PRAZO E ANO SOCIAL.</p> <p>Art. 1º A Associação dos Romeiros da Santíssima Trindade dos Pireneus da cidade de Pirenópolis, Goiás doravante denominada Associação dos Romeiros da Santíssima Trindade dos Pireneus pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, rege-se pelo presente Estatuto e pelas disposições legais em vigor, tendo:</p> <p>a) Sede e administração em Pirenópolis e foro jurídico no município de Pirenópolis, no estado de Goiás.</p> <p>b) O prazo de duração é indeterminado e o ano social é compreendido no período de 1º de Janeiro a 31 de dezembro.</p> <p>Capítulo II</p> <p>Das Finalidades e objetivos</p> <p>Art. 2º A Associação dos Romeiros da Santíssima Trindade dos Pireneus tem como objetivos maiores:</p> <p>a) Garantir o perpetuamento da Romaria da Santíssima Trindade dos Pireneus no plenilúnio de julho, em louvor e a Fé na Santíssima Trindade; Garantir as celebrações das novenas, ou do Tríduo Preparatório da santa missa em louvor a Santíssima Trindade e juntamente com a Procissão.</p> <p>b) Estimular a organização e o empenho dos romeiros para defesa da festa da Santíssima Trindade dos Pireneus, como cidadãos livres e católicos, objetivando colaborar com a realização da festa na execução e aprimoramento de ações de sua competência no que dizem respeito à conservação do Patrimônio cultural e religioso, na conservação do meio ambiente, na segurança, no abastecimento de água, uso e manutenção das áreas públicas, trânsito e demais assuntos afetos a melhoria e manutenção da realização da festa.</p> <p>c) Garantir o direito dos Romeiros a frequentar, acampar e exercer todas as atividades referentes ao acampamento no período da festa.</p>	<p>d) Garantir a escolha do festeiro desde que seja católico praticante, membro da associação a mais de um ano exceto no ano de fundação, frequentador da Romaria e defender os interesses coletivos dos romeiros e associados.</p> <p>f) Representar os interesses dos associados junto a instituições públicas e privadas;</p> <p>g) Implementar a integração social dos romeiros e frequentadores da festa da Santíssima Trindade dos Pireneus para que venha ocorrer toda vez mais um relacionamento cordial e harmonioso entre todos, através de atividades religiosas, culturais, educativas e lazer;</p> <p>h) Garantir o direito de frequentar o santuário durante o ano;</p> <p>i) Colaborar na proteção do Parque Estadual da Serra dos Pireneus;</p> <p>j) Promover ação civil pública para defesa dos objetivos e interesses correlatos da associação;</p> <p>k) Elaborar, publicar e distribuir Boletim Informativo da Associação dos Romeiros da Santíssima Trindade dos Pireneus;</p> <p>l) Promoção de eventos e campanhas visando à melhoria da festa;</p> <p>m) Requerer, junto aos órgãos públicos competentes, prestação de contas dos investimentos públicos;</p> <p>n) Acompanhar junto aos poderes públicos os processos legislativos relativos aos interesses e objetivos da associação;</p> <p>o) Cobrar dos órgãos competentes as responsabilidades para realização da romaria.</p> <p>Parágrafo Único - Para alcançar seus objetivos a Associação poderá trabalhar com voluntariado e intercâmbio, bem como contratar serviços profissionais especializados, incluindo pessoas físicas e jurídicas, firmando convênios e estabelecendo parcerias com empresas privadas, governamentais e não governamentais entidades públicas, universidades, fundações, e outras instituições de ensino e pesquisa nacionais e internacionais, observando-se os princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade, economicidade e da eficiência.</p> <p>Capítulo III</p> <p>DOS ASSOCIADOS, ADMISSÃO, DIREITOS, DEVERES, E RESPONSABILIDADES.</p> <p>Art. 3º Poderá ingressar na Associação, toda pessoa física que frequentar ou frequentou a festa em louvor a Santíssima Trindade ou que tenha realizado ações beneméritas para com a festa, mediante o preenchimento de formulário próprio,</p>
<p>ter sido aprovado pela diretoria e que concorde com as disposições, deste estatuto.</p> <p>Parágrafo 1º - Serão admitidos associados de ambos os sexos, sem restrição por motivo de raça nacionalidade, com maioria civil.</p> <p>Parágrafo 2º - Os associados poderão representar a Associação, com autorização da diretoria, para questões específicas, assumindo estritamente os objetivos do Art. 2º.</p> <p>Art. 4º - Ao associar-se, o novo membro adquire todos os direitos e assume todos os deveres estipulados neste estatuto e das deliberações tomadas em assembleias gerais.</p> <p>Parágrafo 1º - Os associados que estiverem em dia com suas obrigações estatutárias tem direito a:</p> <p>a) Tomar parte nas assembleias gerais, discutindo e votando os assuntos que nela se tratarem;</p> <p>b) Frequentar todas as atividades oferecidas pela Associação;</p> <p>c) Votar e ser votado para membro da diretoria e do conselho fiscal; e</p> <p>e) Convocar a assembleia geral extraordinária em documento escrito e fundamentado, assinado por 1/5 (um quinto) dos associados.</p> <p>Parágrafo 2º - Serão associados fundadores aqueles que assinarem as atas de fundação da associação dos Romeiros da Santíssima Trindade dos Pireneus.</p> <p>Parágrafo 3º - O associado tem o dever de zelar pelo bom nome e patrimônio da associação, contribuir para o aperfeiçoamento da mesma e na persecução de seus objetivos.</p> <p>Parágrafo 4º - Os associados não respondem nem mesmo subsidiariamente, pelos encargos da associação.</p> <p>Parágrafo 5º - O associado pagará uma contribuição financeira anual para a manutenção da associação fixada na assembleia geral ordinária.</p> <p>Parágrafo 6º - O associado tem direito de apresentar denúncia, por escrito e fundamentada, para exclusão de qualquer associado que venha a infringir as disposições deste estatuto, perante a diretoria.</p> <p>Parágrafo 7º - O associado tem o direito de apresentar defesa escrita em processo de exclusão aberto pela diretoria, no prazo de 10 (dez) dias do recebimento, via AR, da denúncia oferecida.</p> <p>Capítulo IV</p>	<p>Do patrimônio, da receita e das despesas</p> <p>Art. 5º - A associação dos Romeiros da Santíssima Trindade dos Pireneus manterá autonomia patrimonial, administrativa e financeira.</p> <p>Art. 6º - O patrimônio da associação dos Romeiros da Santíssima Trindade dos Pireneus será composto pelos bens móveis e imóveis que a entidade possua ou venha a possuir por meio de doações, legados, contribuição ou de qualquer tipo de aquisição.</p> <p>Art. 7º - A receita será proveniente de subvenções, contribuições, doações, e organização de eventos para angariar fundos.</p> <p>Art. 8º - As despesas ordinárias e extraordinárias deverão estar voltadas para os objetivos da associação e o custeio da administração e operacionalização de suas propostas e projetos, e deverão ser referendadas anualmente pelo conselho fiscal.</p> <p>Parágrafo Único - As normas de prestação de contas determinarão:</p> <p>a) A observância dos princípios fundamentais de contabilidade e das normas Brasileiras de contabilidade;</p> <p>b) A publicidade por qualquer meio eficaz, no encerramento do exercício fiscal do relatório de atividades e das demonstrações financeiras da entidade, incluindo-se as certidões negativas de débito junto ao INSS e ao FCTS, para exame de qualquer cidadão;</p> <p>c) Realização de auditoria, inclusive por auditores externos independentes se for caso, da aplicação de eventuais recursos objeto de termo de parceria conforme previsto em regulamento;</p> <p>d) Prestação de contas de todos os recursos e bens de origem pública recebidos conforme determinada o § único do Art. 70 da constituição federal.</p> <p>Capítulo V</p> <p>DA ASSEMBLÉIA GERAL</p> <p>Art. 9º - A assembleia geral dos associados, ordinária ou extraordinária e o órgão soberano da associação e dentro dos limites da lei e deste estatuto, tomarão toda qualquer decisão do interesse desta organização e suas deliberações vinculam todos, ainda que ausentes ou discordantes.</p> <p>Parágrafo 1º - Deverá convocar e presidir a Assembleia Geral o presidente e na sua ausência, qualquer membro da diretoria, auxiliado pelo secretário executivo e, sua ausência por qualquer associado convocado para exercer tal função.</p>

Art. 10º - As Assembleias Gerais serão convocadas com antecedência mínima de 15 dias, por meio de editais afixados em locais públicos, via levis e de ampla circulação e poderão ser reforçados por correspondências via correio, e-mail, livro de protocolo ou carta de som.

Parágrafo 1º - O "quorum" para instalação da Assembleia Geral será de 50% e mais um dos associados, em primeira convocação, e de qualquer número em segunda convocação, instaurada no mínimo após 1h hora.

Parágrafo 2º - Serão necessários os votos de cinquenta por cento (50%) mais um dos associados presentes para tomar válidas as deliberações das Assembleias Gerais.

Art. 11º - As deliberações das Assembleias Gerais somente poderão versar sobre assuntos constantes no edital de convocação.

Parágrafo 1º - Em geral, a votação será por aclamação, mas a Assembleia poderá optar pelo voto secreto, atendendo-se então as normas usuais.

Parágrafo 2º - Os associados não poderão votar sobre assuntos que a eles se refiram de maneira direta, mas não ficarão privados de tomar parte nos respectivos debates.

Capítulo VI

Da Assembleia Geral Ordinária

Art.12 - A Assembleia Geral Ordinária se realizará anualmente, após um ano de atividade da diretoria executiva e deliberará sobre os seguintes assuntos:

- Relatório de atividades da Diretoria;
- Prestação de contas previamente aprovada pelo conselho fiscal;
- Eleição dos membros da diretoria e do conselho fiscal, quando for o caso;
- Definição do valor da contribuição anual;
- Elencar um plano de ação da associação para festa seguinte e avaliar o resultado do plano realizado no ano passado;
- Definir data da assembleia geral ordinária; e
- Qualquer assunto de interesse social.

Capítulo VII

Da Assembleia Geral Extraordinária

Parágrafo 3º - Em caso de recebimento de denúncia escrita e fundamentada para exclusão de associado, deverá abrir processo, nomeando um associado para relatar e intimar o associado denunciado para apresentar defesa no prazo de 10 dias.

Art. 13 - A diretoria rege-se pelas seguintes normas:

- Reunir-se a obrigatoriamente a cada três meses ou quantas vezes se fizerem necessárias para planejamento, acompanhamento e avaliação das ações da associação ou por convocação do presidente, ou da maioria dos sócios da entidade;
- Reunir-se a com a presença de um mínimo de três membros; e
- Os membros da diretoria que se ausentarem a mais de três reuniões consecutivas sem justificativa serão substituídos por eleição em assembleia extraordinária.

Parágrafo único - As reuniões da diretoria serão abertas à participação de todos associados, não lhe cabendo, no entanto, o direito de deliberar.

Art.18 - Compete a diretoria:

- Indicar e/ou contratar especialistas para recomendar soluções a problemas da instituição que dependem de estudos e parecer técnicos;
- Analisar e decidir sobre projeto de estrutura funcional e organizacional da instituição;
- Estabelecer critérios e parâmetros para remuneração dos serviços prestados por terceiros;
- Definir critérios para seleção e admissão de pessoal;
- Acompanhar e avaliar o desenvolvimento das atividades da associação, bem como o nível de qualidade de seus projetos nas diversas áreas de atuação;
- Emitir ordens executivas para disciplinar o funcionamento da associação;
- Convocar assembleia extraordinária para deliberar sobre assuntos omissos neste estatuto e aprovação de projetos;
- Nomear, através de ordem executiva, outro associado para auxiliar no desempenho de suas funções.

Parágrafo único - As decisões da diretoria serão tomadas por maioria simples cabendo ao presidente o voto de desempate.

Art. 13 - A Assembleia Geral Extraordinária realizar-se-á sempre que necessário, e poderá deliberar sobre qualquer assunto de interesse da associação, deste que mencionando no edital de convocação.

Art. 14 - É da competência da Assembleia Geral Extraordinária deliberar sobre os seguintes assuntos:

- Reforma estatutária;
- Fusão, incorporação ou desmembramento;
- Mudanças de objetivos da associação;
- Dissolução voluntária;
- Destituição e substituição da Diretoria ou do conselho fiscal;
- Exclusão de associados;
- Decidir sobre a conveniência de alienar, transigir, hipotecar ou permutar bens patrimoniais; e
- Qualquer assunto de interesse social e ambiental.

Capítulo VIII

Da Diretoria Executiva

Art. 15 - A Associação dos Romeiros da Santíssima Trindade dos Pirineus será administrada por uma diretoria executiva composta por cinco (05) associados, eleitos em assembleia Geral Ordinária para um mandato de três (03) anos, com os cargos de presidente, vice-presidente, secretário executivo, tesoureiro e secretário da mobilização e comunicação.

Art. 16 - Os integrantes da diretoria não receberão sob qualquer forma, remuneração pelo seu desempenho na associação.

Parágrafo 1º - Os diretores não serão pessoalmente responsáveis pelas obrigações que contraírem em nome da Associação, mas responderão solidariamente pelos prejuízos de seus atos ao agirem com culpa ou dolo.

Parágrafo 2º - Em caso de vacância de qualquer cargo, o mesmo será suprido por nova eleição em assembleia extraordinária, para finalizar o mandato em curso, no prazo máximo de 02 meses para esta nova eleição.

a) Presidir a associação, definir linhas de ação, supervisionar a execução dos programas e projetos, representar a entidade em juízo e fora dele, em todos os eventos em que participe;

b) Assinar, em conjunto com tesoureiro, contratos, acordos, procurações e convênios em nome da associação, destinados a contribuir efetivamente para o cumprimento dos objetivos definidos neste estatuto;

c) Assinar em conjunto com tesoureiro, cheques, requisições de talonários, solicitações de transferência de fundos, ordens de pagamento, abertura de contas bancárias e todos os demais documentos necessários ao cumprimento das obrigações financeiras da associação;

d) Assinar em conjunto com o secretário executivo os atos das assembleias gerais e da diretoria;

e) Convocar e presidir as assembleias gerais e reuniões da diretoria.

Art. 20 - Ao Vice-presidente cabe:

a) Substituir e representar o presidente em sua ausência e executar ações e programas definidos pela diretoria;

b) Fiscalizar a qualidade e padrões dos projetos executados pela associação através do assíduo contato com a coordenação dos mesmos e executar ações desencadeadoras de parcerias, convênios ou associações;

c) Participar efetivamente das reuniões e das ações da associação com direito a voto para o cumprimento dos objetivos definidos neste estatuto.

Art. 21 - Ao secretário executivo cabe:

a) Substituir e representar o presidente e o vice-presidente na suas ausências e executar as ações e programas definidos pela diretoria;

b) Orientar e controlar a execução das atividades técnicas e administrativas, sugerindo à diretoria a emissão de ordens executivas necessárias a organização e o melhor funcionamento da associação;

c) Secretariar e levar as atas das reuniões da diretoria e das Assembleias Gerais, assinando-as com o Presidente e responsabilizando-se pelos livros, documentos e arquivos da associação;

d) Zelar pela organização dos documentos e da correspondência interna e externa

prestação de contas da diretoria e do conselho fiscal, contendo os seguintes documentos:

- a) Relatório anual de atividades;
- b) Demonstrativos de receitas e despesas;
- c) Parecer do conselho fiscal;
- d) Relatório de auditoria externa, quando solicitado.

Art. 31 – A Associação dos Romeiros da Santíssima Trindade dos Pireneus poderá admitir funcionários para o seu próprio quadro contratar serviços de terceiros, inclusive, para suprir mão de obra.

Art. 32 – Os integrantes dos órgãos de administração não responderão, nem mesmo subsidiariamente, pelas obrigações assumidas pela associação, em virtude de ato regular de gestão. Poderão, no entanto, nessa qualidade serem responsabilizados, civil e pessoalmente, por atos lesivos a terceiros ou a própria entidade, se participados com dolo ou culpa, ficando ainda pessoalmente responsável pelo não cumprimento nos termos legais, regulamentares e estatutários, de seus deveres como gestores e aplicadores de patrimônio e receita da instituição, de temporária prestação de contas de sua administração e de supervisão da associação aos sistemas de controle legalmente instituídos no país.

Art. 33 – A associação dos Romeiros da Santíssima Trindade dos Pireneus só será dissolvida nos casos previstos em lei e no caso de impossibilidade de cumprir seus fins com autonomia, devendo o ato ser aprovado por 2/3 (dois terços) dos associados em assembleia geral extraordinária especialmente convocada para deliberar sobre esta finalidade.

Parágrafo 1º – Em caso de dissolução da associação, seu patrimônio líquido será transferido à outra pessoa jurídica qualificada nos termos da lei 9.790/99 preferencialmente que tenha o mesmo objetivo social, registrada no conselho nacional de assistência social - CNAS, a ser definido na reunião mencionada no "caput" deste artigo, sendo que o patrimônio da associação não poderá, em nenhuma hipótese, ser desmembrado.

Art. 34 – A associação passará a ter os seguintes livros:

- a) De registro de presenças e atas das assembleias gerais ordinárias e extraordinárias;
- b) De registro de presenças e atas das reuniões da diretoria;
- c) De inscrição dos associados; e

(03) membros titulares e um suplente, todos eleitos na assembleia geral para eleição da diretoria, sendo os seus mandatos coincidentes com o da mesma;

Parágrafo 1º – Em caso de vacância, o mandato será assumido pelo respectivo suplente, até o seu término.

Art. 25 – O conselho fiscal, no exercício de suas funções, estará obrigado a observar as disposições deste estatuto.

Art. 26 – O conselho fiscal reunir-se-á ordinariamente a cada ano, ou extraordinariamente, sob convocação da assembleia geral ou a pedido da diretoria através da notificação pessoal e por escrito.

Art. 27 – Compete ao Conselho Fiscal:

- a) Examinar os livros de escrituração da associação;
- b) Opinar sobre os balanços e relatório de desempenho financeiro e contábil e sobre as operações patrimoniais realizadas, emitindo pareceres para os organismos superiores da Associação;
- c) Requisitar ao tesoureiro, a qualquer tempo, documentação, comprobatória das operações econômicas, financeiras realizadas pela Associação;
- d) Acompanhar o trabalho de eventuais auditores externos independente;
- e) Convocar, unicamente, assembleia geral extraordinária.

Art. 28 – Os membros do Conselho Fiscal respondem pelos danos resultantes de omissão no cumprimento de seus deveres e de atos praticados com culpa ou dolo, ou com violação da lei ou do estatuto.

Capítulo X

Disposições Gerais e Transitórias

Art. 29 – A escolha da primeira diretoria executiva será imediata a aprovação do presente estatuto social.

Parágrafo 1º – O início do mandato da diretoria eleita contará da data de registro em cartório do presente estatuto, a partir do registro o mandato da diretoria é válido por três anos.

Parágrafo 2º – A diretoria eleita deve marcar eleição da nova diretoria com antecedência de dois (02) meses antes do término do mandato.

Art. 30 – O exercício financeiro coincide com o ano civil, sendo válida a partir da data de registro em cartório deste estatuto, a assembleia geral será convocada para

f) Dar encaminhamento e acompanhar até decisão final o processo de exclusão do associado, garantindo o direito de defesa do denunciado.

Art. 22 – Ao tesoureiro cabe:

- a) Gerenciar as questões de finanças necessárias ao bom funcionamento da associação em seus aspectos jurídicos, logísticos, contábeis, trabalhistas e patrimoniais;
- b) Analisar e assinar os demonstrativos mensais de caixa e providenciar seu encaminhamento ao conselho fiscal;
- c) Participar ativamente nas gestões de captação de recursos financeiros, fornecendo todas as informações e preenchendo os formulários necessários para tal formalidade; e
- d) Cuidar da contratação e dispensa do pessoal, seja efetivo, temporário ou terceirizado, sempre que solicitado por qualquer membro da diretoria;

Art. 23 – Ao Secretário da Mobilização e comunicação cabe:

- a) Convocar os associados e frequentadores da festa para reuniões e assembleias gerais;
- b) Mobilizar os associados para atividades comprometidas com os objetivos deste estatuto;
- c) Planejar, orçar, coordenar e avaliar a execução de um programa de incremento institucional para a associação, definindo mídia e eventos, tanto de natureza exclusiva, quanto de forma associada com outras entidades;
- d) Articular-se com entidades nacionais ou estrangeiras, em conjunto com o presidente, a fim de obter cooperação de qualquer natureza, com vistas ao desenvolvimento dos programas da associação;
- e) Definir e aprovar formas de participação e divulgação da associação em eventos organizados por outras entidades;
- f) Elaborar o boletim informativo da associação dos Romeiros da Santíssima Trindade com periodicidade mínima semestral.

Capítulo IX

Do conselho fiscal

Art. 24 – O conselho fiscal, órgão responsável pela fiscalização da gestão administrativa, econômica financeira e contábil da associação e composto de três

d) Do conselho fiscal.

Art. 35 – A associação disciplinará seu funcionamento por meio de ordens normativas, emitidas pela Assembleia Geral, Ordens Executivas, emitidas pela Diretoria, sempre lavrada nos respectivos livros de Atas.

Art. 36 – O presente estatuto poderá ser reformulado, no todo ou em parte, a qualquer tempo, se aprovado pela maioria dos associados em assembleia geral extraordinária. As modificações entram em vigor depois de aprovadas, na data de seu registro em cartório.

Anexo 3 - Textos escritos por Christóvam José de Oliveira na década de 1960.

Salve, Pireneus do Novo Mundo

Foi na beleza tremenda de uma pavorosa tempestade, descendo lenções de fogo sobre a montanha salpicada de faíscas, que o dedo de Deus assomou nas vagas enroladas das nuvens fugitivas, e começou a tecer com fios imponderáveis os encantos da história dos Pireneus.

E lá no fundo desse maravilhoso quadro vivo, pautado de sofrimentos, onde tudo se unificou nos desígnios adoráveis da Providência, surgiu a graça positiva da dor, numa tragédia de três irmãos, manifestada em água, ferro e fogo, no coração de um militar de espada virgem.

E assim à luz se fundiu com a sombra do mais ingrato dos pecadores, para maior glória da Santíssima Trindade no seu trono original neste Planeta, ou seja no alto da grande montanha dos Pireneus, três vezes santa, como três vezes feita a histórica capelinha, qual flor de jaspe perfumando as orações que de lá a briza espalha, levando espaço agora, a ditosa coroa mística do sacrifício de sangue, tecida com flores do campo molhadas de orvalho reparador.

Ela o marco indelével plantado no coração do Brasil erguendo aos pés de Deus, em oração contínua, confirmada pelas santas Missas festivas que, no corrente ano, celebrar-se-á a XXXVI no dia 17 de Julho seguinte (no plenilúnio) aqui pelo nosso Insigne e bondoso Dom Antonio Ribeiro de Oliveira D. D. Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Goiânia, em homenagem de glorificação à Adoranda Trindade, e em súrgio das almas dos fundadores espirituais do Santuário: Padre Santiago e Dom Emmanoel de saudosas e eternas memórias.

A gloriosa Nossa Senhora Auxiliadora proporcionará a todos os romeleros uma alegria perenal tão santa como a de Dom Emmanoel, quando por ali ele andava ao som da canção de Maria.

Pirenópolis, Junho de 1962

O TESOUREIRO

NOS PIRENEUS DO HEMISFERIO AUSTRAL

Com o sôpro do Eterno Ser Uno e Trino, no alto da arquitetura privilegiada do rei da criação, completando duas vidas que se misturam num complexo antagônico de corpo e alma - apareceram os prodígios objetivados pela inteligência e difundidos na imensidade do Universo, em glorificação e adoração contínua ao criador.

Assim era no princípio, antes do pecado, e depois com os anjos, em defesa, brandindo a "Espada Inflamada"... Agora e sempre com a prole nova mandada do céu ao Seio da Virgem consubstanciada em Cristo sobre os altares neste maravilhoso planeta, em que se levantou o santuário consagrado ao Eterno Ser, Uno e Trino, no alto de três colunas plurimilenárias, no centro do orbe terráqueo, no coração do Brasil, coroando os Pireneus de Goiás; na mudez eloquente, encantadora e sombria, de um mar de montanhas piramidais, cujas ondas se encrespam, petrificando-se em rochas vivas que não se cançam, no silêncio do êrmo, de glorificar a impenetrabilidade dos Arcanos Divinais. Foi assim o plano divino revelado naquelas alturas, numa convulsão natural dos fenômenos atmosféricos, de nove para dez de agosto de 1919 (no plenilúnio). Então, trazendo também à memória, o Ano Santo dos 19 séculos da Redenção, tão longe e tão perto, no outro lado do Hemisfério, em honra, glória e adoração a Nosso Senhor. Daí a alegria perene e a beleza simples daquela atraente e sobranceira festividade, pela qual ainda não faltou sucessor dos Querubins... para brandir a "Espada Inflamada" sobre o altar, formado do tronco de uma árvore e de sua raiz brotou uma flor que não perderá jamais o aroma a perfumar o caminho da "Árvore da Vida" ou seja o sublime sacrifício do AMOR DIVINO, na celebração da trigésima sétima missa festiva em honra da SANTÍSSIMA TRINDADE, no dia 7 de julho seguinte (no plenilúnio) sob a integridade da grande alma do preclaro Antistite DOM Antonio Ribeiro de Oliveira P. P. Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Goiânia. "Se os discípulos caírem, falarão as pedras", como o som do bronze que nos chama à oração.

Maio de 1963.

O TESOUREIRO: CRISTOVAM JOSÉ DE OLIVEIRA

XXXIX MISSA FESTIVA NOS PIRENEUS

XIII - VII - LXV

Após o "Fiat" ONIPOTENTE e o portento da majestosa Criação, surgiu do ONICENTE o augustíssimo Mistério da Trindade, revelado pela primeira vez, reverberando o Sol Divino na tela da visão longínqua da história do homem espiritual. Daí o feixe luminoso da luz solar da Fé, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, assim como era no princípio com o ONIPRESENTE... "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança: — DEUS UNO E TRINO — Eis o emblema do segrêdo da vida divina, encerrado numa radiosa manhã cheia de encantamentos nos esplendores relevos no Planeta terrestre, então consagrado ao mais profundo Mistério do Creador; e, em nossos dias, confirmado com a presença do HOMEM-DEUS sacramentado pela primeira Santa Missa festiva oficiada ali, aos 19 de Julho de 1927; numa radiosa manhã cheia de encantamentos nos esplendores da Aurora subindo da Terra, e nos divinais réverberos eternos descendo do Céu.

Assim será a continuação de JESUS-HÓSTIA resplandecendo nas penedias no tabór do novo mundo, para ser glorificado e adorado pelos Anjos e pela humanidade redimida no alto da montanha — eternamente depositada na amplidão do SEIO DA VIRGEM — onde a cena mais cruciante, mais sublime e adorável do AMOR DIVINO se desenrolou.

SUS AOS PIRENEUS, SÉRES HUMANOS DE TODAS AS RAÇAS!!!

Pirenópolis — Abril de 1965

ORIGEM DA ROMARIA DOS PIRENEUS

Foi na escuridão cintilante que se irradia do alto da arquitetura maravilhosa de cada ser humano que a inviolabilidade de um pensamento, mereceu a graça de engendrar (em 1928) a imagem da Trindade Santa, venerada naquelas alturas; concluindo na adoração de Deus Uno e Trino, simbolizado ali, à sombra do Céu; atraindo a alma da gente, para as profundezas do Augustíssimo Mistério Eterno, revelado também na sabedoria da história, que ainda se desenrola com testemunho de fé, rumo a eternidade - feliz.

E assim, com essa mesma cintilação ou seja a presença de Deus na creatura, nem «Satanás»... (sempre em pé de guerra nas fronteiras do mundo espiritual) poderá perturbar a mudez eloquente do silêncio das pedras, que continua convidando a todos para assistirem no dia 21 de Julho seguinte (no plenilúnio) a celebração da XXI missa festiva naquelas paragens, em preito de adoração e agradecimento a Nosso Senhor resplandecendo na alvura - rubra da Hóstia Santa erguida no centro da Esfera terrestre dependurada no espaço, onde se levanta a Santuário - único no mundo - feito do tronco de uma árvore, e de sua raiz brotou o símbolo sagrado em que lá se rende culto, fazendo subir-se - do silêncio dos milênios - os encantados Pireneus de Goiás, amparados com a efigie de Nossa Senhora da Abadia, vinda de além-mar, intervindo na alegria de todos, para maior - glória de Deus.

Caeli enarrant gloriam Dei.

Pirenópolis, março de 1967.

Anexo 5 - Regulamento aplicado pela Paróquia N^a Senhora do Rosário na Festa Morro do ano 2011.

**FESTA DO MORRO
EM LOUVOR A SANTÍSSIMA TRINDADE**

REGULAMENTO

O Pároco da Paróquia Nossa Senhora do Rosário da cidade de Pirenópolis-Goiás, Pe. ANEVAIR JOSÉ DA SILVA, no uso das atribuições que lhe são conferidas, em comunhão com os romeiros, resolve, pelo presente instrumento, regulamentar a Festa do Morro em louvor a Santíssima Trindade, que ocorre no plenilúnio de julho, no Morro dos Pireneus deste município e paróquia.

Considerando que a festa é uma romaria de cunho eminentemente religioso/contemplativo realizada no plenilúnio de todo mês de julho, e que teve seu início em julho de 1927, pelo Comendador Cristovam José de Oliveira e sua família, com incentivo do Arcebispo Dom Emmanoel Gomes, então Arquidiocese de Goiás, com o passar do tempo vem se descaracterizando e se profanizando;

Considerando que ultimamente são apresentadas várias reclamações dos fiéis em relação aos bons costumes e agressões ao meio ambiente com profanações e poluição sonora com som automotivo;

Considerando que a forma de escolha do "festeiro", não adéqua aos costumes da tradição da paróquia Nossa Senhora do Rosário.

Resolve:

1. A romaria realizar-se-á no plenilúnio de julho, com duração de quatro (04) dias com início do tríduo, às 19:00 horas, no terceiro dia que antecede ao plenilúnio, e no último dia, haverá fogueira, levantamento de mastro e confraternização;
2. Os romeiros acamparão no largo da capela e adjacências em área demarcada;
3. A novena da Festa será nos plenilúnios com início em novembro, a realizar-se no largo da capela;
4. A procissão com a imagem da Santíssima Trindade sairá da Igreja do Bonfim às 17:00 horas, em direção ao Morro, na data do início do Tríduo;
5. Será celebrada a Santa Missa na capela do pico do morro, no dia do Plenilúnio de julho, último dia da festa;
6. O festeiro da romaria e festa em louvor à Santíssima Trindade do Morro Pireneus será escolhido através de sorteio entre os fiéis interessados, devendo os mesmos serem católicos, pirenopolinos e romeiros.
7. A responsabilidade do festeiro inicia-se a partir de novembro, obrigando-se a promover e organizar a romaria, orientar e assistir aos romeiros e zelar pela ordem; para isso deverá contar com o apoio da Polícia Militar, Corpo de Bombeiros, autoridades civis e se necessário, judiciais.
8. Os romeiros devem considerar e acatar as normas atinentes ao Parque dos Pireneus.
9. Será proibido som automotivo.
10. Não serão admitidos ambulantes e os romeiros deverão coibir o uso de álcool e outras drogas.
11. Serão demarcadas áreas para funções religiosas e acampamentos.
12. Os romeiros que irão acampar deverão ser cadastrados com antecedência. Os mesmos receberão a cada ano o certificado de Romeiro da Santíssima Trindade. Esta responsabilidade será do festeiro de cada ano. Este cadastramento deverá ser realizado todos os anos.

Pirenópolis, 28 de janeiro de 2011.

Paróquia Nossa Senhora do Rosário.

Digitalizado com CamScanner

Anexo 6 - 10 plantas do Cerrado mais utilizadas na medicina popular na região de Pirenópolis. “O campo é a medicina natural. O remédio do campo é tão importante, mas tem que saber” (PEREIRA, 2004).

1 - Arnica – *Lychnophora ercoides*. Em infusão no álcool, é utilizada como cicatrizante de machucados e picadas de insetos.

2 - Assa-peixe. *Vernonia elegans e Vernonia ferrugínea*: As duas espécies, o chá das folhas, é utilizado para problemas pulmonares.

3 - Barbatimão – *Stryphnodendron adstringens*. O chá da casca é eficaz nas feridas externas.

4 - Congonha – *Rudgea viburnioides*. O chá das folhas é utilizado para problemas renais.

5 - Copaíba – *Copaifera langsdorffi*. O óleo é empregado no combate à bronquite.

6 - Douradinha-do-campo – *Palicourea coriacea*. O chá das folhas é usado como diurético

7 - Jatobá – *Hymenaea stigonocarpa*. O chá da casca é utilizado para bronquites e asma. A seiva é digestiva e estimulante.

8 - Lobeira – *Solanum lycocarpum*. O Chá das flores é utilizado para gripe e resfriado. O pó do fruto verde é indicado para problemas no estômago e o fruto maduro é vermífugo.

9 - Pau-terra – *Qualea grandiflora e Qualea parviflora*. As duas espécies, o chá da casca, ou a infusão no álcool, serve para feridas e inflamações. O chá das folhas é utilizado para diarreias e cólicas.

10 - Sucupira – *Pterodon emarginatus*. As sementes amargosas, depois de amassadas, libera um óleo que misturado com água, é utilizado para inflamação de garganta.